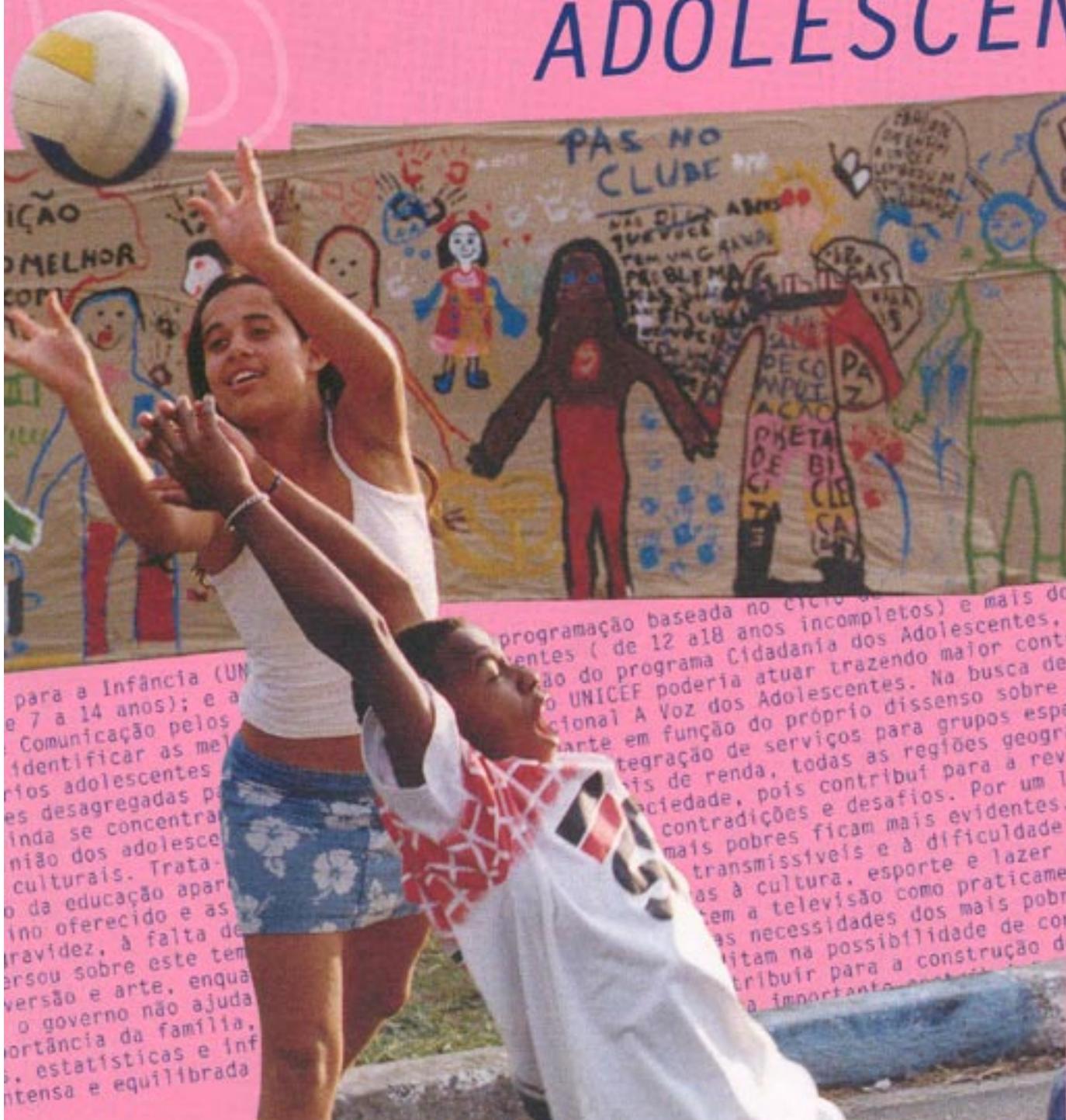


ADOLESCENTES

A VOZ DOS ADOLESCENTES



para a Infância (UN
e 7 a 14 anos); e a
Comunicação pelos
identificar as mel
rios adolescentes
es desagregadas pa
inda se concentra
nião dos adolesce
culturais. Trata-
o da educação apar
ino oferecido e as
ravidez, à falta de
ersou sobre este tem
versão e arte, enqua
o governo não ajuda
ortância da família,
estatísticas e inf
tensa e equilibrada

programas
programas que
de 12 a 18 anos incompletos) e mais dois programas que
do programa Cidadania dos Adolescentes, diversas
UNICEF poderia atuar trazendo maior contribuição. Nessa
cional A Voz dos Adolescentes. Na busca de dados e
parte em função do próprio dissenso sobre o início e fim
tegração de serviços para grupos específicos, dos
is de renda, todas as regiões geográficas, dos
sociedade, pois contribui para a revelação de graves
contradições e desafios. Por um lado, um grande
mais pobres ficam mais evidentes. O acesso a
transmissíveis e à dificuldade de dialogar mais
as à cultura, esporte e lazer apresentam
tem a televisão como praticamente a única
as necessidades dos mais pobres. Diferente do que
sitam na possibilidade de contribuir para um
tribuir para a construção de espaços de
a importante
construir um mundo

A Voz dos Adolescentes

A Voz dos Adolescentes

A Voz dos Adolescentes

Realização:

UNICEF

Representante

Reiko Niimi

Oficial de Programação Sênior

Craig Loftim

Programa Cidadania dos

Adolescentes

Mário Volpi

Núcleo de Comunicação

Rachel Mello

Adriana Alvarenga

Letícia Sobreira

Else Richwin

Renata Gomes

André Carvalho

Projeto gráfico

Wagner Alves (Anagraphia Design)

Fotografia de capa

Mila Petrillo

Fotografias

Mila Petrillo (exceto nas páginas 54, 76, com fotos de Alejandro Balaguer e Claudio Versiani, página 14)

Empresa Executora:

Fator OM - Opinião e Mercado

Diretores

Alexandre Guilherme Motta

Eugênio Carlos Ferreira Braga

Rogério Gímenes Giugliano

Coordenadores da pesquisa quantitativa

André Resende

Gabriela Goulart

Gustavo Cunha

Nara Kohlsdorf

Consultores Externos

Cíntia Queirós

Fernanda de Paula

Flávio Gonçalves

Consultores

Ana Janaina Souza

Maria Caroline Lima

Apoio Técnico

Lorena Bueno

Tatiana Paggy

Pesquisa qualitativa

Coordenação e elaboração

Rogério Gímenes Giugliano

Ana Janaina Souza

Alexandre Guilherme Motta

Rogério Gímenes Giugliano

Consultores

Ana Janaina Souza

Nara Kohlsdorf

Letícia Rosa

Juliana de Andrade

ÍNDICE

<u>Apresentação</u>	<u>13</u>
<u>Metodologia</u>	<u>15</u>
Plano Amostral	17
Análise qualitativa	20
Estrutura dos grupos	21
Metodologia aplicada	23
O encontro	23
Números comparadores	24
<u>Capítulo I - O perfil do universo adolescente</u>	<u>26</u>
Divisão da população por sexo	27
Divisão etária da população	27
Divisão étnico/racial da população	28
Núcleo familiar	29
Condições de moradia da população	31
Estratificação social da população	35
Trabalho e estudo	36
<u>Capítulo II</u>	<u>39</u>
Família, a mais importante das instituições	43
Educação – matrícula em alta	46
A escola, seu espaço e seus conteúdos	49
Abandono da escola	58
A escola, os pais e a comunidade	59
Ingresso no mundo do trabalho	60
Trabalho versus Escola	68
Hora do lazer, os amigos e a TV	72
Exclusão digital	94
Arte, assistir e fazer	96
Sonhos e expectativas	97
Sexualidade	124
Programas complementares	104
Camisinha e gravidez	110
Drogas	110
Pobreza	114
Violência	116
Diálogo em casa	125
Respeito	127
Instituições de referência e participação	132
Deixar e participação	140
Estatuto da Criança e do Adolescente	142
Garantir direitos x cumprir normas	147

Tabela 1 - Distribuição dos entrevistados por região, estado e cidade - para a Região Norte	18
Tabela 2 - Distribuição dos entrevistados por região, estado e cidade - para a Região Nordeste	18
Tabela 3 - Distribuição dos entrevistados por região, estado e cidade - para a Região Sudeste	19
Tabela 4 - Distribuição dos entrevistados por região, estado e cidade - para a Região Sul	19
Tabela 5 - Distribuição dos entrevistados por região, estado e cidade - para a Região Centro-Oeste	20
Tabela 6 - Frequência dos adolescentes, segundo sexo (nacional)	27
Tabela 7 - Frequência dos adolescentes, por região, segundo sexo	27
Tabela 8- Adolescentes, segundo faixa etária (nacional)	28
Tabela 9- Adolescentes, por região, segundo faixa etária	28
Tabela 10 - Frequência de adolescentes, segundo raça (nacional)	29
Tabela 11 - Frequência de adolescentes, segundo integrantes do núcleo familiar (nacional)	30
Tabela 12 - Adolescentes, segundo chefe da família (nacional)	30
Tabela 13 - Adolescentes, por presença do pai no núcleo familiar, segundo sexo do chefe da família	30
Tabela 14 - Frequência de adolescentes, segundo o acesso à água tratada (nacional)	31
Tabela 15 - Frequência de adolescentes, segundo o acesso à coleta de lixo (nacional)	31
Tabela 16 - Frequência de adolescentes, segundo o acesso à rua asfaltada (nacional)	31
Tabela 17 - Frequência de adolescentes, segundo o acesso à iluminação pública (nacional)	32
Tabela 18 - Frequência de adolescentes, segundo o acesso à eletricidade (nacional)	32
Tabela 19 - Frequência de adolescentes, segundo a proximidade das escolas às residências (nacional)	32
Tabela 20 - Frequência de adolescentes, segundo o acesso aos postos de saúde/hospitais (nacional)	32
Tabela 21 - Frequência de adolescentes, segundo o acesso aos centros comunitários de cultura e lazer (nacional)	33
Tabela 22 - Frequência de adolescentes, segundo o acesso ao transporte público (nacional)	33
Tabela 23 - Frequência de adolescentes, segundo o acesso aos telefones públicos (nacional)	33
Tabela 24 - Frequência de adolescentes, segundo o acesso às agências dos Correios (nacional)	34
Tabela 25 - Frequência de adolescentes, segundo o acesso aos postos de polícia (nacional)	34
Tabela 26 - Frequência de adolescentes, segundo o acesso a faixas de pedestre e semáforos (nacional)	34
Tabela 27 - Frequência de adolescentes, segundo o acesso a creches (nacional)	34
Tabela 28- Adolescentes, por região, segundo classe social	35
Tabela 29 - Média de habitantes em uma residência por região, segundo classe social	35
Tabela 30 - Adolescentes, por região, segundo exercício de atividade profissional	36
Tabela 31 - Adolescentes, por exercício de atividade profissional, segundo sexo (nacional)	36
Tabela 32 - Adolescentes, por raça, segundo exercício de atividade profissional (nacional)	36
Tabela 33 – Adolescentes, por exercício de atividade profissional, segundo faixa etária	37
Tabela 34 - Adolescentes, por região, segundo matrícula na escola	37
Tabela 35- Adolescentes, por frequência na escola, segundo sexo (nacional)	37

Tabela 36 - Adolescentes, por frequência na escola, segundo raça (nacional)	38
Tabela 37 - Adolescentes, por frequência à escola, segundo exercício de atividade profissional (nacional)	38
Tabela 38 - Adolescentes, segundo instituições responsáveis pela garantia de seus direitos, (nacional)	43
Tabela 39 - Adolescentes por percepção da família como instituição responsável pela garantia de seus direito, classe social	43
Tabela 40 - Adolescentes, segundo situações que os deixam mais felizes (nacional)	44
Tabela 41 - Adolescentes, por felicidade quando estão com a família, segundo raça, (nacional)	44
Tabela 42 - Adolescentes, por região, segundo situações que os deixam infelizes	44
Tabela 43- Adolescentes, por região, segundo matrícula na escola	46
Tabela 44 - Adolescentes, por faixa etária, segundo matrícula na escola (nacional)	46
Tabela 45 - Adolescentes que trabalham, por região, segundo matrícula na escola	47
Tabela 46 - Adolescentes, por grau de escolaridade declarado e faixa etária, segundo sexo (nacional)	47
Tabela 47 - Adolescentes, por grau de escolaridade declarado e faixa etária, segundo classe social (nacional)	48
Tabela 48 - Adolescentes, por raça, segundo faixa etária e grau de escolaridade declarado (nacional)	49
Tabela 49 - Adolescentes, por classe social, segundo dependência administrativa em que estudam	49
Tabela 50 - Adolescentes, segundo a avaliação do espaço físico da escola (nacional)	50
Tabela 51 - Adolescentes, segundo sua relação com os professores (nacional)	51
Tabela 52 - Adolescentes, segundo a avaliação dos conteúdos lecionados (nacional)	51
Tabela 53 - Adolescentes, por região, segundo consideração de que suas aulas ajudam a compreender melhor a sociedade	51
Tabela 54 - Adolescentes, por dependência administrativa, segundo a avaliação dos conteúdos lecionados (nacional)	52
Tabela 55 - Adolescentes, segundo a avaliação de suas aulas (nacional)	52
Tabela 56 - Adolescentes, por classe social, segundo abandono escolar	58
Tabela 57 - Adolescentes, por região, segundo abandono escolar	59
Tabela 58 - Adolescentes, por raça, segundo abandono escolar	59
Tabela 59 - Adolescentes, por classe social, segundo a participação da comunidade nas atividades na escola	60
Tabela 60 - Adolescentes, por sexo, segundo exercício de atividade profissional (nacional)	60
Tabela 61 - Adolescentes, por raça, segundo exercício de atividade profissional (nacional)	61
Tabela 62 - Adolescentes, por região, segundo faixa etária em que começam a trabalhar	61
Tabela 63 - Adolescentes, por região, segundo opinião acerca da idade estabelecida por lei para que o jovem comece a trabalhar	64
Tabela 64 - Adolescentes que trabalham, por região, segundo regularização com carteira assinada	64
Tabela 65 - Adolescentes, por sexo, segundo regularização no trabalho com carteira assinada (nacional)	64
Tabela 66 - Adolescentes, segundo regularização no trabalho com carteira assinada, por classe social (nacional)	65
Tabela 67 - Adolescentes, por raça, segundo regularização no trabalho com carteira assinada (nacional)	66
Tabela 68 - Adolescentes, por classe social, segundo o exercício de atividade profissional	66
Tabela 69 – Adolescentes que trabalham, segundo o perfil de sua ocupação (nacional)	66
Tabela 70 - Adolescentes que trabalham, por região, segundo a percepção de que trabalhar prejudica os estudos	68
Tabela 71 - Adolescentes, por região, segundo a percepção de que trabalhar prejudica estudos	69
Tabela 72 - Adolescentes que trabalham, por região, segundo abandono escolar	69
Tabela 73 - Adolescentes, por região, segundo hábito de leitura	70
Tabela 74 - Adolescentes, por raça, segundo hábito de leitura	70

Tabela 75 - Adolescentes, por sexo, segundo hábito de leitura	70
Tabela 76 - Adolescentes, por região, segundo tipo de leitura preferida	71
Tabela 77 - Adolescentes, por raça, segundo tipo de leitura preferida	71
Tabela 78 - Adolescentes, por sexo, segundo tipo de leitura preferida	72
Tabela 79 - Adolescentes, por avaliação da qualidade da programação televisiva segundo classe social (nacional)	73
Tabela 80 - Média de horas diárias que os adolescentes dedicam para assistir televisão, por região, segundo classe social	73
Tabela 81 - Média de horas diárias que os adolescentes dedicam para assistir televisão, segundo faixa etária (nacional)	73
Tabela 82 - Adolescentes, por faixa etária, segundo tipo de programa de televisão que mais gostam de assistir	74
Tabela 83 - Adolescentes, por classe social, segundo tipo de programa de televisão que mais gostam de assistir	74
Tabela 84 - Adolescentes, por sexo, segundo programas de TV preferidos (nacional)	75
Tabela 85 - Adolescentes, por raça, segundo leitura de jornal ou revistas (nacional)	78
Tabela 86 - Adolescentes, por sexo, segundo leitura de jornal ou revistas (nacional)	78
Tabela 87 - Adolescentes, por região, segundo frequência com que lêem jornal ou revista	78
Tabela 88 - Adolescentes, por classe social, segundo as opções de lazer (nacional)	83
Tabela 89 - Adolescentes, por sexo, segundo as opções de lazer (nacional)	83
Tabela 90 - Adolescentes, por faixa etária, segundo as opções de lazer (nacional)	84
Tabela 91 - Adolescentes, por raça, que assistem televisão para se divertir (nacional)	84
Tabela 92 - Adolescentes, por raça, que vão a bares para se divertir (nacional)	85
Tabela 93 - Adolescentes, por raça, que vão a discotecas, boates e bailes para se divertir (nacional)	85
Tabela 94 - Adolescentes, por raça, que vão à igreja para se divertir (nacional)	86
Tabela 95 - Adolescentes, por raça, que vão a clubes recreativos para se divertir (nacional)	86
Tabela 96 - Adolescentes, por raça, que praticam esportes para se divertir (nacional)	86
Tabela 97 - Adolescentes, por raça, que vão ao cinema para se divertir (nacional)	87
Tabela 98 - Adolescentes, por raça, segundo frequência ao cinema (nacional)	87
Tabela 99 - Adolescentes, por raça, segundo frequência ao teatro (nacional)	91
Tabela 100 - Adolescentes, por raça, que frequentam atividades artísticas e culturais (nacional)	91
Tabela 101 - Adolescentes, por raça, segundo frequência a espetáculos de dança (nacional)	92
Tabela 102 - Adolescentes, por raça, que ouvem música para se divertir (nacional)	92
Tabela 103 - Adolescentes, por raça, segundo frequência a apresentações de música (nacional)	92
Tabela 104 - Adolescentes, por raça, que lêem para se divertir (nacional)	93
Tabela 105 - Adolescentes, por raça, que vão à casa de amigos e parentes para se divertir (nacional)	93
Tabela 106 - Adolescentes, por raça, que passeiam ou ficam pela rua para se divertir (nacional)	93
Tabela 107 - Adolescentes, por raça, que brincam com jogos eletrônicos e fliperama para se divertir (nacional)	94
Tabela 108 - Adolescentes, por raça, que usam o computador para se divertir (nacional)	94
Tabela 109 - Adolescentes que têm acesso à Internet, segundo classe social (nacional)	95
Tabela 110 - Adolescentes que têm acesso à Internet, segundo o local em que acessam (nacional)	95
Tabela 111 - Adolescentes, por raça, segundo acesso à Internet (nacional)	95
Tabela 112 - Adolescentes, por sexo, segundo acesso à Internet (nacional)	95
Tabela 113 - Adolescentes, por faixa etária, segundo acesso à Internet (nacional)	96
Tabela 114 - Adolescentes, por região, que já participaram de atividades artísticas e culturais, segundo classe social	96

Tabela 115 - Adolescentes, por sexo, segundo a participação em atividades culturais extracurriculares (nacional)	97
Tabela 116 - Adolescentes, por região, segundo expectativa com relação à sua vida futura	97
Tabela 117 - Adolescentes, por região, segundo percepção do que falta para sua vida melhorar	98
Tabela 118 - Adolescentes, por classe, segundo possibilidade de ter sonhos (nacional)	98
Tabela 119 - Adolescentes, por raça, segundo possibilidade de ter sonhos (nacional)	99
Tabela 120 - Adolescentes, segundo os sonhos mais citados (nacional)	99
Tabela 121- Adolescentes, segundo o que falta para seus sonhos acontecerem (nacional)	100
Tabela 122 - Adolescentes, por classe social, segundo suas expectativas sobre o Brasil (nacional)	100
Tabela 123 - Adolescentes, por raça, segundo suas expectativas sobre o Brasil (nacional)	101
Tabela 124 - Adolescentes, por região e por frequência com que discutem sua sexualidade, segundo classe social	101
Tabela 125 - Adolescentes, segundo avaliação da orientação sexual recebida pela família (nacional)	102
Tabela 126 - Adolescentes, segundo avaliação da orientação sexual recebida pela escola (nacional)	102
Tabela 127 – Adolescentes, segundo avaliação da orientação sexual recebida pelo posto de saúde (nacional)	103
Tabela 128- Adolescentes, segundo avaliação da orientação sexual recebida pelos amigos (nacional)	103
Tabela 129 - Adolescentes, por região, segundo avaliação da orientação sexual que recebem por meio da mídia	103
Tabela 130 – Frequência dos adolescentes que já tiveram relação sexual (nacional)	104
Tabela 131 - Adolescentes, por sexo, segundo atividade sexual (nacional)	104
Tabela 132 - Adolescentes, por sexo, segundo o uso de camisinha (nacional)	105
Tabela 133 - Adolescentes, por grau de escolaridade declarado, segundo o uso de camisinha (nacional)	105
Tabela 134 - Adolescentes, por uso da camisinha, segundo raça (nacional)	105
Tabela 135 - Adolescentes, por classe social, segundo o uso de camisinha (nacional)	106
Tabela 136 - Adolescentes que mantêm/mantiveram relações sexuais, segundo gravidez na adolescência (nacional)	106
Tabela 137 - Adolescentes que mantêm/mantiveram relações sexuais, por sexo, segundo gravidez na adolescência (nacional)	106
Tabela 138 - Adolescentes que mantêm/mantiveram relações sexuais, por faixa etária, segundo gravidez na adolescência	107
Tabela 139 - Adolescentes que mantêm/mantiveram relações sexuais, por raça, segundo gravidez na adolescência (nacional)	107
Tabela 140 - Adolescentes que mantêm/mantiveram relações sexuais, por classe social, segundo gravidez na adolescência	107
Tabela 141 – Adolescentes que mantêm/mantiveram relações sexuais, por região, segundo gravidez ou da parceira	108
Tabela 142 – Adolescentes que engravidaram (ou suas parceiras), por interrupção da gravidez	108
Tabela 143 - Adolescentes, por região, segundo interrupção da própria gravidez ou da parceira	108
Tabela 144 - Adolescentes, por classe social, segundo interrupção da gravidez (nacional)	109
Tabela 145 - Adolescentes, por faixa etária, segundo interrupção da gravidez (nacional)	109
Tabela 146 - Adolescentes, por sexo, segundo interrupção da gravidez (nacional)	109
Tabela 147 - Adolescentes que engravidaram (ou suas parceiras), por raça, segundo interrupção da gravidez (nacional)	110
Tabela 148 - Adolescentes, por uso de drogas (nacional)	110
Tabela 149 - Adolescentes, por classe social, segundo uso de drogas (nacional)	110
Tabela 150 - Adolescentes, por faixa etária, segundo uso de drogas (nacional)	111
Tabela 151 - Adolescentes, por sexo, segundo uso de drogas (nacional)	111
Tabela 152 - Adolescentes, segundo consumo de drogas (nacional)	111
Tabela 153 - Adolescentes, por região, segundo sugestões de ações governamentais para solucionar o problema da pobreza no Brasil	115
Tabela 154 - Adolescentes, por região, segundo opinião sobre a violência no Brasil	116

Tabela 155 - Adolescentes, por sexo, segundo a avaliação do Brasil como um país violento (nacional)	116
Tabela 156 - Adolescentes, por classe social, segundo avaliação do Brasil como um país violento (nacional)	116
Tabela 157 - Adolescentes, por raça, segundo a avaliação de que o Brasil é um país violento (nacional)	117
Tabela 158 - Adolescentes, segundo as explicações para a caracterização do Brasil como um país violento (nacional)	117
Tabela 159 - Adolescentes, por sexo, segundo problemas com relação à segurança (nacional)	118
Tabela 160 - Adolescentes, por tipo de problema com relação à segurança, segundo classe social (nacional)	118
Tabela 161 - Adolescentes, por ações para diminuir a violência, segundo raça (nacional)	119
Tabela 162 - Adolescentes, por ações para diminuir a violência, segundo faixa etária (nacional)	122
Tabela 163 - Adolescentes, por ações para diminuir a violência, segundo sexo (nacional)	123
Tabela 164 - Adolescentes, por classe social, segundo correção em que os pais batem com objetos (nacional)	125
Tabela 165 - Adolescentes, por classe social, segundo a oportunidade de falar e ser ouvido quando estão sendo corrigidos (nacional)	126
Tabela 166 - Adolescentes, por oportunidade de falar e ser ouvido quando estão sendo corrigidos, segundo raça (nacional)	126
Tabela 167 - Adolescentes, por raça, segundo a sensação de ter os seus direitos respeitados na família	127
Tabela 168 - Adolescentes, por raça, segundo sensação de ter os seus direitos respeitados pelos professores na escola	130
Tabela 169 - Adolescentes, por raça, segundo sensação de ter os seus direitos respeitados pelos colegas na escola	130
Tabela 170 - Adolescentes, por raça, segundo sensação de ter os seus direitos respeitados pela vizinhança	130
Tabela 171 - Adolescentes, por raça, segundo sensação de ter os seus direitos respeitados por seus amigos	131
Tabela 172 - Adolescentes, por raça, segundo sensação de ter os seus direitos respeitados como consumidor	131
Tabela 173 - Adolescentes, por região, segundo instituições que consideram importantes para a sociedade	132
Tabela 174 - Adolescentes, por sexo, segundo importância que atribuem à família para a sociedade	132
Tabela 175 - Adolescentes, por raça, segundo importância que atribuem à família para a sociedade	133
Tabela 176 - Adolescentes, por classe social, segundo importância que atribuem à família para a sociedade	133
Tabela 177 - Adolescentes, por raça, segundo importância que atribuem à escola para a sociedade	133
Tabela 178 - Adolescentes, por sexo, segundo importância que atribuem à escola para a sociedade	134
Tabela 179 - Adolescentes, por classe social, segundo importância que atribuem à escola para a sociedade	134
Tabela 180 - Adolescentes, por raça, segundo importância que atribuem à Igreja para a sociedade	135
Tabela 181 - Adolescentes, por sexo, segundo importância que atribuem à Igreja para a sociedade	135
Tabela 182 - Adolescentes, por classe social, segundo importância que atribuem à Igreja para a sociedade	136
Tabela 183 - Adolescentes, por raça, segundo importância que atribuem ao governo para a sociedade	136
Tabela 184 - Adolescentes, por sexo, segundo importância que atribuem ao governo para a sociedade	137
Tabela 185 - Adolescentes, por classe social, segundo importância que atribuem ao governo para a sociedade	137
Tabela 186 - Adolescentes, por raça, segundo importância que atribuem aos partidos políticos para a sociedade	138
Tabela 187 - Adolescentes, por sexo, segundo importância que atribuem aos partidos políticos para a sociedade	138
Tabela 188 - Adolescentes, por classe social, segundo importância que atribuem aos partidos políticos para a sociedade	139
Tabela 189 - Adolescentes, por raça, segundo importância que atribuem à polícia para a sociedade	139
Tabela 190 - Adolescentes, por sexo, segundo importância que atribuem à polícia para a sociedade	140
Tabela 191 - Adolescentes, por classe social, segundo importância que atribuem à polícia para a sociedade	140
Tabela 192 - Adolescentes em idade eleitoral (= 16 anos), por região, segundo posse de título de eleitor	141
Tabela 193 - Adolescentes, por classe social, segundo a posse do título de eleitor	141
Tabela 194 - Adolescentes em idade eleitoral (= 16 anos), segundo participação nas eleições dos governantes	141

Tabela 195 - Frequência de adolescentes que já ouviram falar do Estatuto da Criança e do Adolescente (nacional)	142
Tabela 196 - Adolescentes, segundo percepção sobre seu nível de informação a respeito do Estatuto da Criança e do Adolescente	143
Tabela 197 – Adolescentes, segundo a sua responsabilidade na garantia dos próprios direitos (nacional)	147
Tabela 198 – Adolescentes, segundo percepção do que é ser respeitado (nacional)	147

ÍNDICE DOS GRÁFICOS

<u>Gráfico 1.1</u> Adolescentes, segundo sua própria identificação em relação à raça (nacional)	28
<u>Gráfico 1.2</u> Adolescentes, por dependência administrativa, segundo a avaliação do espaço físico da escola (nacional)	50
<u>Gráfico 2.1.2</u> Adolescentes, por dependência administrativa, segundo a avaliação de suas aulas (nacional)	53
<u>Gráfico 2.2.2</u> Adolescentes, por dependência administrativa, segundo a avaliação de suas aulas (nacional)	53
<u>Gráfico 2.3.2</u> Adolescentes, por dependência administrativa, segundo a avaliação de suas aulas (nacional)	53

ÍNDICE DOS DESTAQUES

1. Família	45
2. Educação	56
3. Trabalho	65
4. Meios de comunicação	79
5. Lazer e diversão	82
6. Cultura	90
7. Drogas	114
8. Violência	123
9. Preconceito	131
10. Estatuto da Criança e do Adolescente	146



APRESENTAÇÃO

Em seu programa de cooperação para o período de 2002 a 2006, o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) optou por uma programação baseada no ciclo de vida. São três programas contemplando o Desenvolvimento Infantil (de 0 a 6 anos); a Educação para a Inclusão (de 7 a 14 anos); e a Cidadania dos Adolescentes (de 12 a 18 anos incompletos) e mais dois programas que atravessam todas as faixas etárias: Sistema de Garantias e Proteção; e Monitoramento e Comunicação pelos Direitos.

Para a definição do programa Cidadania dos Adolescentes, diversas informações, atividades e eventos com os parceiros foram realizados com o objetivo de identificar as melhores estratégias e onde o UNICEF poderia atuar trazendo maior contribuição. Nessa perspectiva de construir o programa de forma participativa, procurou-se ouvir os próprios adolescentes por meio desta pesquisa nacional A Voz dos Adolescentes.

Na busca de dados e estatísticas sobre a adolescência brasileira, observamos que existem poucas informações desagregadas para essa faixa etária, uma parte em função do próprio dissenso sobre o início e fim dessa fase da vida e outra parte em função de uma cultura de políticas públicas que ainda se concentram em áreas temáticas e não em integração de serviços para grupos específicos.

A Voz dos Adolescentes constituiu-se assim na primeira pesquisa de âmbito nacional a ouvir a opinião dos adolescentes brasileiros de todos os níveis de renda, todas as regiões geográficas, dos diferentes níveis de escolaridade, das diferentes raças e diferentes características culturais.

Trata-se de uma voz importante para a sociedade, pois contribui para a revelação de graves disparidades e muitas dificuldades em relação à garantia dos seus direitos.

A questão da educação aparece claramente como um universo de contradições e desafios. Por um lado, um grande esforço de garantia de acesso foi realizado com êxito, entretanto a qualidade do ensino oferecido e as dificuldades para os adolescentes mais pobres ficam mais evidentes.

O acesso a programas de saúde aparece de forma limitada com dados surpreendentes em relação à gravidez, à falta de cuidado com as doenças sexualmente transmissíveis e à dificuldade de dialogar mais abertamente sobre o tema. Segundo informa a pesquisa, 64% dos adolescentes não conversaram sobre este tema no último mês.

As questões relativas à cultura, esporte e lazer apresentam adolescentes na classe A com acesso às mais diferentes formas de entretenimento, diversão e arte, enquanto que a classe D, os mais pobres, tem a televisão como praticamente a única alternativa. Para 59%, o governo não incentiva atividades artísticas; 30% dizem que o governo não ajuda no que se refere à satisfação das necessidades dos mais pobres.

Diferente do que pode parecer ao senso comum, os adolescentes não são só reclamação. Enfatizam a importância da família, tem sonhos em relação ao país e acreditam na possibilidade de contribuir para um mundo melhor.

Ao dar voz aos adolescentes, esperamos que mais que construir tabelas, estatísticas e informações possamos, a partir delas, contribuir para a construção de espaços de participação e de políticas públicas que assegurem aos adolescentes uma vivência intensa e equilibrada dessa fase da vida para, a partir de sua importante contribuição, construir um mundo melhor.



Reiko Niimi
Representante do UNICEF
no Brasil

A pesquisa A Voz dos Adolescentes foi realizada em duas fases. A primeira é a análise quantitativa, feita a partir de um questionário com 148 perguntas. A pesquisa foi sediada em Brasília, onde um grupo de trabalho formado por sociólogos, estatísticos, cientistas políticos e jornalistas ligados à questão da infância e adolescência coordenou as atividades. Os pesquisadores, previamente capacitados para o trabalho, foram selecionados entre estudantes universitários e representantes de instituições ligadas aos direitos de crianças e adolescentes.

Nessa primeira fase, a técnica utilizada restringiu-se à aplicação de questionários estruturados. A análise dos questionários foi realizada a partir de ferramentas estatísticas.

O conjunto de perguntas foi dividido por temas, com o objetivo de apreender a realidade do(a) adolescente brasileiro(a), suas necessidades, expectativas, dificuldades, além do impacto do Estatuto da Criança e do Adolescente na vida desses garotos e garotas.

Foram utilizadas perguntas abertas - também conhecidas como livres ou não-limitadas - e perguntas fechadas - chamadas de limitadas ou de alternativa fixa.

O primeiro tipo permite ao informante emitir opinião, com linguagem própria. Os entrevistadores foram capacitados para anotar a resposta dos entrevistados sem alterá-la. As perguntas abertas permitem investigações sobre o imaginário do entrevistado. Por outro lado, a questão aberta demanda tempo e concentração para a elaboração das opiniões. Por isso, a análise dessas questões - tabulação, tratamento estatístico e interpretação - é lenta e complexa.

As questões fechadas são aquelas em que o entrevistado escolhe sua resposta entre opções já listadas. Há três tipos de perguntas fechadas: as dicotômicas, nas quais o pesquisado responde "sim" ou "não" a uma pergunta direta; as de múltipla escolha, em que o informante escolhe uma ou mais opções entre as apresentadas; e aquelas com maior número de alternativas, em que o entrevistado tem a possibilidade de marcar apenas uma das alternativas.

Entre essas questões fechadas, foram utilizadas perguntas referentes a dados objetivos (idade, sexo) e perguntas de opinião, que formam a parte mais densa do questionário.

Importante dizer que o vocabulário utilizado na concepção das questões foi alvo da atenção do grupo de pesquisa. Evitou-se a utilização de estereótipos e de palavras que pudessem deturpar e/ou sugerir respostas.

Em pesquisas como esta, o preenchimento de um questionário pode ocorrer com ou sem a presença do pesquisador. Nesta pesquisa, optou-se pela entrevista com a presença do pesquisador. Uma das vantagens dessa opção é evitar o uso indevido do questionário, tanto na forma de preenchimento das questões quanto na fidelidade das respostas.

Outra vantagem dessa forma de preenchimento é o alívio da amostra, uma vez que a presença de uma pessoa lendo e preenchendo o questionário possibilita que analistas e semi-analistas respondam às questões. Sem dúvida, esse processo é mais demorado, visto que o questionário é aplicado a uma pessoa de cada vez. Porém, a presença do entrevistador permite explicações dos objetivos da pesquisa e a elucidação de possíveis dúvidas do entrevistado. Finalmente, o retorno das respostas é garantido.

O formato do questionário adotado na pesquisa exige um preenchimento rápido, o que pode gerar respostas simplistas, principalmente em perguntas abertas. A vantagem, no entanto, é captar respostas mais espontâneas dos entrevistados.

Escolhas. Todos os estados, municípios, bairros, ruas e residências pesquisados foram definidos por método aleatório. A aleatoriedade garante que todos os habitantes na faixa etária estabelecida tivessem as mesmas chances de serem sorteados e entrevistados.

O critério que definiu o número de bairros adotado em cada cidade foi a proporção de um para cada 30 questionários aplicados. Assim, se 240 questionários deveriam ser aplicados em uma cidade, oito bairros seriam visitados naquele município. Foram realizadas oficinas de capacitação com pesquisadores nas seguintes cidades:

Teresina – PI,
Belém – PA,
Manaus – AM,
Londrina – PR,
Florianópolis – SC,
Porto Alegre – RS,
São Paulo – SP,
Rio de Janeiro – RJ,
Cuiabá – MT,
Brasília – DF,
Salvador – BA,
Maceió – AL e
Recife – PE.

Nacional. A pesquisa A Voz dos Adolescentes permite generalizações em âmbito nacional e regional. As opiniões emitidas pelos adolescentes entrevistados, obtidas nacionalmente, revelam a opinião dos mais de 21 milhões de brasileiros de 12 e 17 anos (com margem de erro de 5%, para mais ou para menos). Da mesma forma, as opiniões emitidas pelos adolescentes entrevistados em uma região são representativas do universo de pessoas entre 12 e 17 anos da mesma região, possibilitando, a comparação entre regiões brasileiras.

O tamanho da amostra, porém, impede inferências ou comparações entre cidades ou estados da federação.

// Plano Amostral

O plano amostral da pesquisa foi delineado tomando como população os adolescentes com idade entre 12 e 17 anos residentes no Brasil, totalizando aproximadamente 20,7 milhões de pessoas. Toda a estimativa de valores teve como parâmetro a Contagem da População de 1996, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD de 1999 e a versão preliminar do Censo 2000, todas bases de dados do IBGE.

As variáveis utilizadas para determinar o plano amostral foram:

- As regiões brasileiras (Norte, Nordeste, Sul, Sudeste e Centro-Oeste);
- As 27 unidades federativas;
- Municípios por número de habitantes;
- A quantidade de geladeiras que o entrevistado declarava que possuía em sua residência.

Os municípios foram classificados segundo o número total de habitantes residentes da seguinte forma: de 0 a 50.000 habitantes (pequeno), de 50.001 a 250.000 habitantes (médio) e acima de 250.000 (grande).

Foi utilizada a amostragem por conglomerados em dois estágios, pois as características observadas nas regiões e unidades federativas são muito heterogêneas. Partindo desse pressuposto, cada região foi definida como um grande conglomerado na primeira fase, e algumas unidades federativas foram selecionadas aleatoriamente. Dentro dessas unidades, foi realizado um novo sorteio aleatório entre os municípios levando-se em consideração o número de habitantes.

Os estimadores para a média e variância amostral, considerando a amostragem aleatória sem reposição na segunda etapa, são os seguintes:

$$m = N/M \times 1/N \hat{=} M \times Y_i \quad \text{p Média}$$

$$\text{onde } Y_i = 1/m^* \hat{=} y_{ij}$$

$$\text{Var}(m) = (N-n/N) (1/nM^{*2}) s^2_b + (1/nN) \hat{=} ((M^*-m^*)/M^*) (s^2_i/m^*)$$

$$s^2_b = \hat{=} (M^* y_i - M^* m)^2 / (n-1) \quad \text{p 1ª etapa}$$

$$s^2_i = \hat{=} (y_{ij} - Y_i)^2 / (m^* - 1) \quad \text{p 2ª etapa}$$

Cálculo da amostra (n), para amostragem aleatória simples sem reposição:

$$n = \frac{N \cdot S^2}{(N \cdot D) + S^2}, \text{ onde}$$

S^2 é o estimador da variância populacional e

$$D = \frac{B^2}{Z_{1-\alpha}^2}, \text{ e } B^2 \text{ é o quadrado do erro máximo e } Z_{1-\alpha}^2 \text{ é o grau de confiança.}$$

Considerando um erro amostral de 5% e um nível de significância $\alpha = 90\%$ (confiança) obtemos uma amostra $n = 5.280$ adolescentes entre 12 e 17 anos divididos por região, unidades federativas e municípios proporcionalmente ao número de habitantes conforme tabelas abaixo.

// Tabela 1 - Distribuição dos entrevistados por região, estado e cidade - para a Região Norte, 2001/2002.

Estado	Cidade	Nº habitantes	% por região	Nº questionários
Total da região		3.115.077		400
Amazonas 184	Total do estado	1.434.616		184
	Manaus	1.403.796	97,85%	180
	Itanduba	30.820	2,15%	4
Roraima 28	Total do estado	218.269		28
	Boa Vista	200.383	91,81%	26
	Alto Alegre	17.886	8,19%	2
Pará 188	Total do estado	1.462.192		188
	Belém	1.279.861	87,53%	165
	Bacarena	63.259	4,33%	8
	Abaetetuba	119.072	8,14%	15

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

// Tabela 2 - Distribuição dos entrevistados por região, estado e cidade - para a Região Nordeste, 2001/2002.

Estado	Cidade	Nº habitantes	% por região	Nº questionários
Total da região		8.855.426		1.700
Piauí 167	Total do estado	870.818		167
	Teresina	714.318	82,03%	137
	Luis Correia	24.265	2,79%	5
	Parnaíba	132.235	15,19%	25
Paraíba 139	Total do estado	723.373		139
	João Pessoa	594.922	82,24%	115
	Conde	12.914	1,79%	2
	Santa Rita	115.537	15,97%	22
Pernambuco 526	Total do estado	2.737.768		526
	Recife	1.421.947	51,94%	274
	Jaboatão do Guararapes	580.397	21,20%	111
	Cabo de Santo Agostinho	152.836	5,58%	29
	Paulista	262.072	9,57%	50
	Gravatá	67.204	2,45%	13
	Caruaru	253.312	9,25%	49
Alagoas 173	Total do estado	907.626		173
	Maceió	796.842	87,79%	152
	Marechal Deodoro	35.820	3,95%	7
	Rio Largo	62.408	6,88%	12
	Satuba	12.556	1,38%	2
Sergipe 105	Total do estado	543.229		105
	Aracaju	460.898	84,84%	90
	Barra dos Coqueiros	17.811	3,28%	3
	São Cristóvão	64.520	11,88%	12
Bahia 590	Total do estado	3.072.612		590
	Salvador	2.440.886	79,44%	469
	Lauro de Freitas	113.258	3,69%	22
	Simões Filho	93.968	3,06%	18
	Alagoinhas	129.617	4,27%	25
	São Gonçalo dos Campos	26.978	1,00%	6
	Vitória da Conquista	262.585	8,55%	50

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

// Tabela 3 - Distribuição dos entrevistados por região, estado e cidade - para a Região Sudeste, 2001/2002.

Estado	Cidade	Nº habitantes	% por região	Nº questionários
Total do região		24.497.665		2.060
Minas Gerais 105	Total do estado	1.247.351		105
	Uberlândia	500.095	40,09%	42
	Juiz de Fora	447.141	35,85%	38
	Unai	69.996	5,61%	6
	Três Marias	20.404	1,69%	2
	Paracatu	75.184	6,03%	6
	Patos de Minas	123.708	9,92%	10
	Lagamar	7.688	0,62%	1
Rio de Janeiro 591	Total do estado	7.024.071		591
	Rio de Janeiro	5.850.544	83,29%	493
	Magé	205.699	2,93%	17
	Saquarema	52.464	0,75%	4
	São João do Meriti	915.364	13,03%	77
São Paulo 1.364	Total do estado	16.226.243		1364
	São Paulo	10.406.166	64,13%	874
	Guarulhos	1.071.299	6,60%	90
	Santo André	648.443	4,00%	55
	Osasco	650.993	4,01%	55
	São Caetano do Sul	140.144	0,86%	12
	São Bernardo do Campo	700.405	4,32%	59
	São José dos Campos	538.909	3,32%	45
	Mauá	363.112	2,24%	31
	Santos	417.777	2,57%	35
	Campos do Jordão	46.598	0,29%	4
	Barueri	208.028	1,28%	17
	Ubatuba	66.448	0,41%	6
	Campinas	967.921	5,97%	81

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

// Tabela 4 - Distribuição dos entrevistados por região, estado e cidade - para a Região Sul, 2001/2002

Estado	Cidade	Nº habitantes	% por região	Nº questionários
Total da região		3.479.928		721
Santa Catarina 99	Total do estado	479.343		99
	Florianópolis	331.784	69,22%	68
	São José	147.559	30,78%	31
Rio Grande do Sul 429	Total do estado	2.072.037		429
	Porto Alegre	1.359.932	65,63%	281
	Bagé	118.747	5,73%	25
	Canoas	305.711	14,75%	63
	Guaíba	94.244	4,55%	20
	São Leopoldo	193.403	9,33%	40
Paraná 192	Total do estado	928.548		192
	Maringá	288.465	31,07%	60
	Apucarana	107.819	11,61%	22
	Londrina	446.849	48,12%	92
	Arapongas	85.415	9,20%	18

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

// Tabela 5 - Distribuição dos entrevistados por região, estado e cidade - para a Região Centro-Oeste, 2001/2002

Estado	Cidade	Nº habitantes	% por região	Nº questionários
Total da região		3.289.759		399
Mato Grosso 87	Total do estado	712.771		87
	Cuiabá	482.498	67,69%	59
	Várzea Grande	214.842	30,14%	26
	Santo Antônio do Leverger	15.431	2,16%	2
Goiás 65	Total do estado	533.819		65
	Formosa	78.647	14,73%	10
	Valparaíso de Goiás	93.960	17,60%	11
	Planaltina	73.546	13,78%	9
	Anápolis	287.666	53,89%	35
Distrito Federal 247	Total do estado	2.043.169		247
	Brasília	2.043.169	100%	247

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

// A Análise Qualitativa Os Grupos Focais

Na segunda parte da pesquisa, utilizaram-se técnicas de análises e abordagens qualitativas para a obtenção de resultados que expressassem, de forma mais apurada, a complexidade da realidade social.

As técnicas quantitativas e mais especificamente os *surveys*, instrumentos mais utilizados por pesquisadores e agências para a investigação de fenômenos sociais, possuem limitações que são resultantes da própria estrutura fechada e quantitativa da técnica, bem como da forma numérica do seu resultado.

De maneira geral os *surveys* têm como objetivo a quantificação das opiniões daqueles que são alvo das pesquisas. Normalmente essa forma de enquete é feita por meio de instrumentos (formulários estruturados ou semi-estruturados) que implicam uma pré-elaboração das respostas possíveis. Esse processo tem como resultado em certa imposição discursiva dos pesquisadores sobre os pesquisados que, por consequência, perdem em grau de liberdade. Porém, não se pode deixar de afirmar que os resultados das pesquisas quantitativas são muito eficientes dentro do que se propõem, especialmente pela relação custo-dimensão-tempo e pela possibilidade de compreensão das opiniões majoritárias da população.

A pesquisa qualitativa, por outro lado, tem como função fornecer uma visão diferenciada sobre fenômenos sociais. As técnicas qualitativas procuram transcender à quantificação, que fornece um perfil médio da realidade estudada, na busca de uma aproximação entre os dados e os fatos cotidianos que cercam e aprofundam as questões investigadas.

Segundo Júlio Cesar Rodrigues Pereira, em seu livro *Análise de Dados Qualitativos*, "O dado qualitativo é a representação simbólica atribuída a manifestações de um evento qualitativo.

É uma estratégia de classificação de um fenômeno aparentemente imponderável que, fixando as premissas de natureza ontológica e semântica, instrumentaliza o reconhecimento do evento, a análise de seu comportamento e suas relações com os outros.”

Os relatos dos grupos focais, que resumizam as percepções dos adolescentes que participaram das dinâmicas, permitem penetrar no mundo discursivo daqueles que são objeto da pesquisa *A Voz dos Adolescentes*, e ilustrar e exemplificar, por meio das palavras dos próprios sujeitos da pesquisa, a realidade detectada na etapa quantitativa. Assim, busca-se entender uma das mais imponderáveis das realidades, a percepção individual específica e livre do indivíduo sobre aquilo que ele vive.

Esses relatos contêm, além dos consensos construídos, algumas opiniões divergentes que apresentaram-se durante o processo, e ainda falas e casos ilustrativos importantes da realidade dos adolescentes de todo o País.

O objetivo dos relatos não é fazer uma generalização da adolescência brasileira por meio da técnica de grupo focal, o que seria incoerência metodológica, mas contribuir na compreensão a respeito realidade do adolescente brasileiro e dos resultados da pesquisa quantitativa.

// Estrutura dos grupos

O perfil dos grupos foi determinado a partir da pesquisa quantitativa e dos objetivos propostos contidos no plano tabular, considerando inicialmente as seguintes variáveis:

- Idade
- Gênero
- Estrato social
- Local de moradia (regiões do País)

Para obter o perfil pré-estabelecido dos participantes, buscaram-se contatos em escolas públicas e privadas que pudessem convidar seus adolescentes de ambos os sexos dentro da faixa etária entre 12 e 17 anos.

Ao buscar escolas diferentes, como meio de acesso aos adolescentes, garante-se um grupo diversificado. Além disso, foram realizados encontros com grupos de perfis específicos que ou foram programados previamente ou resultaram das circunstâncias encontradas no decorrer da pesquisa.

Nessa etapa, portanto, foram realizados seis encontros com adolescentes em cada região brasileira, mediados por uma psicóloga. A divisão básica, tanto por faixa etária quanto por gênero, com uma média de 10 participantes em cada grupo, configurou-se de acordo com a tabela seguinte:

	Faixa etária	Gênero
Grupo 1	12-14 anos	Feminino
Grupo 2	12-14 anos	Masculino
Grupo 3	12-14 anos	Misto
Grupo 4	15-17 anos	Feminino
Grupo 5	15-17 anos	Masculino
Grupo 6	15-17 anos	Misto

Em todas as regiões citadas, essa foi a base utilizada para a formatação dos grupos. Em algumas regiões foram realizados encontros, ainda dentro dessa base, de grupos com perfis específicos.

São Paulo	Um grupo de adolescentes negros Um grupo com adolescentes em liberdade assistida
Florianópolis	Um grupo de Adolescentes que participam de um projeto social em um bairro carente da cidade
Brasília	Dois grupos, um misto e um homogêneo, que continham adolescentes economicamente abastados

A presença desses grupos diferenciados contribuiu para que se possa obter conhecimento das opiniões específicas de grupos sociais que podem ter discursos e pontos de vista diferentes daqueles da média dos adolescentes.

A tabela de distribuição geográfica dos grupos focais configurou-se, ao final da pesquisa, da seguinte maneira:

Centro-Oeste	Grupo 01, Meninas, 12-14, Escola Pública Grupo 02, Misto, 15 – 17, Escola Pública Grupo 03, Meninas 15 –17, Escola Privada Grupo 04, Misto, 12 – 14, Escola Pública Grupo 05, Meninos, 12 – 14, Escola Pública Grupo 06, Misto, 15 – 17, Escola Pública e Particular
Nordeste	Grupo 01, 12 – 14, Escola Pública Grupo 02, Meninos, 12-14, Escola Pública Grupo 03, Misto, 12 –14, Escola Pública e Particular Grupo 04, Misto, 15 – 17, Escola Pública e Privada Grupo 05, Meninas, 15 – 17, Escola Pública e Privada Grupo 06, Misto, 15 –17, Escola Pública e Privada Grupo 07, Misto, 15 – 17, Escola Pública e Privada
Norte	Grupo 01, meninas, 12 –14, Escola Pública Grupo 02, Misto, 12 – 14, escola Grupo 03, Meninos, 15 – 17, Escola Pública Noturna e Diurna Grupo 04, Misto, 12 – 14, Escola Particular Grupo 05, Misto, 12 – 14, Escola Pública e Escola Privada Grupo 06, Misto, 15 – 17, Escola Pública e Escola Particular Grupo 07, Misto, 12 – 14, Escola Pública Grupo 08, Misto, 12 – 14, Escola Privada
Sul	Grupo 01, Meninas, 12- 14, Escola Pública Grupo 02, Meninas, 12- 14, Escola Pública Grupo 03, Misto, 15 – 17, Escola Pública Grupo 04, Misto, 12 - , Escola Pública
Sudeste	Grupo 01, Misto, 15 – 17, Escola Pública Grupo 02, Misto, 15 – 17, Escola Pública Grupo 03, Meninos 12 - 14, Escola Pública Grupo 04, Meninos, 15 – 17, Escola Pública Grupo 05, Meninas, 12 – 14, Escola Pública Grupo 06, Meninas, 15 – 17, Escola Pública

A técnica de grupo focal¹ foi escolhida buscando-se, antes de tudo, o contato com o sujeito real e singular, complementar ao sujeito médio/tipo ideal determinado pela pesquisa quantitativa.

O grupo, ao contrário da entrevista, privilegia o conhecimento do sujeito comum e não de informantes-chave, além de proporcionar uma interação entre participantes. Essa interação explícita traz contradições e divergências, mas também consensos.

A estrutura das perguntas utilizadas no roteiro do grupo focal garante ao participante uma maior liberdade discursiva para que esse possa abordar as questões levantadas conforme sua própria percepção.

Os temas do roteiro seguiram os temas propostos no plano tabular, que se relacionavam com as questões importantes levantadas pela pesquisa quantitativa. Todas as questões tinham como finalidade determinar a percepção do participante em relação ao Estatuto da Criança e do Adolescente.

Os grupos foram coordenados por psicólogos com experiências prévias no trabalho com adolescentes, buscando uma postura isenta em relação às respostas dos participantes, respeitando a estrutura das perguntas e a liberdade de respostas.

Os trabalhos dos grupos foram encerrados por uma dinâmica de oficina, também coordenada por psicólogos. Foi utilizado material de apoio, como giz de cera, cartolinas coloridas, fotografias, etc.

// O Encontro

Na construção do Guia Focal utilizado nos grupos, as questões foram ordenadas por um encadeamento temático e, dentro de cada tópico, seguiram a ordem pré-determinada do mais abrangente ao mais específico. Os tópicos de discussão foram: Percepção do Estatuto da Criança e do Adolescente, Lazer, Cultura, Educação, Trabalho, Família, Meios de Comunicação, Violência, Drogas, Saúde, Preconceitos e Participação Social.

A fim de complementar o encontro, uma primeira dinâmica chamada “Primeiras Impressões” – em que os participantes trocam entre si respostas para perguntas como: “Qual sua comida favorita?”, “Quem você mais admira?” – iniciou os trabalhos. Essa dinâmica teve o propósito de tornar a discussão mais descontraída e fluida, mostrando semelhanças e diferenças entre os participantes e estimulando a tolerância na discussão. A duração média foi de 15 minutos.

(1) Grupo Focal é definido como uma discussão temática em grupo que busca atingir idealmente dois critérios: a homogeneidade de perfil dos participantes e o consenso das opiniões obtidas. O número ideal de participantes é entre 8 e 12, e o roteiro normalmente possui, no máximo, duas dúzias de perguntas, que seguem uma ordem: das mais abrangentes às mais específicas, das mais importantes às menos importantes. Conta com um mediador, que coloca as questões e direciona a discussão, e um observador que registra tanto o conteúdo das informações quanto o relacionamento interpessoal do grupo. A duração média é de 1 hora e 30 minutos.

Para avaliar os dados da pesquisa *A Voz dos Adolescentes*, compararam-se os resultados obtidos com outros estudos sobre temas correlatos. As fontes utilizadas nessa comparação foram o Censo 2000, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); dados oficiais do Tribunal Superior Eleitoral (TSE/2000), no que se refere ao título eleitoral e participação política dos adolescentes; estatísticas de 2001 do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), ligado ao Ministério da Educação; e pesquisas de organismos internacionais.

Sexo

Do total de entrevistados na pesquisa *A Voz dos Adolescentes*, 51% são do sexo masculino e 49% do sexo feminino. O resultado aproxima-se ao obtido pelo Censo 2000, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que aponta, no universo entre 12 e 17 anos, 50,36% de meninos e 49,63% de meninas.

Idade

No universo de adolescentes entre 12 e 17 anos, os dados foram organizados segundo dois grupos etários: um entre 12 e 14 anos, que representa 49% dos entrevistados, e outro entre 15 e 17 anos, 51% do total. Os números encontram correspondência nos dados preliminares do Censo 2000 divulgados pelo IBGE, em que, se somadas as quantidades de adolescentes em cada idade incluída no intervalo desta pesquisa, chegaria a 49,6% de adolescentes entre 12 e 14 anos e 50,4% entre 15 a 17 anos.

Matrícula

Segundo estatísticas de 2001 do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP/MEC), 97% dos estudantes entre sete e 14 anos estão matriculados no ensino regular. O mesmo ocorre com 84,5% dos adolescentes entre 15 e 17 anos. Na pesquisa *A Voz dos Adolescentes*, 94% dos entrevistados (todos na faixa etária entre 12 e 17 anos) estão matriculados em algum estabelecimento de ensino.

Título de Eleitor

Informações do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) relativas à última eleição municipal, em 2000, indicam que, nesse período, 43% dos adolescentes com 16 e 17 anos tinham o título eleitoral no Brasil. Entre os adolescentes entrevistados na pesquisa *A Voz dos Adolescentes* em idade eleitoral, 39% disseram ter o título de eleitor.

Uso de drogas

A pesquisa *Avaliação das Ações e Prevenção de DST/AIDS e Uso Indevido de Drogas nas Escolas de Ensino Fundamental e Médio em Capitais Brasileiras*, produzida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Cultura e Ciência (Unesco/2001) revela que, em 14 capitais brasileiras, a porcentagem do uso de drogas ilícitas pelos alunos variou de 2%, no Ceará, a 15%, no Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Tal estudo não toma em consideração o uso de anfetaminas, calmantes e xaropes por serem drogas passíveis de consumo sob orientação médica. Segundo a pesquisa *A Voz dos Adolescentes*, que trabalhou com público semelhante, 14,2% dos adolescentes entrevistados disseram que usam ou já utilizaram algum tipo de droga.

o í t u l o 1



DIVISÃO DA POPULAÇÃO POR SEXO

A pesquisa *A Voz dos Adolescentes* trabalhou com uma amostra de 5.280 meninos e meninas entre 12 e 17 anos, no Brasil. Esse é um recorte representativo do total de 20,7 milhões de indivíduos incluídos nessa faixa etária, segundo os dados preliminares do Censo 2000¹, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Do total de entrevistados, 51% são do sexo masculino e 49% do sexo feminino.

// Tabela 6 - Frequência dos adolescentes, segundo sexo (nacional), 2001/2002 (%)

Brasil	
Feminino	49
Masculino	51
Total	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Considerando os dados obtidos para cada região, a porcentagem de adolescentes do sexo feminino e do sexo masculino é distribuída de forma igualitária nas regiões e equivale aos resultados obtidos no censo populacional, dentro do erro amostral estabelecido (Censo 2000, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que aponta, no universo entre 12 e 17 anos, 50,36% de meninos e 49,63% de meninas). As menores diferenças entre o número de garotos e garotas estão na região Centro-Oeste (variando 2%) e Nordeste (variando 1%). Nas regiões Sudeste, Norte e Sul, a diferença entre os sexos ficou entre 5%, 10% e 15%, respectivamente.

// Tabela 7 - Frequência dos adolescentes, por região, segundo sexo, 2001/2002 (%)

	Sul	Centro-Oeste	Norte	Nordeste	Sudeste	Nacional
Feminino	43	51	55	50	48	49
Masculino	57	49	45	50	52	51
Total	100 (720)	100 (399)	100 (400)	100 (1.701)	100 (2.060)	100 (5280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

DIVISÃO ETÁRIA DA POPULAÇÃO

No universo de adolescentes entre 12 e 17 anos, os dados foram organizados segundo dois grupos etários: um entre 12 e 14 anos, que representa 49% dos entrevistados, e outro entre 15 e 17 anos, 51% do total. Os números encontram correspondência nos dados preliminares do Censo 2000 divulgados pelo IBGE, que identifica, nesse mesmo universo, 49,6% de adolescentes entre 12 e 14 anos e 50,41% entre 15 a 17 anos.

(1) Os dados finais do Censo 2000 indicaram 21.249.557 adolescentes com idade entre 12 e 17 anos.

// Tabela 8- Adolescentes, segundo faixa etária (nacional), 2001/2002 (%)

Brasil	
12 a 14 anos	49
15 a 17 anos	51
Total	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Considerando os dados para cada região, as diferenças de porcentagem entre os grupos etários variam de 4% na região Sudeste, onde o grupo entre 12 e 14 anos é maior, a 18% na região Centro-Oeste, onde prevalece o grupo de 15 a 17 anos. Essa faixa etária também é mais numerosa no Nordeste (com 12% de diferença). Além do Sudeste, o grupo de 12 a 14 anos é maior no Sul (com 14% de diferença) e no Norte (com 6% de diferença).

// Tabela 9- Adolescentes, por região, segundo faixa etária, 2001/2002 (%)

	Sul	Centro-Oeste	Norte	Nordeste	Sudeste	Nacional
12 a 14 anos	57	41	53	44	52	49
15 a 17 anos	43	59	47	56	48	51
Total	100 (720)	100 (399)	100 (400)	100 (1.701)	100 (2.060)	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

DIVISÃO ÉTNICO/ RACIAL DA POPULAÇÃO

As categorias de cor ou raça foram utilizadas de acordo com a divisão adotada pelo IBGE, indicando cinco raças/cores predominantes – preta, parda/mestiça, amarela, indígena e branca – oferecendo ainda a opção aberta "outros". Essa última opção gerou uma porcentagem de 22% de respostas "morena". Para efeitos de análise, a porcentagem referente a essa denominação foi agrupada aos pardos/mestiços.

Ao analisar os dados desagregados, as porcentagens para as categorias "parda" e "morena" é de 17% e 22%, respectivamente.

// Gráfico 1.1 – Adolescentes, segundo sua própria identificação em relação à raça (nacional), 2001/2002 (%)

// NOTA TÉCNICA

// Negros, pretos, pardos e brancos

Embora boa parte da população não se identifique e/ou não goste de alguns destes termos (pretos, pardos, indígenas, amarelos e brancos), a própria Comissão Consultiva do Censo 2000, depois de amplo debate, optou por recomendar ao IBGE que mantivesse a pergunta sobre cor ou raça tal como ela tem sido aplicada até aqui. Substituir a cor “parda” por “morena” poderia provocar menos rejeição, mas a alternativa reuniria tantas respostas que se tornaria ainda mais difusa e difícil de interpretar. Da mesma forma, substituir preta por negra poderia soar politicamente mais correta, mas se perde o padrão histórico utilizado pelo IBGE.

Eliminar a categoria “pardo” seria forçar uma visão da questão racial polarizada, como ocorre nos Estados Unidos. A rejeição aos termos utilizados pelo IBGE ficou registrada quando a instituição realizou a pergunta sobre cor ou raça de forma aberta e fechada. Foram encontradas quase 200 respostas diferentes. A população branca geralmente usa esse termo para se definir, o que não ocorre com pretos e pardos. Muitos preferem a expressão “morena”, o que reflete o caráter difuso das linhas de divisão raciais no Brasil. Mesmo que a classificação das pessoas de acordo com essas categorias esteja sujeita à imprecisões, isso não deve ser entendido como um erro, mas como característica de um dado que reflete identidades difusas, que podem inclusive variar para a mesma pessoa, conforme o contexto ou o tipo de questão apresentada. (Schwartzman: 1999)

// Tabela 10 - Frequência de adolescentes, segundo raça (nacional), 2001/2002 (%)

Raça/Cor – Nacional	
Branca	39
Parda	39
Preta	13
Amarela	3
Índigena	1
Outros	4
Sem resposta	1
Total	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa “A Voz dos Adolescentes”, UNICEF/Fator OM/2002.

NÚCLEO FAMILIAR

Nas residências dos adolescentes entrevistados moram, em média, 4,87 pessoas. O núcleo familiar é composto predominantemente por mãe (em 87% dos lares), irmãos (69%), pai (66%), avós (14%) e tios (13%). Para efeito de análise, também foram consideradas as categorias padrasto, madrasta, esposa/marido, filhos e enteados.

// Tabela 11 - Frequência de adolescentes, segundo integrantes do núcleo familiar (nacional), 2001/2002 (%)

Brasil	
Mãe	87
Irmãos	69
Pai	66
Avós	14
Tio(a)s	13
Marido/esposa	7
Padrasto	7
Madrasta	5
Filho(a)s	5
Enteado(a)s	2

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.
As porcentagens não somam 100% pois a tabela resulta da junção de outras dez tabelas.

O chefe da família brasileira, entendido como o principal provedor do lar, é o pai em 49% dos casos. As mães são as chefes da família em 24,5% dos lares dos adolescentes entrevistados. Padrastos, irmãos, avós e tios completam o quadro, como pode ser observado na tabela a seguir.

// Tabela 12 - Adolescentes, segundo chefe da família (nacional), 2001/2002 (%)

Brasil	
Chefe da família	
Pai	49
Mãe	24,5
Padrasto	4,1
Irmãos/irmãs	2,6
Avós	5,4
Tio(a)s	4
Sem resposta	10
Outros	0,4
Total	100 (5280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Nos lares em que o pai está presente no núcleo familiar (65,5% dos domicílios visitados), o chefe de família é uma pessoa do sexo masculino, em 74,8%. Percebe-se, portanto, que a chefia da família permanece preponderantemente masculinizada, representada por pais, padrastos, tios, avós e irmãos (66% dos casos).

// Tabela 13 - Adolescentes, por presença do pai no núcleo familiar, segundo sexo do chefe da família, 2001/2002 (%)

Pai presente no núcleo familiar	Sexo do chefe da família			Total
	Homem	Mulher	Sem Resposta	
Sim	74,8	14,7	10,5	100 (3.458)
Não	29,4	61	9,6	100 (1.812)
Sem resposta	20,0	60,0	20,0	100 (10)
Total	59,1 (3.121)	30,7 (1.620)	10,2 (539)	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", Fator OM, 2001/2002.

As condições de moradia dos adolescentes foram pesquisadas a partir do acesso de garotas e garotos e suas famílias a serviços de infra-estrutura urbana, como água tratada/esgoto, rua asfaltada, coleta de lixo e iluminação pública. Foram considerados ainda acesso a serviços e equipamentos públicos, centros de lazer, agências dos Correios, telefonia pública, existência de creches na comunidade.

A água tratada é um direito garantido a 91% dos adolescentes, enquanto 4% dos adolescentes não têm acesso a esse serviço, como demonstra a tabela seguinte.

// Tabela 14 - Frequência de adolescentes, segundo o acesso à água tratada (nacional), 2001/2002 (%)

Água tratada	
Sim	91
Não	4
Não sabe	0
Sem resposta	5
Total	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

A coleta de lixo é um serviço que chega a 94% dos adolescentes entrevistados. Outros 4% disseram não ter acesso à coleta de lixo.

// Tabela 15 - Frequência de adolescentes, segundo o acesso à coleta de lixo (nacional), 2001/2002 (%)

Coleta de lixo	
Sim	94
Não	4
Não sabe	0
Sem resposta	2
Total	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Dentro do total de adolescentes entrevistados, 77% moram em locais com ruas asfaltadas, contra 18% que não usufruem dessa comodidade.

// Tabela 16 - Frequência de adolescentes, segundo o acesso à rua asfaltada (nacional), 2001/2002 (%)

Rua asfaltada	
Sim	77
Não	18
Não sabe	1
Sem resposta	4
Total	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Entre os entrevistados, 89% afirmaram que moram em locais onde existe iluminação pública e 97% afirmam ter acesso à energia elétrica.

// Tabela 17 - Frequência de adolescentes, segundo o acesso à iluminação pública (nacional), 2001/2002 (%)

Iluminação pública	
Sim	89
Não	4
Não sabe	1
Sem resposta	6
Total	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

// Tabela 18 - Frequência de adolescentes, segundo o acesso à eletricidade (nacional), 2001/2002 (%)

Eletricidade	
Sim	97
Não	1
Não sabe	0
Sem resposta	2
Total	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Quanto à proximidade das escolas às residências dos adolescentes entrevistados, observa-se que 92% têm escolas próximas de suas casas.

// Tabela 19 - Frequência de adolescentes, segundo a proximidade das escolas às residências (nacional), 2001/2002 (%)

Proximidade das escolas	
Sim	92
Não	6
Não sabe	0
Sem resposta	2
Total	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Quanto à garantia ao tratamento médico-hospitalar, estabelecido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, 79% dos entrevistados declararam ter hospitais ou postos de saúde próximos às suas casas. Por outro lado, 17% dos adolescentes (sem contar os que não sabem e os que não responderam à questão) não têm acesso facilitado a esses serviços de saúde.

// Tabela 20 - Frequência de adolescentes, segundo o acesso aos postos de saúde/hospitais (nacional), 2001/2002 (%)

Postos de saúde/hospitais	
Sim	79
Não	17
Não sabe	2
Sem resposta	2
Total	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Os centros comunitários de cultura e lazer estão disponíveis para 32% dos entrevistados, enquanto 60% dos adolescentes encontram opções como essas em suas comunidades.

// Tabela 21 - Frequência de adolescentes, segundo o acesso aos centros comunitários de cultura e lazer (nacional), 2001/2002 (%)

Cultura e lazer	
Sim	60
Não	32
Não sabe	6
Sem resposta	2
Total	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Embora não seja parte do que se convencionou chamar infraestrutura, o transporte público é um serviço essencial para a população e especialmente para os adolescentes em seus deslocamentos para a escola, postos de saúde e espaços de lazer. Entre os entrevistados, constata-se que 90% dos adolescentes têm acesso ao transporte público, contra 8% que não encontram tal benefício em seu local de residência.

// Tabela 22 - Frequência de adolescentes, segundo o acesso ao transporte público (nacional), 2001/2002 (%)

Transporte público	
Sim	90
Não	8
Não sabe	0
Sem resposta	2
Total	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Já os telefones públicos chegam perto das residências de 93% dos entrevistados, enquanto 5% não têm acesso à telefonia pública próxima de suas casas.

// Tabela 23 - Frequência de adolescentes, segundo o acesso aos telefones públicos (nacional), 2001/2002 (%)

Telefones públicos	
Sim	93
Não	5
Não sabe	0
Sem resposta	2
Total	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Outro item pesquisado foi a existência ou não de serviços dos Correios nas proximidades das residências dos adolescentes. As respostas indicam que 64% dos entrevistados têm agência de correio próxima do local onde moram, contra 32% que não dispõem do serviço perto de suas casas.

// Tabela 24 - Frequência de adolescentes, segundo o acesso às agências dos Correios (nacional), 2001/2002 (%)

Agências dos Correios	
Sim	64
Não	32
Não sabe	2
Sem resposta	2
Total	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Entre os entrevistados, 66% disseram ter posto de polícia ou delegacia perto de suas residências, enquanto 30% relatam não ter posto de polícia nas proximidades de casa.

// Tabela 25 - Frequência de adolescentes, segundo o acesso aos postos de polícia (nacional), 2001/2002 (%)

Postos de polícia	
Sim	66
Não	30
Não sabe	2
Sem resposta	2
Total	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

É considerável a frequência de adolescentes que moram em locais onde não existem faixas de pedestre e semáforos (34%), muito embora 62% dos adolescentes pesquisados afirmem ter acesso a esses equipamentos de segurança.

// Tabela 26 - Frequência de adolescentes, segundo o acesso a faixas de pedestre e semáforos (nacional), 2001/2002 (%)

Faixas de pedestre e semáforos	
Sim	62
Não	34
Não sabe	1
Sem resposta	3
Total	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Do total de adolescentes entrevistados, 71% moram em comunidades onde há creches instaladas. Porém, 22% vivem em localidades sem esse tipo de serviço de educação infantil, obrigatório segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente.

// Tabela 27 - Frequência de adolescentes, segundo o acesso a creches (nacional), 2001/2002 (%)

Creches	
Sim	71
Não	22
Não sabe	4
Sem resposta	3
Total	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Para obter o estrato social dos entrevistados e fazer a divisão entre as classes A, B, C e D, calculou-se a média ponderada das variáveis que mostram a que bens de consumo e serviço a/o adolescente tem acesso. Cada bem ou serviço recebeu um peso para o cálculo dessa média: rádio (peso 1), televisão (peso 1), geladeira (peso 1), aparelho de som com CD (peso 2), forno de microondas (peso 4), banheiro (peso 2), serviço de empregada(o) doméstica(o) (peso 5), automóvel (peso 4), telefone celular (peso 2). O resultado pode ser observado na tabela seguinte.

// Tabela 28- Adolescentes, por região, segundo classe social, 2001/2002 (%)

	Sul	Centro-Oeste	Norte	Nordeste	Sudeste	Brasil
Classe A	1,9	7,3	0,7	1,1	3,3	2,5
Classe B	23,3	22,6	9,8	15,8	19,4	18,2
Classe C	73,1	68,2	84,5	76,4	40,9	62,1
Classe D	1,7	1,5	5,0	3,2	36,4	16,0
Sem Resposta	0	0,4	0	3,5	0	1,2
Total	100 (720)	100 (399)	100 (400)	100 (1.701)	100 (2.060)	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

A pirâmide social brasileira está reproduzida na pesquisa de forma geral. Do total de entrevistados, 62,1% estão na classe C e 16% na classe D, 18,2%, na classe B e 2,5%, na classe A. Essa mesma divisão não se reproduz fielmente nas regiões em função da aleatoriedade da amostra e de diversos fatores relativos à coleta dos dados. Entretanto, como o objetivo da pesquisa é dar uma dimensão geral da opinião dos adolescentes, o fato de uma classe estar sub-representada numa determinada região não prejudica a compreensão geral dos diferentes grupos de adolescentes.

O cruzamento dos resultados das classes sociais com variáveis como as condições de moradia, grau de escolaridade declarado, trabalho e hábitos de lazer permitiu traçar um panorama de como as desigualdades refletem-se no cotidiano dos adolescentes.

Interessante notar que parece não haver relação direta entre o número de habitantes residentes na casa do adolescente e a classe social na qual se insere, conforme demonstra a tabela abaixo:

// Tabela 29 - Média de habitantes em uma residência por região, segundo classe social, 2001/2002

	Sul	Centro-Oeste	Norte	Sudeste	Nordeste	Brasil
Classe A	4	5,74	5,50	4,57	5	4,90
Classe B	4,63	4,97	5,87	4,34	4,74	4,57
Classe C	4,77	4,71	5,73	4,55	5,12	4,95
Classe D	3	5,14	5,77	4,71	5,68	5,27
Média Total	4,70 (720)	4,91 (398)	5,76 (400)	4,57 (2.060)	5,07 (1.641)	4,86 (5.219)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

A média foi calculada levando-se em conta as 5.219 respostas válidas. 61 questionários não apresentaram esta informação.

Entre os adolescentes entrevistados, 84,4% não trabalham e 12,2% estão no mercado de trabalho, como se pode ver na tabela seguinte. A região Nordeste é a que concentra mais adolescentes trabalhando (13,2%). O menor índice foi registrado no Norte (10,8%).

// Tabela 30 - Adolescentes, por região, segundo exercício de atividade profissional, 2001/2002 (%)

	Sul	Centro-Oeste	Norte	Sudeste	Nordeste	Brasil
Sim	12	11	10,8	11,7	13,2	12,2 (638)
Não	86,9	88	86,4	85,5	77,6	83,4 (4406)
Sem Resposta	1,1	1	2,8	2,8	9,2	4,5 (236)
Total	100 (720)	100 (399)	100 (400)	100 (2.060)	100 (1.701)	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Constata-se que 64,3% dos 638 adolescentes entrevistados que trabalham são do sexo masculino e 35,7%, do sexo feminino. Entre aqueles que não trabalham (4.406), 49,4% são do sexo masculino e 50,6%, do feminino, como pode ser visto na tabela a seguir.

// Tabela 31 - Adolescentes, por exercício de atividade profissional, segundo sexo (nacional), 2001/2002 (%)

Sexo	Atividade profissional			
	Sim	Não	Sem resposta	Total
Masculino	64,3	49,4	47,9	51,1
Feminino	35,7	50,6	52,1	48,9
Total	100 (638)	100 (4.406)	100 (236)	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Tomando como foco de análise a variável raça, verifica-se que, entre os adolescentes que trabalham, 39% auto-identificaram-se como pardos, 36,7% disseram-se brancos e 16%, pretos. Os amarelos correspondem a 3,1% do grupo e os indígenas, 0,8%.

// Tabela 32 - Adolescentes, por raça, segundo exercício de atividade profissional (nacional), 2001/2002 (%)

Atividade profissional	Raça/cor							Total
	Branca	Parda	Preta	Amarela	Indígena	Outros	Sem resposta	
Sim	36,7	39	16	3,1	0,8	3,3	1,1	100 (638)
Não	39,1	38,4	12,8	3,4	1,3	4,2	0,8	100 (4.406)
Sem resposta	33,1	39,4	17,4	3,8	1,7	2,5	2,1	100 (236)
Total								100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Na análise por faixas etárias, entre os adolescentes trabalhadores, 47% têm entre 12 e 15 anos e 53%, entre 16 e 17 anos. Entre os que não trabalham, 71,4% têm entre 12 e 15 anos e 28,5%, entre 16 e 17 anos.

// Tabela 33 – Adolescentes, por exercício de atividade profissional, segundo faixa etária.

Faixa etária	Você trabalha?			
	Sim	Não	Sem Resposta	Total
12 a 15 anos	47	71,2	63,1	67,9
16 e 17 anos	53	28,5	36	31,8
Sem Resposta	0	0,3	0,8	0,3
Total	100 (638)	100 (4.406)	100 (236)	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Com relação aos estudos, 93,2% dos adolescentes freqüentam a escola e 6,3% afirmaram não ir à escola regularmente. As regiões Sudeste e Nordeste têm o maior número de adolescentes que não vão à escola com regularidade (6,9% em ambas). No Centro-Oeste, Sul e Norte, os índices são de 4%, 5% e 5,5%, respectivamente.

// Tabela 34 - Adolescentes, por região, segundo matrícula na escola, 2001/2002 (%)

	Sul	Centro-Oeste	Norte	Sudeste	Nordeste	Nacional
Sim	94,4	96	93,5	93,1	92,1	93,2
Não	5	4	5,5	6,9	6,9	6,3
Sem Resposta	0,6	0	1	0	0,9	0,5
Total	100(720)	100 (399)	100 (400)	100 (2.060)	100 (1.701)	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Entre aqueles que freqüentam a escola, 51% são do sexo masculino e 49%, do feminino. Entre os que não freqüentam, 53,4% são do sexo masculino e 46,6%, do feminino.

// Tabela 35- Adolescentes, por freqüência na escola, segundo sexo (nacional), 2001/2002 (%)

Sexo	Você freqüenta a escola?			
	Sim	Não	Sem Resposta	Total
Masculino	51	53,4	41,7	51,1 (2.699)
Feminino	49	46,6	58,3	48,9 (2.581)
Total	100 (4921)	100 (335)	100 (24)	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

No cruzamento da variável raça com a freqüência à escola, observa-se que, entre os entrevistados que estudam, 39% são brancos, 38,4%, pardos, 13,2%, pretos, 3,4%, amarelos e 1,2%, indígenas. Entre os que não freqüentam, 40,3% são pardos, 33,4%, brancos, 16,7%, pretos, 2,7%, amarelos e 1,8%, indígenas.

// Tabela 36 - Adolescentes, por frequência na escola, segundo raça (nacional), 2001/2002 (%)

Raça/cor	Frequência dos adolescentes que estudam		
	Sim	Não	Sem Resposta
Branca	39	33,4	25
Parda	38,4	40,3	41,7
Preta	13,2	16,7	20,8
Amarela	3,4	2,7	8,3
Indígena	1,2	1,8	4,2
Outros	4	4,2	0
Sem resposta	0,8	0,9	0
Total (5.280)	100 (4.921)	100 (335)	100 (24)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Entre os adolescentes que frequentam a escola, 10,9% exercem alguma atividade profissional e 84,9%, não. Entre os que não frequentam a escola, 27,8% trabalham e 65,4%, não.

Tabela 37 - Adolescentes, por frequência à escola, segundo exercício de atividade profissional (nacional), 2001/2002 (%)

Atividade profissional	Frequência à escola		
	Sim	Não	Sem resposta
Sim	10,9	27,8	37,5
Não	84,9	65,4	45,8
Sem resposta	4,2	6,9	16,7
Total (5.280)	100 (4.921)	100 (335)	100 (24)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

o í t u 7 o 2



Primeiro grupo de referência para as pessoas, principalmente nas duas primeiras fases da infância, a família é também a instituição de referência para os adolescentes. Nas diversas faixas de renda e regiões, a família é apontada como a principal responsável pela garantia de direitos e do bem-estar dos adolescentes (85%), acima da escola (40%), da Igreja (24%), da comunidade (23%), do governo (20%), da polícia (16%) e dos partidos políticos (5%). Além disso, 95% dos adolescentes classificam a família como uma "instituição importante".

// Tabela 38 - Adolescentes, segundo instituições responsáveis pela garantia de seus direitos, (nacional), 2001/2002 (%)

Quem você considera mais responsável pela garantia dos seus direitos e bem-estar	
Família	85
Escola	40
Igreja	24
Comunidade	23
Governo	20
Polícia	16
Partidos	5

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.
As respostas não somam 100%, porque a questão permitia múltipla marcação.

Na análise por classe social, 85,5% dos adolescentes da classe D consideram a família como responsável pela garantia dos seus direitos e bem-estar. Na classe C, a percepção é comum a 86,2% dos entrevistados. Na classe A, 82,8%. Entre os adolescentes da classe B está a menor porcentagem, 78,5%, como indica a tabela a seguir.

// Tabela 39 - Adolescentes por percepção da família como instituição responsável pela garantia de seus direitos, segundo classe social (nacional), 2001/2002 (%)

Quem você considera mais responsável pela garantia dos seus direitos e bem-estar				
	Família			Total
	Sim	Não	Sem resposta	
Classe A	82,8	17,2	0	100 (144)
Classe B	78,5	20	1,5	100 (1.242)
Classe C	86,2	11,7	2,1	100 (3.729)
Classe D	85,5	14,4	0,1	100 (103)
Sem Resposta	93,5	4,8	1,7	100 (62)
Total	84,7 (4.472)	13,7 (722)	1,6 (86)	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Além de importante instituição, a família é fonte de alegria para os adolescentes. Para 70% dos entrevistados, a convivência com a família é citada como motivo de felicidade. Nenhuma das outras opções teve tanto destaque. Estar com amigos foi citado em 63% das respostas, tirar boas notas em 44%, namorar em 39% e brincar em 35%.

// Tabela 40 - Adolescentes, segundo situações que os deixam mais felizes (nacional), 2001/2002 (%)

Você se sente mais feliz quando	
Está com a família	70
Está com amigos	63
Tira boas notas	44
Está namorando	39
Está brincando	35
Outros	8

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

As respostas não somam 100%, porque a questão permitia múltipla marcação.

Na análise por raça, percebe-se que o sentimento de felicidade quando estão com a família é maior entre os entrevistados que defini ram-se como amarelos (75,7%). A família é referência de felicidade para 70,5% dos adolescentes pardos, para 69,1% dos indígenas, para 68% dos brancos e para 67,7% dos pretos.

// Tabela 41 - Adolescentes, por felicidade quando estão com a família, segundo raça, (nacional), 2001/2002 (%)

Raça/cor	Felicidade com a família			
	Sim	Não	Sem resposta	TOTAL
Você se sente mais feliz quando está com a família?				
Branca	68	31	1	100 (2.035)
Preta	67,7	30,3	2	100 (709)
Parda	70,5	28,1	1,4	100 (2.033)
Amarela	75,7	22,6	1,7	100 (177)
Indígena	69,1	30,9	0	100 (68)
Outros	76,3	23,2	0,5	100 (211)
Sem resposta	72,3	27,7	0	100 (47)
Total	69,5 (3.672)	29,2 (1.542)	1,3 (66)	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Tal vez por isso, brigar com a família também seja o principal motivo de infelicidade, citado por 61% dos adolescentes entrevistados. Os outros motivos para a infelicidade são: ver pessoas sofrendo (52%), brigar com amigos ou com a (o) namorada(o) (50%).

// Tabela 42 - Adolescentes, por região, segundo situações que os deixam infelizes, 2001/2002 (%)

Você se sente infeliz quando:	Sul	Centro-Oeste	Norte	Sudeste	Nordeste	Brasil
Briga com a família	61	60	47	66	58	61
Vê pessoas sofrendo	58	55	48	52	50	52
Briga com os amigos ou com o(a) namorado(a)	52	46	33	54	49	50
Vai mal na escola	50	50	43	51	42	47
Não sai com os amigos	38	26	28	38	23	32
Sofre castigos	22	22	18	27	24	24
Não ganha o presente que queria	14	12	17	12	15	14
Não come o que gosta	15	9	12	12	14	13
Outros	5	13	3	7	7	7
Total (N)	(720)	(399)	(400)	(2.060)	(1.701)	(5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002. As respostas não somam 100%, porque a questão permitia múltipla marcação.

// Família

Síntese das respostas dos adolescentes nos grupos focais. As frases destacadas em itálico são palavras dos próprios adolescentes

"Deus, a família e o resto."

Quando adolescentes falam sobre família há muitos consensos. O primeiro deles é o reconhecimento da importância da família na vida de meninas e meninos. Mesmo diante de relatos de situações adversas e até mesmo estruturas desgastadas é inegável o sentimento de que a família é o 'porto seguro' que todos precisam ter. Para os adolescentes, a desestruturação familiar é causa da "violência", "falta de moral", "uso de drogas" e "fraqueza de espírito".

"Ah, minha família é tudo pra mim."

Para os adolescentes, a família é responsável pela educação, pelas "punições" e "estímulos". Elas têm também como função criticar e apoiar os adolescentes, sendo compreensiva e incentivando o diálogo constante. Para meninos e meninas, a união familiar não é sinônimo de situação de moradia (todos vivendo juntos na mesma casa), mas de reforço dos laços, pela valorização do esforço dos pais pelos filhos e do reconhecimento da capacidade dos adolescentes pelos pais.

A família, além de ser entendida como instituição necessária, básica e sustentadora, é reconhecida pelos próprios adolescentes como tendo poder sobre eles mesmos, poder "necessário" e "positivo". No entanto, os adolescentes acreditam que esse poder deve estar aberto ao diálogo (o que para muitos não é uma realidade) e que esse diálogo deve valorizar as relações dentro da família. Para alguns adolescentes, o poder da família perde sua força quando o adolescente atinge independência financeira e assim passa a ter mais liberdade e seguir caminhos alternativos à vontade familiar.

Para os adolescentes, as famílias têm deveres: educar (não deve apenas incentivar, mas participar e orientar moralmente); apoio financeiro (a estrutura familiar deve ser provedora de segurança financeira). A punição, para os adolescentes, é importante como forma de ensinamento, mas todos acreditam que deve haver limites, principalmente no uso de violência física.

A visão dos adolescentes sobre a família transcende a ideia de pais-mães-filhos. Para eles, família é o núcleo de pessoas mais próximas, seja formada por pais, tios, avós ou por outras pessoas, desde que seja coesa.

Quando perguntados se gostariam de mudar qualquer coisa na situação familiar, referiram-se apenas a mudanças de ordem financeira.

Segundo estatísticas de 2001 do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP/2001), ligado ao Ministério da Educação, 97% dos estudantes entre 7 e 14 anos estão matriculados no ensino regular. O mesmo ocorre com 84,5% dos adolescentes entre 15 e 17 anos. Entre os entrevistados na pesquisa *A Voz dos Adolescentes*, 94% (todos na faixa etária entre 12 e 17 anos) estão matriculados em algum estabelecimento de ensino.

// Tabela 43 - Adolescentes, por região, segundo matrícula na escola, 2001/2002 (%)

Você vai à escola?	Sul	Centro-Oeste	Norte	Sudeste	Nordeste	Nacional
Sim	95	96	94	93	93	94
Não	5	4	6	7	7	6
Total	100 (720)	100 (399)	100 (400)	100 (2.060)	100 (1.701)	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Entre os matriculados, 51,2% têm entre 12 e 14 anos e 48,5% estão entre os 15 e 17 anos. Entre os que não estão matriculados, 72,5% têm entre 15 e 17 anos e 26,9% estão na faixa entre 12 e 14 anos.

// Tabela 44 - Adolescentes, por faixa etária, segundo matrícula na escola (nacional), 2001/2002 (%)

Matrícula na escola	Faixa etária			Total
	12 a 14 anos	15 a 17 anos	Sem resposta	
Sim	51,2	48,5	0,3	100 (4.921)
Não	26,9	72,5	0,6	100 (335)
Sem resposta	16,7	83,3	0	100 (24)
Total	49,5 (2.616)	50,2 (2.648)	0,3 (16)	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

No perfil dos adolescentes não matriculados, 54% são meninos e 46%, meninas. A proporção de matriculados é maior entre adolescentes da classe B (97%), maior do que a proporção entre adolescentes das classes A e C (94% em ambas) e na classe D (86%).

Como mostrado anteriormente, o trabalho é um dos motivos de afastamento de adolescentes dos estudos. Entre os que trabalham, 15% estão fora da escola. Entre os que não trabalham, 10%. Na análise por região, percebe-se que 24% dos adolescentes que trabalham na região Norte não frequentam a escola. O mesmo ocorre com 16% dos adolescentes nordestinos e com 15% dos entrevistados do Sudeste.

// Tabela 45 - Adolescentes que trabalham, por região, segundo matrícula na escola, 2001/2002 (%)

Você, que trabalha, está matriculado na escola?						
	Sul	Centro-Oeste	Norte	Sudeste	Nordeste	Nacional
Sim	92	91	76	85	84	85
Não	8	9	24	15	16	15
Total	100 (84)	100 (44)	100 (42)	100 (241)	100 (218)	100 (629)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Foram consideradas nesta tabela apenas as respostas dos adolescentes que trabalham.

Entre os adolescentes, é alto o índice de distorção entre idade e série frequentada. Entre os meninos, 17,2% dos que têm entre 15 a 17 anos cursam até a quarta série (quando deveriam cursar o Ensino Médio). O mesmo ocorre com os mesmos 17,2% das meninas dessa faixa etária. Ainda entre aqueles com idades entre 15 e 17 anos, 37,3% dos meninos e 35,8% das meninas estão entre a 5ª e 8ª séries do Ensino Fundamental.

// Tabela 46 - Adolescentes, por grau de escolaridade declarado e faixa etária, segundo sexo (nacional), 2001/2002 (%)

Sexo	Grau de escolaridade declarado	Faixa etária		
		12 a 14 anos	15 a 17 anos	Sem resposta
Masculino	Pré-escola à 4ª série	20,9	17,2	12,5
	5ª a 8ª série	67,2	32,6	50,0
	Ensino Médio	6,4	37,3	25
	Superior	0	0,3	0
	Sem resposta	5,5	12,6	12,5
	Total (2.699)	100 (1.341)	100 (1.350)	100 (8)
Feminino	Da pré-escola à 4ª série	16,9	17,2	12,5
	De 5ª a 8ª série	69,8	35,8	25
	Ensino Médio	8,9	46,4	37,5
	Superior	0	0,3	0
	Sem resposta	4,4	0,3	25
	Total (2.581)	100 (1.275)	100 (1.298)	100 (8)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Ao relacionar a escolaridade com a faixa etária e a classe social dos adolescentes, percebe-se que aqueles com maior defasagem escolar pertencem às classes mais baixas. Na classe A, por exemplo, 68,4% dos entrevistados entre 15 e 17 anos estão no Ensino Médio. Na classe B, 51,1%; na C, 36,8% e na D, 25,5%.

Por outro lado, 16% dos entrevistados pertencentes à classe D, com idade entre 15 e 17 anos, estão matriculados em alguma série até a 4ª do Ensino Fundamental, contra 9,2% dos pertencentes à classe A.

// Tabela 47 - Adolescentes, por grau de escolaridade declarado e faixa etária, segundo classe social (nacional), 2001/2002 (%)

Classe social	Grau de escolaridade declarado	Faixa etária		
		12 a 14 anos	15 a 17 anos	Sem resposta
Classe D	Pré-escola à 4ª série	18,2	16	16,7
	5ª a 8ª série	70,6	36,7	50
	Ensino Médio	4,8	25,5	0
	Superior	0	0	0
	Sem resposta	6,4	21,8	33,3
Total – 843		100 (456)	100 (381)	100 (6)
Classe C	Pré-escola à 4ª série	17,7	14,7	12,5
	5ª a 8ª série	70,2	36,2	25
	Ensino Médio	7,7	36,8	50
	Superior	0	0,4	0
	Sem resposta	4,4	11,9	12,5
Total – 3.278		100 (1.617)	100 (1.653)	100 (8)
Classe B	Pré-escola à 4ª série	23,4	22,7	0
	5ª a 8ª série	62,2	16,9	50
	Ensino Médio	9,8	51,1	50
	Superior	0	0	0
	Sem resposta	4,6	9,3	0
Total – 963		100 (458)	100 (503)	100 (2)
Classe A	Pré-escola à 4ª série	27,6	9,2	0
	5ª a 8ª série	56,9	7,9	0
	Ensino Médio	8,6	68,4	0
	Superior	0	0	0
	Sem resposta	6,9	14,5	0
Total - 134		100 (58)	100 (76)	

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Estão fora da soma desta tabela 62 questionários de entrevistados que não forneceram informações suficientes para serem encaixados nas quatro classes acima. Por isso, a soma dos quatro micro-universos dá 5218, e não 5280.

Se levada em conta a questão racial, entre os adolescentes de 12 a 14 anos é maior o número de pardos matriculados entre a 5ª e a 8ª série (72,1%). A porcentagem é um pouco menor entre os amarelos (66,7%), brancos (67,1%), pretos (59,9%) e indígenas (59,5%). Entre os que se definiram como indígenas nessa faixa etária (12 a 14 anos), é grande a porcentagem dos que estão no Ensino Médio (13,5%), contra 9,7% dos amarelos e pretos, 8,2% dos brancos e 6,1% dos pardos.

Na faixa etária entre 15 a 17 anos, no entanto, ocorre uma inversão. É nessa faixa etária que os adolescentes devem entrar no Ensino Médio, e isso ocorre para 45,2% dos que se definiram como amarelos. Número maior que os 43,8% dos brancos, 38,7% entre os índios, 35,2% entre os pardos e 32,4% entre os pretos. Por outro lado, há uma maior porcentagem de pretos dessa faixa etária (15 a 17 anos) matriculados no Ensino Fundamental entre a 5ª e 8ª série (38,1%), contra 36,7% dos pardos, 31,7% dos amarelos, 29% dos indígenas e 24,2% dos brancos.

// Tabela 48 - Adolescentes, por raça, segundo faixa etária e grau de escolaridade declarado (nacional), 2001/2002 (%)

Faixa etária	Grau de escolaridade declarado	Raça/cor						
		Branca	Preta	Parda	Amarela	Indígena	Outros	Sem resposta
12 a 14 anos	Sem resposta	3,7	7,4	5,2	5,6	10,8	4,6	9,5
	Pré-escola a 4ª série	21	23,1	16,7	18,1	16,2	11,5	23,8
	5ª a 8ª série	67,1	59,9	72,1	66,7	59,5	76,3	57,1
	Ensino Médio	8,2	9,7	6,1	9,7	13,5	7,6	9,5
N=2.632		100 (1.048)	100 (299)	100 (1.008)	100 (72)	100 (37)	100 (131)	100 (37)
15 a 17 anos	Sem resposta	13,9	13,8	12,4	7,7	9,7	13,8	4
	Pré-escola a 4ª série	17,8	15,5	14,6	14,4	22,6	13,8	24
	5ª a 8ª série	24,2	38,1	36,7	31,7	29	36,3	20
	Ensino Médio	43,8	32,4	35,7	45,2	38,7	35	52
	Superior	0,3	0,2	0,2	1	0	0	0
N=2.648		100 (977)	100 (407)	100 (1.024)	100 (104)	100 (31)	100 (80)	100 (25)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Quanto ao tipo de escola em que estão matriculados, na classe A, 66,4% dos entrevistados estudam em estabelecimentos particulares. Na classe B, 47,1% estão matriculados em estabelecimentos públicos contra 45,2% em escolas particulares, e na classe C, 71,6% na pública e 18,6% na particular. Na classe D, 78,1% dos adolescentes estudam em escolas públicas e 6,6% em estabelecimentos privados.

// Tabela 49 - Adolescentes, por classe social, segundo dependência administrativa em que estudam, 2001/2002 (%)

	Pública	Particular	Particular, porém gratuita	Sem resposta	Total
Classe A	25,4	66,4	1,5	6,7	100 (134)
Classe B	47,1	45,2	2,1	5,6	100 (963)
Classe C	71,6	18,6	1,3	8,5	100 (3.278)
Classe D	78,1	6,6	1,1	14,2	100 (843)
Sem resposta	54,8	25,8	0	19,4	100 (62)
Total	66,8	22,8	1,4	8,9	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

A ESCOLA, SEU ESPAÇO E SEUS CONTEÚDOS

Os adolescentes não estão satisfeitos em relação ao espaço físico de que dispõem nas escolas em que estudam: 61% dos entrevistados disseram que sua escola não é agradável, nem segura e não tem muito espaço para atividades, contra 39% que disseram o contrário; para 67%, o espaço físico não é bom, sem boas salas e pátio, contra 33% que afirmam que há boas salas e pátios em suas escolas.

// Tabela 50 - Adolescentes segundo a avaliação do espaço físico da escola (nacional), 2001/2002 (%)

Avaliação do espaço físico	Respostas	
	Sim	Não
Agradável, seguro e com muito espaço para diversas atividades	39	61
É bom, com boas salas e pátio	33	67
É pequeno, mas bem cuidado	20	80
É mal cuidado com salas mal conservadas	15	85
Falta espaço e sempre falta material	9	91

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Esta era uma questão de múltipla escolha. Foram computadas para esta tabela apenas as respostas válidas.

Há diferenças entre os adolescentes nas escolas públicas e particulares. Entre os adolescentes matriculados em escolas públicas, 35,2% consideraram o colégio agradável, seguro e com muito espaço. Já entre os alunos de estabelecimentos particulares, 52,5% têm a mesma percepção. Da mesma forma, 31,7% dos adolescentes matriculados em escolas públicas consideraram o espaço físico da escola bom. O mesmo dado sobre para 39,1% entre adolescentes de colégios particulares. Entre os alunos das escolas públicas, 17,9% consideraram o espaço físico da escola mal cuidado. O mesmo foi dito por 4,6% dos adolescentes alunos de estabelecimentos particulares.

// Gráfico 1.2 - Adolescentes, por dependência administrativa, segundo a avaliação do espaço físico da escola (nacional), 2001/2002 (%)

A relação com os professores em sala de aula é boa, “de compreensão, aprendizagem e respeito” para 49% dos adolescentes entrevistados. Outros 33% disseram que a convivência é normal, mas que existem problemas específicos com alguns professores; 8% descreveram a relação como “difícil, faltando diálogo”. E 12% disseram que falta competência a seus professores (Obs. As porcentagens citadas não somam 100%, pois o item referente à competência dos professores refere-se a uma questão distinta do questionário).

// Tabela 51 - Adolescentes segundo sua relação com os professores (nacional), 2001/2002 (%)

Relação com os professores	
É uma relação boa, de compreensão, aprendizagem e respeito	49
É uma relação normal, com problemas específicos com alguns professores	33
É uma relação difícil, falta diálogo	8
Sem resposta	8
É uma relação ruim, porque os professores são autoritários	2
Outra avaliação	0
Total	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa “A Voz dos Adolescentes”, UNICEF/Fator OM/2002.

Ainda que 70,2% dos adolescentes considerem que os conteúdos que estudam na escola são importantes para sua vida e crescimento profissional, menos da metade deles (39,7%) consideram que as aulas ajudam a compreender melhor a sociedade em que vivem.

// Tabela 52 - Adolescentes segundo a avaliação dos conteúdos lecionados (nacional), 2001/2002 (%)

Avaliação dos conteúdos	Respostas			Total
	Sim	Não	Sem resposta	
Importantes para sua vida e seu futuro profissional	70,2	22,2	7,6	100 (5.280)
Ajudam a compreender melhor a sociedade	39,7	52,7	7,6	100 (5.280)
São distantes da sua vida, sem utilidade prática	12,8	79,6	7,6	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa “A Voz dos Adolescentes”, UNICEF/Fator OM/2002.

Consideradas as diferenças regionais, no Centro-Oeste, 46,4% dos adolescentes acreditam que as aulas ajudam a compreender melhor a sociedade. No Sudeste, esse índice é de 39,8%; no Nordeste, 39,5%; no Norte, 39,3% e no Sul, 36,4%.

// Tabela 53 - Adolescentes, por região, segundo consideração de que suas aulas ajudam a compreender melhor a sociedade, 2001/2002 (%)

As aulas ajudam a compreender melhor a sociedade?	Sul	Centro-Oeste	Norte	Sudeste	Nordeste	Nacional
Sim	36,4	46,4	39,3	39,8	39,5	39,7
Não	57,8	49,4	54,3	51	53,1	52,7
Sem resposta	5,8	4,2	6,4	9,3	7,4	7,6
Total	100 (720)	100 (399)	100 (400)	100 (2.060)	100 (1.701)	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa “A Voz dos Adolescentes”, UNICEF/Fator OM/2002. Foram consideradas somente as respostas dos adolescentes que estudam.

Na classe A, 54% dos adolescentes acham que as aulas não servem para compreender a sociedade. Na classe D, esse percentual é de 64%. Na classe B, 50% dos entrevistados acreditam que as aulas servem para entender a sociedade, enquanto outros 50% dizem que não. Na classe C, 58% acreditam que as aulas não contribuem para compreender a sociedade, contra 42% que acham que sim.

O índice não varia, porém, entre adolescentes de escolas particulares e públicas. Para 43%, as aulas ajudam a compreender melhor a sociedade. Entre os entrevistados de estabelecimentos públicos, 75% consideraram as aulas importantes para sua vida e futuro profissional, contra 79% dos matriculados em escolas particulares.

// Tabela 54 - Adolescentes, por dependência administrativa, segundo a avaliação dos conteúdos lecionados (nacional), 2001/2002 (%)

Avaliação dos conteúdos	Dependência administrativa		
	Pública	Particular	Particular gratuita
Importantes para sua vida e seu futuro profissional	75	79	72
Ajudam a compreender melhor a sociedade	43	43	55
São distantes da sua vida, sem utilidade prática	14	11	33

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002. As respostas não somam 100%, porque a tabela agrega 0

Os adolescentes também fizeram uma avaliação de como se sentem em relação às aulas. Entre os entrevistados, 33% disseram que elas estimulam a criatividade e a participação, contra 59,6% que pensam o oposto. Além disso, 34,3% disseram que suas aulas são imprevisíveis (há dias agradáveis, interessantes, e outros repetitivos). Segundo outros 34,3%, as aulas baseiam-se nos livros didáticos com algumas atividades adicionais. Para 16,3% dos adolescentes, as aulas são "muito monótonas, centradas no professor".

// Tabela 55 – Adolescentes, segundo a avaliação de suas aulas (nacional), 2001/2002 (%)

Avaliação das aulas	Respostas			
	Sim	Não	Sem resposta	Total
De muita criatividade e estimulam a participar	33	59,6	7,4	100(5.280)
Baseada nos livros didáticos com algumas atividades adicionais	34,3	58,3	7,4	100(5.280)
Imprevisíveis - há dias legais e outros repetitivos	34,3	58,3	7,4	100(5.280)
Muito monótonas, centradas no professor	16,3	76,3	7,4	100(5.280)
Falta competência por parte dos professores	10,7	81,9	7,4	100(5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Enquanto 33,7% dos entrevistados de escolas públicas dizem que suas aulas são criativas e estimulam a participação, o mesmo ocorre na opinião de 41,4% dos entrevistados de escolas particulares. Além disso, 13,7% dos entrevistados de escolas públicas disseram que falta competência a seus professores, contra 5,5% dos entrevistados de escolas particulares.

// Gráfico 2.1.2 - Adolescentes, por dependência administrativa, segundo a avaliação de suas aulas (nacional), 2001/2002 (%)

// Gráfico 2.2.2 - Adolescentes, por dependência administrativa, segundo a avaliação de suas aulas (nacional), 2001/2002 (%)

// Gráfico 2.3.2 - Adolescentes, por dependência administrativa, segundo a avaliação de suas aulas (nacional), 2001/2002 (%)

Quanto aos conteúdos aprendidos e a segurança para ser aprovado para outra série na escola, 47% dos entrevistados disseram que aprenderam o conteúdo dado, mas que algumas coisas precisarão ser reforçadas nas próximas etapas; 22% disseram que têm domínio pleno sobre o conteúdo apresentado e 17% disseram que aprenderam pouco ou nada.

// Educação

Síntese das respostas dos adolescentes nos grupos focais. As frases destacadas em itálico são palavras dos próprios adolescentes

Amor e ódio. Adolescentes dizem “adorar” a escola ou “detestá-la” (principalmente alunos da rede pública).

“A escola é uma oportunidade a ser aproveitada.”

O prazer em ir à escola é sentimento comum entre adolescentes alunos de escolas públicas participantes ativos dos projetos de arte e de esporte. Entre os alunos de escolas particulares, fortes ligações afetivas entre eles e os colegas, professores e diretoria torna o colégio um lugar especial, principalmente para aqueles nas séries finais do Ensino Médio.

Os alunos da rede pública conhecem a diferença do conteúdo ensinado nas salas de aula da rede pública e na rede privada. Para eles, porém, o único obstáculo incontornável é a postura distante dos professores com relação aos alunos e faltas constantes.

Na oficina, quando soube que o acesso e permanência na escola é um direito da criança e do adolescente, um adolescente, aluno de rede pública, reagiu: *“A professora deveria saber disso.”*

Os alunos da rede pública que não gostam da escola explicam seus motivos: péssima estrutura física (locais deteriorados, falta de material, condições anti-higiênicas, falta de liberdade dentro do colégio); professores, funcionários e diretores que os desvalorizam e desrespeitam (é comum alguns adolescentes relatarem ter sido xingados de ‘panacas’, ‘infelizes’, ‘burros’, ‘porcos’ e ‘animais’); e ameaças. Para esses alunos, principalmente das regiões Sudeste e Centro-Oeste, o tratamento recebido na escola é motivo suficiente para abandoná-la.

Sobre os planos depois do Ensino Médio, apenas alunos da rede privada mencionam o vestibular.

Quanto ao mercado de trabalho, para os alunos de escolas particulares, o conteúdo ensinado em sala de aula é insuficiente (cursos de computação e inglês são citados como “essenciais” para um bom emprego). Já os alunos de escolas públicas chegam a afirmar que o Ensino Fundamental completo é suficiente para conseguir um emprego.

“Eu acho que química, física, essas coisas, deviam ser banidas. Eu nunca vou usar essas coisas”.

Os adolescentes criticam a forma de ensino/aprendizagem nas escolas. Para alguns, o interesse das disciplinas e conteúdos depende das dinâmicas usadas em sala de aula pelos professores.

Para outros, grande parte do conteúdo é inútil e irrelevante para a formação.

“Sempre acreditei no que os meus pais sempre me falaram: bom, se eu morrer, a única coisa que eu vou deixar e ninguém vai tomar de você, são seus estudos.”

A falta de interesse é exatamente o principal motivo para o abandono escolar (mencionado por todos os participantes como uma possibilidade: em ambas as faixas etárias, para meninos e meninas, em escolas particulares e públicas). Outros motivos para se deixar a escola são: uso/abuso de drogas; ‘más companhias’; problemas familiares e financeiros; e, no caso das meninas, a gravidez. Os próprios adolescentes reconhecem, porém, que a escola é resultado da participação e envolvimento de todos.

“Temos apenas uma aula de história para cinco de matemática, e não há aula de filosofia. Isso não é bom.”

Para adolescentes nos grupos das regiões Centro-Oeste, Norte e Nordeste, a escola deveria empenhar-se em promover a formação de uma consciência humanística e cidadania, de estimular a capacidade crítica e de reivindicação, por meio de debates ou aulas específicas. A sugestão vem principalmente de alunos de escolas particulares e desperta ceticismo nos adolescentes alunos da rede pública.

Diálogo entre aluno da rede particular e pública

Adolescente na rede particular: *“O governo está interessado apenas em matricular e não em dar ao aluno o que ele precisa dentro da escola”.*

Adolescente aluno da rede pública: *“Não está interessado às vezes sequer em matricular. Você tem de dormir na fila e nem isso garante a vaga”.*

Nos grupos, foram realizados debates sobre as medidas dos governos em relação à educação. A afirmação recorrente, tanto entre alunos de escolas públicas quanto particulares, foi a de que o governo é desinteressado na educação: *“O governo tem interesse em restringir a educação, quanto mais ignorante, melhor”* ou *“Os professores não estão interessados em ensinar, apenas em aprovar os alunos”.* Todos concordam com a falta de implementação do que está previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente, uma vez que, para eles, não há demonstrações claras, nem da sociedade, nem dos governos, para manter um adolescente estudando.

- Um participante de 12 anos ainda não era alfabetizado. Segundo ele, os pais não tinham condições financeiras de pedir uma

ABANDONO DA ESCOLA

segunda via da certidão de nascimento e, por isso, durante seis anos, ele foi impedido de estudar.

- Uma escola pública do centro de Belém faz muro com uma delegacia, onde, em certa ocasião, houve uma rebelião. Os presos pularam o muro e fizeram reféns entre as alunas. Ainda assim, os adolescentes acreditam ser a escola um lugar estimulante, que não deve ser abandonado.
- Na semana anterior à realização do grupo focal, uma batida policial aconteceu na escola onde estudam participantes da oficina. O motivo da batida: suspeita de uso de maconha. Os alunos de duas salas foram revistados pelos policiais. Têm entre 14 e 15 anos. Os participantes que sofreram a revista mostraram-se indignados com o fato de que nem todos os alunos foram revistados, entre eles as meninas. Porém, não condenaram a atitude da polícia. *"A batida policial é ruim por conta do julgamento. O certo é revistar todo mundo, mas o tratamento (dos policiais) não foi ruim."* Um adolescente sugeriu que os próprios funcionários da escola revistassem os alunos.

A porcentagem de adolescentes que precisaram, alguma vez, abandonar os estudos é de 9%. Na divisão entre meninos e meninas entrevistados, a proporção mantém-se semelhante (9% entre as mulheres e 10% entre os homens). Quando o critério é classe, enquanto nas classes C e D a porcentagem é de 9,9% e 9,6%, respectivamente, na classe A cai para 5,2%, conforme tabela abaixo.

// Tabela 56 - Adolescentes, por classe social, segundo abandono escolar, 2001/2002 (%)

Classe social	Você já abandonou a escola?			Total
	Sim	Não	Sem resposta	
Classe A	5,2	80,6	14,2	100 (134)
Classe B	6,5	82,6	10,9	100 (963)
Classe C	9,9	78	12,1	100 (3.278)
Classe D	9,6	66,3	24,1	100 (843)
Sem resposta	4,8	75,8	19,4	100 (62)
Total	9	77	14	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Considerando-se as diferentes regiões, percebe-se no Nordeste a maior porcentagem de adolescentes que já abandonaram a escola (11%). A menor porcentagem é registrada na região Sul e Sudeste, ambas com 8%. No Centro-Oeste, 9% dos adolescentes abandonaram a escola pelo menos uma vez e no Norte, 10%.

// Tabela 57 - Adolescentes, por região, segundo abandono escolar, 2001/2002 (%)

Você já abandonou a escola?	Sul	Centro-Oeste	Norte	Sudeste	Nordeste	Nacional
Sim	8	9	10	8	11	9
Não	86	86	83	69	79	77
Sem resposta	6	5	7	23	10	14
Total	100 (720)	100 (399)	100 (400)	100 (2.060)	100 (.1701)	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Considerado o critério raça, percebe-se que o abandono escolar é maior entre os indígenas (19%). Abaixo aparecem os adolescentes que se definiram como pretos (11,6%), amarelos (10,7%), pardos (9,3%) e brancos (7,7%).

// Tabela 58 - Adolescentes, por raça, segundo abandono escolar. 2001/2002 (%)

Abandono escolar	Raça/cor							Total
	Branca	Preta	Parda	Amarela	Indígena	Outros	Sem resposta	
Sim	7,7	11,6	9,3	10,7	19,1	9	78,7	9 (477)
Não	77,1	73,3	78,2	79,7	58,8	79,6	0	77 (4.066)
Sem resposta	15,2	15,1	12,5	9,6	22,1	11,4	21,3	14 (737)
Total	100 (2.035)	100 (709)	100 (2.033)	100 (177)	100 (68)	100 (211)	100 (47)	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Entre os que já abandonaram a escola, o principal motivo apontado foi a mudança de endereço, (23% das respostas). Outras razões citadas foram: problemas familiares (19%), não querer estudar (16%), não gostar da escola (12%) e o trabalho (10%).

A ESCOLA, OS PAIS E A COMUNIDADE

Os pais participam "de vez em quando" da vida escolar de 45% dos adolescentes, frequentando eventos e reuniões promovidas pela escola; segundo 37% dos adolescentes, os pais vão sempre aos eventos escolares e 10% responderam que seus pais não comparecem nunca. Os 8% restantes não responderam a questão.

Entre os 10% dos pais que não participam das atividades da escola de seus filhos, para os adolescentes, eles não fazem por falta de tempo (50%); porque a escola não promove reuniões desse tipo (21%) ou porque os pais não têm interesse (18%).

Metade dos adolescentes (50%) disse que a vizinhança e os amigos fazem-se presentes no ambiente escolar; 25% disseram

que a comunidade não tem interesse em participar da escola, enquanto 16% responderam que a escola não oferece espaço para atividades com a comunidade.

Se levarmos em consideração as classes sociais, a sensação de que a comunidade participa das atividades na escola é maior entre os adolescentes da classe A (54,5%). A porcentagem decresce de acordo com as classes sociais. Na B, 52,9%; na C, 49,7%; e na D, 46,5%.

// Tabela 59 - Adolescentes, por classe social, segundo a participação da comunidade nas atividades na escola (%)

Classe social	A comunidade participa das atividades na escola					Total
	Sim	Não, porque a escola não promove reuniões e/ou eventos	Não, porque não tem interesse	Sem resposta	Outros	
Classe A	54,5	14,9	23,1	7,5	0	100 (134)
Classe B	52,9	17,8	23,7	5,6	0	100 (963)
Classe C	49,7	15,1	25,9	9,1	0,1	100 (3.278)
Classe D	46,5	14,5	22,4	16	0,6	100 (843)
Sem resposta	33,9	24,2	22,6	19,3	0	100 (62)
Total	49,7	15,6	24,8	9,7	0,2	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

INGRESSO NO MUNDO DO TRABALHO

Segundo os dados obtidos da pesquisa *A Voz dos Adolescentes*, 13% dos adolescentes entrevistados exercem atividades profissionais.

Entre os que não trabalham, 59% nunca tiveram um emprego, 7% já estiveram no mercado de trabalho, mas deixaram de trabalhar por opção própria, e 8% dos entrevistados gostariam de trabalhar, mas estão sem emprego. Entre os adolescentes trabalhadores, 64,3% são homens e 35,7%, mulheres. Entre os que não trabalham 49,4% são do sexo masculino, enquanto 50,6% são do feminino.

// Tabela 60 - Adolescentes, por sexo, segundo exercício de atividade profissional (nacional), 2001/2002 (%)

Atividade profissional	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
Sim	64,3	35,7	100 (638)
Não	49,4	50,6	100 (4.406)
Sem resposta	47,9	52,1	100 (236)
Total	51,1	48,9	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Segundo o critério racial, os adolescentes que trabalham estão distribuídos assim: 39% são pardos, 36,7%, brancos, 16%, pretos, 3,1%, amarelos e 0,8%, indígenas. Entre os que não trabalham, 39,1% são brancos, 38,4%, pardos, 12,8%, pretos, 3,4%, amarelos e 1,3%, indígenas.

// Tabela 61 - Adolescentes, por raça, segundo exercício de atividade profissional (nacional), 2001/2002 (%)

Você trabalha?	Branca	Preta	Parda	Amarela	Indígena	Outros	Sem resposta	Total
Sim	36,7	16	39	3,1	0,8	3,3	1,1	100 (638)
Não	39,1	12,8	38,4	3,4	1,3	4,2	0,8	100 (4.406)
Sem resposta	33,1	17,4	39,4	3,8	1,7	2,5	2,1	100 (236)
Total	38,5 (2.035)	13,4 (709)	38,5 (2.033)	3,4 (177)	1,3 (68)	4 (211)	0,9 (47)	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Entre os adolescentes trabalhadores ouvidos na pesquisa *A Voz do Adolescente*, 46% iniciaram suas atividades profissionais entre 12 e 14 anos. O número de adolescentes que iniciaram o trabalho na faixa etária entre 12 e 14 anos varia segundo as regiões (36% no Norte, 45% no Sudeste, 46% no Nordeste, 44% no Centro-Oeste e 50% no Sul). Na região Norte, 26% começaram a trabalhar na faixa etária entre 9 e 11 anos. O mesmo foi registrado nas respostas de 15% dos adolescentes que trabalham no Nordeste, 12% no Sul, 9% no Centro-Oeste e 2% no Sudeste.

// Tabela 62 - Adolescentes, por região, segundo faixa etária em que começam a trabalhar, 2001/2002 (%)

Idade/Trabalho	Sul	Centro-Oeste	Norte	Sudeste	Nordeste	Brasil
Menos de 5 anos	0	0	2	0	0	0
6 a 8 anos	5	5	3	1	6	4
9 a 11 anos	12	9	26	2	15	11
12 a 14 anos	50	44	36	45	46	46
15 a 17 anos	33	42	33	52	33	39
Total (N)	100 (84)	100 (43)	100 (42)	100 (138)	100 (221)	100 (528)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002. Tabela construída levando em conta apenas as respostas válidas dos adolescentes que trabalham.

// NOTA TÉCNICA

// A idade mínima para o trabalho

O trabalho é proibido no Brasil para crianças e adolescentes até os 14 anos de idade.

Dos 14 aos 16 anos, o trabalho é permitido apenas na condição de aprendiz. Ou seja, o adolescente deve ser orientado para a aprendizagem e deve frequentar a escola regular. A partir dos 16 anos, o trabalho é permitido, desde que respeitadas as leis trabalhistas e proibições como não poder trabalhar à noite ou em atividades perigosas ou insalubres.

Os adolescentes brasileiros desconhecem essas informações. Quando perguntados na pesquisa sobre a idade estabelecida por lei para o ingresso no trabalho, 48% não souberam responder, enquanto 18% disseram que a idade mínima era 16 anos. Outros 19% responderam 18 anos, conforme indicado na tabela a seguir.

// Tabela 63 - Adolescentes, por região, segundo opinião acerca da idade estabelecida por lei para que o jovem comece a trabalhar, 2001/2002 (%)

Qual a idade estabelecida por lei para que uma pessoa comece a trabalhar?	Sul	Centro-Oeste	Norte	Sudeste	Nordeste	Brasil
Não sabe	36	45	53	57	44	48
5 a 10 anos	0	0	1	0	0	0
11 a 15 anos	12	10	5	8	8	8
16 anos	30	21	11	19	13	18
17	0	2	2	1	1	1
18	19	20	23	12	26	19
19	0	0	0	0	2	1
20 a 25	3	2	5	1	4	3
Não respondeu	0	0	0	0	2	2
Total (N)	100 (720)	100 (399)	100 (400)	100 (2.060)	100 (1.701)	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Entre os adolescentes entrevistados que exercem algum tipo de atividade profissional, 12,1% fazem-no com a carteira assinada, 62,7% trabalham sem regularização oficial e 25,2% preferiram não responder à pergunta. Na análise, levando em conta as diferentes regiões, é no Sudeste que se registra o maior índice de adolescentes que estão no mercado de trabalho e têm a carteira assinada (18,3%), contra 15,9% do Centro-Oeste, 15,1% do Sul, 5,8% do Nordeste e nenhum registro no Norte.

// Tabela 64 - Adolescentes que trabalham, por região, segundo regularização com carteira assinada, 2001/2002 (%)

Você tem carteira assinada?	Sul	Centro-Oeste	Norte	Sudeste	Nordeste	Nacional
Sim	15,1	15,9	0	18,3	5,8	12,1 (77)
Não	81,4	81,8	95,3	43,6	66,1	62,7 (400)
Sem resposta	3,5	2,3	4,7	38,1	28,1	25,2 (161)
Total	100 (86)	100 (44)	100 (43)	100 (241)	100 (224)	100 (638)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002. Tabela construída utilizando como universo apenas os adolescentes que trabalham.

Entre os adolescentes que trabalham com carteira assinada, 59,7% são do sexo masculino e 40,3% são do sexo feminino. Entre os que trabalham sem carteira assinada, 67,2% são do sexo masculino e 32,8% do feminino.

// Tabela 65 - Adolescentes, por sexo, segundo regularização no trabalho com carteira assinada (nacional), 2001/2002 (%)

Sexo	Carteira assinada			
	Sim	Não	Sem resposta	Total
Masculino	59,7	67,2	49,6	51,1
Feminino	40,3	32,8	50,4	48,9
Total	100 (77)	100 (412)	100 (4.791)	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Na divisão por classe social, 48,1% dos entrevistados que trabalham e têm carteira assinada estão na classe C. A seguir estão os adolescentes da classe B (20,8%), os da classe D (19,5%) e os da classe A, com 6,5%.

// Tabela 66 - Adolescentes, segundo regularização no trabalho com carteira assinada, por classe social (nacional), 2001/2002 (%)

Carteira assinada	Classe social					Total
	Classe A	Classe B	Classe C	Classe D	Sem resposta	
Sim	6,5	20,8	48,1	19,5	5,1	100 (77)
Não	1,3	11,3	70,8	15,5	1,1	100 (400)
Sem resposta	1,9	16,8	61,5	18,6	1,2	100 (161)
Total	2	13,8	65,7	16,8	1,7	100 (638)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002. Tabela construída utilizando como universo apenas os adolescentes que trabalham.

// Trabalho

Síntese das respostas dos adolescentes nos grupos focais. As frases destacadas em itálico são palavras dos próprios adolescentes

Para os adolescentes, trabalhar ou não é uma opção, uma escolha do próprio adolescente.

Para a maioria dos participantes das regiões Sul e Sudeste, assim como na pesquisa quantitativa, o trabalho não afeta de forma prejudicial os estudos. O adolescente pode trabalhar bem sem que isso prejudique sua vida escolar, desde que se esforce.

Para adolescentes de classes sociais com menor renda, o trabalho é uma urgência e, portanto, a legislação que proíbe o trabalho antes dos 16 anos é "extremamente prejudicial" e impede o acesso desses adolescentes a uma renda importante tanto para ele/ela quanto para a família.

"Não quero sair do trabalho e nem ir mal na escola."

Nas regiões Norte e Nordeste é mais comum a percepção de que o trabalho, por mais importante que seja, atrapalha o desempenho escolar. Para esses participantes, o trabalho do adolescente deve ter condições diferenciadas: tempo mais curto e características de formação profissional. O trabalho é visto como uma experiência de amadurecimento e um desafio diante de novas e maiores responsabilidades. É citado ainda como importante para a prevenção da delinquência social.

"Pobre tem de estudar pra ser alguém na vida."

Para o sucesso profissional é preciso dedicação, responsabilidade e vínculo com o trabalho, além dos estudos e de uma escolha consciente da profissão a partir da identificação de vocações. Uma boa remuneração é necessária e legítima. Para os adolescentes, o trabalho deve garantir qualidade de vida às pessoas.

Em relação ao critério raça, os brancos representam 53,2% dos que trabalham e têm carteira assinada, enquanto os pardos somam 22,1%, seguidos dos pretos (19,5%), amarelos (3,9%) e indígenas (1,3%). O grupo que mais trabalha sem carteira assinada é o de pardos (42,8%), seguido por brancos (34%), pretos (13%), amarelos (3,5%) e indígenas (1,0%).

// Tabela 67 - Adolescentes, por raça, segundo regularização no trabalho com carteira assinada (nacional), 2001/2002 (%)

Carteira assinada	Raça/cor							Total
	Branca	Preta	Parda	Amarela	Indígena	Outros	Sem resposta	
Sim	53,2	19,5	22,1	3,9	1,3	0	0	100 (77)
Não	34	13	42,8	3,5	1,0	4,3	1,4	100 (400)
Sem resposta	35,4	21,7	37,9	1,9	0	2,5	0,6	100 (161)
Total	36,7 (234)	16 (102)	39 (249)	3,1 (20)	0,8 (5)	3,3 (21)	1,1 (7)	100 (638)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002. Tabela construída utilizando como universo apenas os adolescentes que trabalham.

O número de adolescentes entrevistados que exercem atividades profissionais varia de 9,2% (classe B) a 12,8% (Classe C). Na classe A, fica em 9,7% e, na classe D, em 12,7%. Os adolescentes de classes mais pobres também ingressam no trabalho mais cedo (entre 12 e 14 anos), enquanto os entrevistados das classes A e B iniciam a profissão entre os 15 e 17 anos.

// Tabela 68 - Adolescentes, por classe social, segundo o exercício de atividade profissional, 2001/2002 (%)

Atividade profissional	Classe social					Total
	Classe D	Classe C	Classe B	Classe A	Sem resposta	
Sim	12,7	12,8	9,2	9,7	17,8	12,1 (638)
Não	84,8	82,7	84,6	86,6	80,6	83,4 (4.406)
Sem resposta	2,5	4,5	6,2	3,7	1,6	4,5 (236)
Total	100 (843)	100 (3.278)	100 (963)	100 (134)	100 (62)	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002. Tabela construída utilizando como universo apenas os adolescentes que trabalham.

O tipo de atividade mais frequente entre os adolescentes que trabalham é o de assistente administrativo (18%), seguido de auxiliar de trabalhos técnicos, como ajudantes de estalheiros, marceneiros, mecânicos ou eletricitistas (10%). Esse dado varia segundo a classe social e o sexo.

// Tabela 69 – Adolescentes que trabalham, segundo o perfil de sua ocupação (nacional), 2001/2002 (%)

Atividades profissionais	
Assistente/auxiliar administrativo	18
Auxiliar de trabalhos técnicos	10
Vendedor	9
Trabalhador autônomo	7
Ambulante	7
Atendente	6
Babá	6
Carreteiro/catador/lavador	5
Empregada doméstica	5
Caixa	5
Assistente de conservação e limpeza	5
Comerciante/comerciário	3

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002. Tabela construída utilizando como universo as respostas dos adolescentes que trabalham.

As categorias profissionais listadas acima basearam-se na denominação utilizada pelo Ministério do Trabalho. Chamou-se de assistente/auxiliar administrativo profissionais como auxiliar de escritório, office-boy, ajudante de agência dos Correios, recepcionista, trabalho em serviços gerais, tirador de xerox, digitador. Entre os auxiliares de trabalhadores técnicos estão os que trabalham em parceria com outros profissionais, como ajudantes de cozinha, de auto-elétrica, auxiliares de serviço de refrigeração, de marceneiros, de mecânicos, de pedreiros, de estaleiro ou de lanternagem e pintura. Entre os trabalhadores autônomos estão os que explicitaram essa condição de trabalho, afirmando que tinham negócios como iluminação de festas, locação de mesas para festas, animação infantil ou promotor de eventos. Os ambulantes correspondem a vendedores de brinquedos, carteiras, lanches, frutas, legumes, balas, cachorro-quente, churrasco e outros itens, e que trabalham nas ruas. Os atendentes são balconistas, além de garçons e garçonetes. Foram chamados de carreteiros, catadores ou lavadores os que trabalham juntando latas, fazendo frete, carregando mercadoria no porto ou lavando carros. Os profissionais denominados "caixa" são empacotadores e cobradores em livrarias, papelarias, supermercados e outros estabelecimentos. Entre os assistentes de trabalho de conservação e limpeza estão os ajudantes de faxina, lavadores de pratos e lavadores de quintal. Finalmente, os comerciantes e comerciários são os que trabalham como vendedores, mas não especificaram o tipo de estabelecimento.

Na classe A, 71% dos adolescentes trabalham como assistentes administrativos, 21% como atendentes e 14% como estagiários, função que só aparece com alguma relevância nesse estrato social. Na classe B, a função mais frequente é a de atendente, com 21%, seguida de assistente administrativo (17%). A figura do estagiário ainda aparece nesse estrato social, com 6%.

Na classe C, o assistente administrativo é o tipo de profissional mais frequente (16%). Apenas 1% dos adolescentes pertencentes a essa classe foi contratado como estagiário. Já na classe D, as atividades são mais diversificadas, mas o trabalho de maior evidência é o de empregada(o) doméstica(o) (30%).

O trabalho de assistente administrativo, tão frequente nas classes mais ricas, não recebe nenhuma menção na classe D, assim como o estágio não aparece. As atividades mais frequentes são as de babá (20%) e de assistente de trabalho de conservação e limpeza, assistente de trabalho técnico, ambulante, trabalho autônomo e músico ou cantor (todos com 10%).

Os que exercem atividade de músico são os que se classificaram como indígenas (20%). Essa é também a porcentagem dos indígenas que trabalham como caixas, atendentes e babás. Entre os brancos, as atividades são bem heterogêneas: 20% são assistentes administrativos, caixas, vendedores, carreteiros ou catadores e gandulas.

Entre os pretos e pardos, uma coincidência: 19% são assistentes administrativos, 11% são auxiliares de trabalhos técnicos e 10% são vendedores. Entre os amarelos, 21% são vendedores e 14% são assistentes administrativos, assistentes de trabalho de conservação e limpeza, autônomos e auxiliares de trabalhos técnicos.

TRABALHO VERSUS ESCOLA

Entre meninas e meninos, a porcentagem de adolescentes que exercem funções administrativas é a mesma (18%), mas algumas atividades indicam porcentagens diferentes. São elas: o trabalho doméstico, que atinge 12% das meninas e 1% dos meninos; o trabalho como babá (16% das meninas e 0% dos meninos), o auxílio a trabalhos técnicos (5% das meninas e 13% dos meninos).

A classe social determina os diferentes destinos da remuneração que os adolescentes recebem. Enquanto nas famílias ricas, o dinheiro é usado principalmente para diversão (77% na classe A e 43% na classe B), nas famílias de baixa renda, o salário/remuneração tem como finalidade preponderante o auxílio no orçamento doméstico (52% na classe C e 59% na classe D).

Além de começarem a trabalhar cedo, com baixas remunerações e sem garantias trabalhistas, 94% dos adolescentes entrevistados que trabalham não recebem capacitação profissional qualificada para as funções que exercem. Entre os entrevistados que estão no mercado, 6% tiveram acesso a algum tipo de curso relacionado a sua área de trabalho.

Outra forma de qualificação para o trabalho, o ensino profissionalizante, não faz parte da formação de 83% dos entrevistados. Entre os 17% que tiveram acesso a cursos profissionalizantes, 53% classificaram-nos como de boa qualidade e 17% classificaram-nos como ruins.

Para os adolescentes, trabalhar não prejudica o estudar. Em âmbito nacional, 62% dos entrevistados que têm atividades profissionais não acreditam que o trabalho traga prejuízo aos estudos. Entre os adolescentes que só estudam, 57% responderam que trabalhar não prejudica os estudos. Por região, a percepção varia bastante. No Centro-Oeste, 80% dos adolescentes entrevistados que trabalham responderam que sua atividade não prejudica os estudos. No Norte, a taxa fica em 44%. No Sul, 59%; no Nordeste, 60% e, no Sudeste, 65%.

// Tabela 70 - Adolescentes que trabalham, por região, segundo a percepção de que trabalhar prejudica os estudos, 2001/2002 (%)

Você, que trabalha, acha que trabalhar prejudica os estudos?	Sul	Centro-Oeste	Norte	Sudeste	Nordeste	Nacional
Sim	30	20	54	29	36	33
Não	59	80	44	65	60	62
Sem resposta	4	0	0	3	3	2
Não sabe	7	0	2	3	1	3
Total	100 (86)	100 (44)	100 (43)	100 (241)	100 (224)	100 (638)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002. Tabela construída utilizando como universo as respostas dos adolescentes que trabalham.

Em âmbito nacional, 37% dos adolescentes entrevistados acreditam que trabalhar prejudica os estudos, enquanto 57% responderam que não prejudica. Na análise, levando em conta as diferentes regiões, 50% dos entrevistados no Norte do país consideraram o trabalho prejudicial aos estudos. O mesmo ocorreu com 43% dos adolescentes do Nordeste, 39% no Centro-Oeste, 35% no Sul e 31% no Sudeste.

// Tabela 71 - Adolescentes, por região, segundo a percepção de que trabalhar prejudica estudos, 2001/2002 (%)

Você acha que trabalhar prejudica os estudos?	Sul	Centro-Oeste	Norte	Sudeste	Nordeste	Nacional
Sim	35	39	50	31	43	37
Não	59	57	45	62	54	57
Não sabe	4	3	3	4	3	4
Sem resposta	2	1	2	3	0	2
Total	100 (720)	100 (399)	100 (400)	100 (2.060)	100 (1.701)	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Apesar de, aparentemente, negarem a incompatibilidade trabalho/estudo, entre os que trabalham, 13,3% já abandonaram a escola pelo menos uma vez. Entre os que não trabalham, o número é menor: 10%. O abandono escolar (temporário ou não) entre os adolescentes que trabalham é maior na região Centro-Oeste (18,2%), seguido da região Nordeste (17%), Sul (16,3%), Norte (14%) e Sudeste (7,9%). Também foi significativo, em âmbito nacional, o número de adolescentes que trabalham e preferiram não responder a esse questionamento (22,9%).

// Tabela 72 - Adolescentes que trabalham, por região, segundo abandono escolar, 2001/2002 (%)

Você, que trabalha, já abandonou a escola?	Sul	Centro-Oeste	Norte	Sudeste	Nordeste	Nacional
Sim	16,3	18,2	14	7,9	17	13,3 (85)
Não	72,1	70,5	58,1	61	63,4	63,8 (407)
Sem resposta	11,6	11,4	27,9	31,1	19,6	22,9 (146)
Total	100 (86)	100 (44)	100 (43)	100 (241)	100 (224)	(100) 638

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002. Tabela construída utilizando como universo as respostas dos adolescentes que trabalham.

FALTA LEITURA

A leitura não é um hábito freqüente entre os adolescentes. Nacionalmente, 37% dos adolescentes têm hábito de leitura ocasional; 23% não lêem; 17% só o fazem quando o professor manda, e outros 17% lêem com freqüência. Entre as regiões pesquisadas, no Sul os adolescentes lêem com mais freqüência (23%), seguido da região Norte (19%), Centro-Oeste (18%) e Sudeste e Nordeste, ambas com 15%.

// Tabela 73 - Adolescentes, por região, segundo hábito de leitura, 2001/2002 (%)

	Sul	Centro-Oeste	Norte	Sudeste	Nordeste	Nacional
Não lê	20	22	19	25	23	23
Só quando o professor manda	18	21	13	17	18	17
Lê com frequência (um livro por mês)	23	18	19	15	15	17
Lê ocasionalmente	38	38	48	30	43	37
Sem resposta	1	1	1	13	1	6
Total	100 (720)	100 (399)	100 (400)	100 (2.060)	100 (1.701)	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Entre os adolescentes entrevistados, os que lêem com mais frequência são os brancos e os amarelos (18%). Um pouco abaixo aparecem os pardos, com 17%, os pretos, com 14%, e os índios, com 12%. Por outro lado, 44% dos indígenas disseram que lêem ocasionalmente, contra 42% dos pardos, 37% dos amarelos, 35% dos pretos e 33% dos brancos. Entre os que responderam que não lêem, os pretos são o grupo com maior frequência de respostas (27%), seguidos de brancos e amarelos, com 23%. A mesma resposta foi comum a 22% dos pardos e 16% dos que se definiram como indígenas. A leitura estimulada pelo pedido dos professores é mais intensa entre os entrevistados que se definiram como indígenas (22%), seguidos pelos pretos (20%), brancos (18%), amarelos, 16% e pardos (15%).

// Tabela 74 - Adolescentes, por raça, segundo hábito de leitura, 2001/2002 (%)

Hábito de leitura	Raça/cor							Total
	Branca	Preta	Parda	Amarela	Indígena	Outros	Sem resposta	
Não lê	23,3	26,7	22,1	23,2	16,2	21,8	14,923,1	(1.218)
Só lê quando o professor manda	18	19,9	15	16,4	22,1	19	29,817,3	(911)
Lê com frequência (1 livro/mês)	17,9	14,2	17	17,5	11,8	15,2	19,116,9	(890)
Lê ocasionalmente	32,5	34,7	42,1	36,7	44,1	41,2	31,937,1	(1.960)
Sem resposta	8,3	4,5	3,8	6,2	5,8	2,8	4,35,7	(301)
Total	100 (2.035)	100 (709)	100 (2.033)	100 (177)	100 (68)	100 (211)	100 (47)	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

O hábito de leitura é mais forte entre as meninas: 26,8% dos garotos não lêem contra 19,2% entre as garotas. As meninas também lêem mais ocasionalmente (38,6% delas e 35,8% deles). É maior entre as adolescentes a porcentagem da leitura frequente (20,7% contra 13,2% dos meninos). Os meninos aparecem com maior frequência entre os que lêem quando o professor manda (18,6% deles e 15,8% delas).

// Tabela 75 - Adolescentes, por sexo, segundo hábito de leitura, 2001/2002 (%)

Hábito de leitura	Sexo		
	Masculino	Feminino	Total
Não lê	26,8	19,2	23,1
Só lê quando o professor manda	18,6	15,8	17,3
Lê com frequência (um livro por mês ou mais)	13,2	20,7	16,9
Lê ocasionalmente	35,8	38,6	37,1
Sem resposta	5,6	5,7	5,6
Total	100 (2.699)	100 (2.581)	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

As histórias em quadrinhos foram o tipo de leitura mais lembrado por 18% dos entrevistados. Logo a seguir aparecem livros de aventuras (15%), romances (14%) e poesia (8%). Levando em conta a análise regional, é no Centro-Oeste que os quadrinhos são lembrados com mais frequência (23% das respostas). No Sul, o tipo de leitura preferida são os livros de aventura (24%).

// Tabela 76 - Adolescentes, por região, segundo tipo de leitura preferida, 2001/2002 (%)

Qual o seu tipo de leitura preferido?	Sul	Centro-Oeste	Norte	Sudeste	Nordeste	Nacional
Gibi	20	23	17	16	19	18
Auto-ajuda	3	2	7	3	5	4
Policial	6	4	3	3	2	3
Aventura	24	15	14	14	13	15
Romance	11	16	14	11	19	14
Religiosos	3	3	6	2	2	3
Poesia	13	4	8	6	10	8
Outros	12	17	19	12	17	15
Sem resposta	8	16	12	33	13	20
Total	100 (720)	100 (399)	100 (400)	100 (2.060)	100 (1.701)	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

A preferência de leitura na análise pelas diferentes raças indica diferenças. Entre os entrevistados que se definiram como indígenas, a leitura preferida é a poesia e os livros de aventura, ambos com 15% das citações. Um pouco abaixo aparecem as histórias em quadrinhos (13%) e os romances (10%).

A lista de prioridades não é a mesma para os adolescentes de raça amarela, que preferem as histórias em quadrinhos (18%), romances (16%) e os livros de aventura (14%). Os pardos também seguem essa tendência, com histórias em quadrinhos (19%), romances (15%) e livros de aventura (13%). Entre os brancos, os livros de aventura são os preferidos (19%), com os quadrinhos em segundo (16%) e os romances em terceiro (14%). Entre os adolescentes pretos, empate entre histórias em quadrinhos e romances (16%), seguidos dos livros de aventura (11%).

// Tabela 77 - Adolescentes, por raça, segundo tipo de leitura preferida, 2001/2002 (%)

Preferência de leitura	Raça/cor				
	Branca	Preta	Parda	Amarela	Índigena
Gibi (história em quadrinhos)	16	16	19	18	13
Auto-ajuda	4	4	3	3	4
Policial	3	3	3	2	7
Aventura	19	11	13	14	15
Romance	14	16	15	16	10
Religiosos	2	3	4	2	2
Poesia	6	9	9	12	15
Outros	13	16	17	13	12
Sem resposta	23	22	17	20	22
Total (5.280*)	100 (2.035)	100 (709)	100 (2.033)	100 (177)	100 (68)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002. *Para facilitar a leitura da tabela acima foram omitidos 45 questionários sem resposta e 211 de entrevistados que definiram sua raça de uma forma não encaixável nos parâmetros do IBGE. Os 256 questionários são o que falta para que obtenhamos os 5.280 do universo sinalizado da tabela acima.

HORA DO LAZER OS AMIGOS E A TV

O tipo de leitura é diferenciada entre os adolescentes do sexo masculino e feminino. Entre as adolescentes, 22,9% preferem os romances, 13% as histórias em quadrinhos e 12,4% gostam de poesia. Entre os meninos, as histórias em quadrinhos são a leitura preferida (22,2%), seguida dos livros de aventura (19%) e dos romances (6,1%).

// Tabela 78 - Adolescentes, por sexo, segundo tipo de leitura preferida, 2001/2002 (%)

Preferência de leitura	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
Gibi (história em quadrinhos)	22,2	13	17,7
Auto-ajuda	3,6	3,8	3,7
Policial	5	1,2	3,1
Aventura	19	11	15,1
Romance	6,1	22,9	14,3
Religiosos	2,7	2,9	2,8
Poesia	4,2	12,4	8,2
Outros	15,6	13,8	14,7
Sem resposta	21,6	19	20,4
Total	100 (2.699)	100 (2.581)	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

O hábito de leitura, seja de livros ou revistas, não está ligado a uma atividade de lazer para os adolescentes. Entre aqueles que não lêem, 31% alegam que não o fazem simplesmente porque não gostam da leitura. Outros 31% argumentam que lhes falta tempo, enquanto 16% dizem não ter dinheiro para comprar livros.

Ir à casa dos amigos é o principal entretenimento dos adolescentes, citado por 53% dos entrevistados. A TV vem logo a seguir, como a segunda principal fonte de diversão e lazer. Entre 20 opções possíveis (e não excludentes) apresentadas no questionário, 51% dos adolescentes entrevistados citaram a televisão.

A porcentagem de adolescentes entrevistados que responderam "televisão" é maior que a dos que citaram atividades mais dinâmicas, realizadas no espaço público, como passear pela rua e praticar esportes (ambos com 47%).

Em todas as classes sociais, a programação da televisão brasileira é considerada boa pela maioria dos entrevistados, ou, mais especificamente, por 63,4% dos entrevistados da classe A, 65,2% na classe B, 75,4% na classe C e 74,4% na classe D.

É na classe A que aparece o maior número de entrevistados que consideram a qualidade da televisão brasileira ruim (20,1%). Nas outras classes, a mesma percepção é comum a 18,2% dos adolescentes da classe B, 11% na classe C e 12% na classe D.

// Tabela 79 - Adolescentes, por avaliação da qualidade da programação televisiva segundo classe social (nacional), 2001/2002 (%)

	Muito boa	Boa	Ruim	Sem resposta	Total (N)
Classe A	12,7	63,4	20,1	3,8	100 (134)
Classe B	12,5	65,2	18,2	4,1	100 (963)
Classe C	9,6	75,4	11	4	100 (3.278)
Classe D	10,4	74,4	12	3,2	100 (843)
Sem resposta	4,8	54,9	35,5	4,8	100 (62)
Total	10,3 (542)	72,9 (3.847)	13 (685)	3,9 (206)	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Nacionalmente, o tempo médio dedicado diariamente pelos adolescentes à TV é de 3h55min. Esse número aumenta da classe mais rica para a mais pobre. Enquanto os entrevistados da classe A assistem uma média de 3h04min de televisão, os da classe B assistem 3h21min, a classe C, 4h08min horas e a classe D, 4h09min por dia.

Na região Sul, a classe que mais assiste a televisão é a C (4h16min em média) e a que menos assiste é a D (duas horas). No Nordeste, é a classe A que mais assiste tevê, com 4h41min de média diária. Quem menos assiste é a classe D, com 3h45min de média.

// Tabela 80 - Média de horas diárias que os adolescentes dedicam para assistir televisão, por região, segundo classe social (nacional), 2001/2002 (em horas)

Horas de TV/classe	Sul	Centro-Oeste	Norte	Sudeste	Nordeste	Brasil
Classe A	3h18min	3h30min	3h19min	2h30min	4h41min	3h04min
Classe B	3h51min	3h49min	4h55min	2h42min	3h55min	3h21min
Classe C	4h16min	4h50min	5h10min	3h32min	4h02min	4h08min
Classe D	2h	4h51min	4h40min	4h12min	3h45min	4h09min
Média Total (N=5.280)	4h6min	4h34min	4h50min	3h34min	4h01min	3h55min

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

A média de horas que os adolescentes investem em frente à televisão é maior entre os entrevistados na faixa de 12 a 14 anos (4h) do que entre os que se encaixam na faixa etária de 15 a 17 anos (3h49min), como indica a tabela seguinte.

// Tabela 81 - Média de horas diárias que os adolescentes dedicam para assistir televisão, segundo faixa etária (nacional), 2001/2002 (em horas)

Faixa etária	Média de horas em frente à televisão
12 a 14 anos	4h
15 a 17 anos N=5.280)	3h49min

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002. Computadas, para efeito de cálculo da média, somente as respostas válidas à questão: "Se você assiste televisão todos os dias, diga quantas horas por dia".

As novelas e minisséries são os programas preferidos dos adolescentes entrevistados, com 21% das respostas. O segundo tipo de programa escolhido são os filmes, com 14% de citações, e o terceiro são os desenhos animados, com 12%. Porém, entre os adolescentes mais novos (12 a 14 anos), os desenhos

aparecem como a segunda escolha (14% das citações), depois das novelas, os filmes (15%) e os telejornais (12%).

// Tabela 82 - Adolescentes, por faixa etária, segundo tipo de programa de televisão que mais gostam de assistir, 2001/2002 (%)

Programas	Faixa etária	
	12 a 14 anos	15 a 17 anos
Novela/minissérie	21	21
Desenho animado	14	9
Filmes	14	15
Jornais	7	12
Seriados	8	7
Programas de auditório	8	7
Programas infantis	8	5
Esporte	6	8
Programa de música	4	5
Programas de auditório voltados para adolescentes	3	4
Programas de humor	2	2
Entretenimento	2	2
<i>Reality Shows</i>	2	2
Entrevistas	1	1
Total – N=11.645	N=5.850	N=5.795

Fonte: Pesquisa “A Voz dos Adolescentes”, UNICEF/Fator OM/2002. Nesta tabela, as porcentagens não somam 100%, porque cada entrevistado podia escolher até três opções entre os programas de televisão. Pelo mesmo motivo, o N final deste cruzamento é de 11.645.

Além da idade, a escolha dos programas de TV varia segundo a classe social. Na classe A, a primeira escolha é pelos filmes (16%), enquanto nas classes B, C e D, os programas preferidos são as novelas, com 20%, 22% e 19%, respectivamente. O segundo programa escolhido na classe A são as novelas (14%), enquanto nas classes B, C e D esta segunda opção é ocupada pelos filmes, com 14%, 15% e 13%, respectivamente. Na classe D, ocupam a terceira colocação em citações com 10%

// Tabela 83 - Adolescentes, por classe social, segundo tipo de programa de televisão que mais gostam de assistir, 2001/2002 (%)

Programa de TV preferido	Classe A	Classe B	Classe C	Classe D
Programa de auditório	5	6	8	8
Infantil	5	5	6	10
Jornal	10	9	10	6
Seriado	13	10	7	8
Novela/minissérie	14	20	22	19
Humor	2	3	2	3
Desenho animado	7	10	12	13
Esporte	9	9	6	7
Programa de música	7	5	4	4
Entrevista	1	1	1	1
Filme	16	14	15	13
Entretenimento	3	2	2	1
<i>Reality Shows</i>	2	2	2	2
Auditório/adolescente	6	4	3	5
Total – N=11.586*	100 (286)	100 (2.130)	100 (7.259)	93 (1.911)

Fonte: Pesquisa “A Voz dos Adolescentes”, UNICEF/Fator OM/2002. *O N final deste cruzamento é maior que 5.280, porque foram dadas aos adolescentes até três opções de escolha de programas de televisão.

A maior diferença na escolha dos programas de TV entre meninos e meninas está relacionada às novelas. Enquanto 20,2% das garotas escolheram as novelas como programa preferido, 10,9% dos garotos fizeram essa opção. Quanto aos outros dois programas mais citados (filmes e desenhos animados), 12% dos meninos e 9,2% das meninas escolheram os filmes, enquanto 10,2% dos meninos e 7,3% das meninas preferem os desenhos animados. O alto índice geral de *Sem resposta* na tabela a seguir justifica-se pelo fato de os adolescentes poderem optar por até três programas diferentes.

// Tabela 84 - Adolescentes, por sexo, segundo programas de TV preferidos (nacional), 2001/2002 (%)

Programas de TV preferidos	Sexo		
	Masculino	Feminino	Total
Filmes	12	9,2	10,6
Novela/minissérie	10,9	20,2	15,4
Desenho animado	10,2	7,3	8,8
Esporte	7,7	2,5	5,2
Jornal	7,1	6,8	7
Programa de auditório	5,1	5,8	5,4
Seriado	4,4	7,1	5,7
Programa infantil	4,4	5,1	4,8
Programas de música	3,1	3,3	3,2
Programa de auditório voltado para adolescentes	2,6	2,6	2,6
Programa de humor	1,9	1,6	1,7
<i>Reality Show</i>	1,5	1,4	1,4
Entretenimento	1,1	1,4	1,2
Entrevistas	0,7	0,6	0,8
Cultura	0,4	0,3	0,4
Programas eróticos	0,6	0,3	0,5
Culinária	0,2	0,3	0,3
Outros	0,6	1	0,4
Sem resposta	25,5	23,2	24,6
Total	100 (8.097)	100 (7.743)	100 (15.840)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002. O N final deste cruzamento é de 15.840, uma vez que foram dadas até três possibilidades de resposta para os programas de televisão que os adolescentes mais gostam.

Além da televisão, 49% dos adolescentes entrevistados ouvem música como atividade de lazer e diversão. O hábito de ouvir rádio todos os dias é comum a 45% dos entrevistados. O rock é o estilo de música mais citado (32%), seguido da música axé (18%) e da MPB (12%).

Em relação a outros meios de informação, 59% dos entrevistados afirmam ler jornais e revistas "às vezes". Na classe A, 27% dizem ler "sempre" e 9% não lêem "nunca". Os números invertem-se à medida que o nível de renda decresce. Na classe B, 20% lêem sempre e 18% não lêem nunca. Na classe C, 14% lêem sempre e 26% não lêem nunca e, na classe D, 9% lêem sempre e 32% nunca lêem jornais e revistas.

É diferente o hábito de leitura informativa (jornais e revistas) entre as diferentes raças. Os adolescentes que se definiram como amarelos são os que mais lêem sempre (16,4%), seguidos dos brancos (14,7%), pardos (13,6%), pretos (13,4%) e indígenas (7,2%). Entre os que lêem às vezes, a porcentagem maior é entre os indígenas (61%). Depois aparecem os brancos (60,5%), os pardos (57,8) e os amarelos (57,6%). Entre os pretos, a porcentagem é menor (56,3%).

// Tabela 85 - Adolescentes, por raça, segundo leitura de jornal ou revistas (nacional), 2001/2002 (%)

Você lê jornal ou revista?	Raça/cor							Total
	Branca	Preta	Parda	Amarela	Indígena	Sem resposta	Outros	
Sempre	14,7	13,4	13,6	16,4	7,2	25,5	13,3	14,1
Às vezes	60,5	56,3	57,8	57,6	61	51,1	55	58,5
Nunca	21,7	27,1	25	22,6	28,2	19,1	30,3	24,1
Sem resposta	3,1	3,2	3,6	3,4	2 1,6	4,3	1,4	3,3
Total	100 (2.035)	100 (709)	100 (2.033)	100 (177)	100 (68)	100 (47)	100 (211)	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Assim como no item da leitura, também são as meninas as maiores leitoras de jornais e revistas. Entre elas, 15,8% lêem jornais ou revistas sempre, contra 12,4% dos meninos. As entrevistadas também lêem mais às vezes (61,4%) do que os entrevistados do sexo masculino (55,7%). Para completar, 28,1% dos adolescentes disseram que não lêem nunca, contra 20% das adolescentes.

// Tabela 86 - Adolescentes, por sexo, segundo leitura de jornal ou revistas (nacional), 2001/2002 (%)

Você lê jornal ou revista?	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
Sempre	12,4	15,8	14,1
Às vezes	55,7	61,4	58,5
Nunca	28,1	20	24,1
Sem resposta	3,8	2,8	3,3
Total	100 (2.699)	100 (2.581)	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

// Tabela 87 - Adolescentes, por região, segundo frequência com que lêem jornal ou revista, 2001/2002 (%)

Você lê jornal ou revistas?	Sul	Centro-Oeste	Norte	Sudeste	Nordeste	Brasil
Sempre	21	15	15	12	13	14
Às vezes	60	59	66	59	55	59
Nunca	18	24	16	26	27	24
Não respondeu	1	2	3	3	5	3
Total	100 (720)	100 (399)	100 (400)	100 (2.060)	100 (1.701)	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

O tipo de leitura preferido pelos adolescentes, quando analisados nacionalmente, são jornais diários e revistas informativas, como Veja, IstoÉ e Época. Além disso, 12% dos entrevistados citaram revistas de amenidades, como Contigo, Caras, Gente, Minha Novela e Ti Ti Ti, enquanto 11% lembraram as revistas específicas para público adolescente, como Atrevida, Capri cho, TodaTeen.

A principal justificativa dos que não lêem é simplesmente não gostar ou não ter interesse (89%), seguido da falta de dinheiro (10%).

// Meios de comunicação

Síntese das respostas dos adolescentes nos grupos focais.

Os adolescentes dos grupos focais, em sua maioria, não lêem jornal ou acompanham o noticiário. Dizem que não o fazem pelos conteúdos cheios de violência e “política”. Mas reconhecem a importância de se manter atualizado. Para eles, as revistas são os veículos de informação mais instrutivos, uma vez que trazem orientações de saúde, comportamento e formação.

A opinião de meninos e meninas sobre a mídia é, muitas vezes, contraditória. Eles não acreditam em seu papel dominador sobre o comportamento das pessoas, tem apenas função de informar. Porém, reconhecem que os meios de comunicação são capazes de influenciar comportamento, mas que isso depende de cada pessoa e que é importante desenvolver um pensamento crítico, como com relação às propagandas de cigarro, que usam exemplos da vida cotidiana.

Sobre a classificação de espetáculos e filmes, como estabelecido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, os adolescentes reconhecem que seguem as recomendações apenas sob a supervisão de adultos. Para os mais novos, a classificação de um programa termina por incentivar adolescentes a assistirem programas desaconselháveis para sua idade. Entretanto, todos concordam com a manutenção da classificação por idade e sugerem que ela deveria vir justificada e de que é necessário um aumento da fiscalização.

Entre as opções de lazer, percebe-se que os adolescentes pertencentes às classes A e B têm mais acesso a praticamente todas as vinte opções de entretenimento citadas no questionário: além da televisão e da música, usam computadores, praticam esportes, frequentam clubes, restaurantes, lanchonetes e cinema. A única opção de lazer que os adolescentes de estratos mais pobres citam com maior frequência do que os de classes mais ricas é a igreja.

Passear na rua é uma opção de lazer em que as porcentagens entre as classes estão muito próximas, chegando a 48% na classe B, 47% na classe C, 46% na classe D e 44% na classe A. A prática de esportes é mais comum na classe A (57%) do que na classe D (45%). A maior variação entre as classes refere-se ao uso de computador, citado por 46% da classe A e por 13% da classe D.

Até mesmo em atividades que não demandam tanta despesa econômica, como ficar com amigos, as classes mais ricas aparecem com maior destaque. Na classe B, 61% dos entrevistados divertem-se visitando amigos ou parentes. O mesmo pode ser observado em 58% na classe A, 51% dos integrantes da classe C e 49% da classe D.

// Lazer e Diversão

Síntese das respostas dos adolescentes nos grupos focais. As frases destacadas em itálico são palavras dos próprios adolescentes

“É caro à beça. Mais a condução...”

As atividades básicas de lazer parecem dividir-se entre aquelas realizadas nas escolas (projetos de oficinas oferecidos à comunidade e utilização da estrutura de esporte) ou ‘na rua’ (esportes, conversa com amigos); e os eventos pagos ou privados, como shoppings, cinemas e boates, acessar a Internet e ouvir música em casa.

A obrigação pública de oferecer atividades de lazer parece não ser conhecida, talvez por uma crença – equivocada – dos adolescentes de que lazer é uma atividade particular paga e que fica a cargo das possibilidades e recursos de cada um.

Uma realidade freqüente no discurso dos adolescentes que participaram dos grupos focais foi a falta de tempo para o lazer, fala mais constante por parte das meninas (as tarefas domésticas ficam por conta delas e maior dedicação aos estudos – escola particular).

As exigências são praças mais perto de casa ou maior segurança nas praças existentes, estrutura para a prática de esportes, melhoria no transporte ou transporte exclusivo para lugares de lazer. Foram pouco citadas: bibliotecas públicas, clubes de dança para adolescentes mais novos e projetos específicos para a juventude (horários alternativos para a prática de esportes, revitalização de espaços e aumento da segurança).

Alguns grupos tiveram falas mais críticas e reivindicativas. Por exemplo, por mais que se dissessem satisfeitas com o trabalho realizado pela escola, um grupo de meninas de 12 a 14 anos disseram sentir-se ‘esquecidas’ e ‘não-reconhecidas’ pelo governo municipal de sua cidade (o projeto de atividade complementar à escola do qual participavam estava sendo ameaçado de cancelamento). Para adolescentes de 15 a 17 anos, se houvesse projetos de lazer específicos para adolescentes, com espaços adequados e boa estrutura, o índice de violência diminuiria. A causa da falta dessas políticas poderiam ser legislação insuficiente (para adolescentes da região Norte) ou falta de exigência por parte dos cidadãos por políticas públicas nessa área (adolescentes da região Centro-Oeste).

// Tabela 88 - Adolescentes, por classe social, segundo as opções de lazer (nacional), 2001/2002 (%)

Lazer	Classe social			
	Classe D	Classe C	Classe B	Classe A
Assiste TV	54	47	52	56
Vai a bares	15	12	24	31
Vai a discotecas, boates e bailes	27	23	39	58
Vai à igreja	28	28	21	20
Vai a clubes recreativos	19	22	33	33
Pratica esportes	45	47	48	57
Vai ao cinema	26	26	50	60
Lê livros ou revistas	24	17	37	42
Namora	29	26	35	46
Vai a lanchonetes e pizzarias	27	26	40	45
Vai à casa de amigos e parentes	49	51	61	58
Passeia ou fica pela rua	46	47	48	44
Joga jogos eletrônicos e fliperama	27	27	37	33
Diverte-se com o computador	13	17	39	46
Ouve música	47	47	54	61
Não faz nada para se divertir	8	7	18	18
Não se diverte	3	3	9	12

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002. Esta tabela não traz uma coluna de total, porque é o resultado de uma junção das respostas afirmativas para as opções de lazer.

Quanto a análise das opções de lazer entre meninos e meninas, percebe-se que os adolescentes do sexo masculino definiram a prática de esportes (62%), a TV (52%) e a visita à casa de amigos e parentes (51%) como principais atividades de lazer. Para as adolescentes, prevaleceram a visita à casa de amigos e parentes (55%), a TV e a música (ambos com 51%) e o passeio na rua (46%). Os esportes, jogos eletrônicos ou fliperama e brincadeiras no computador são atividades mais frequentes entre os meninos, com grandes diferenças na preferência das meninas (30%, 20% e 5% de variação respectivamente).

// Tabela 89 - Adolescentes, por sexo, segundo as opções de lazer (nacional), 2001/2002 (%)

Lazer	Sexo	
	Masculino	Feminino
Assiste TV	52	51
Vai a bares	16	15
Vai a discotecas, boates e bailes	26	28
Vai à igreja	25	29
Vai a clubes recreativos	25	24
Pratica esportes	62	32
Vai ao cinema	31	32
Lê livros ou revistas	27	31
Namora	27	31
Vai a lanchonetes e pizzarias	30	30
Vai à casa de amigos e parentes	51	55
Passeia ou fica pela rua	48	46
Joga jogos eletrônicos e fliperama	39	19
Diverte-se com o computador	23	18
Ouve música	47	51
Não faz nada para se divertir	10	9
Não se diverte	5	4

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002. Nesta tabela não há uma linha para o total, pois é resultado de uma junção das respostas afirmativas para as opções de lazer.

Quando as opções de lazer são analisadas segundo os grupos etários (12 a 14 anos e 15 a 17 anos), é possível verificar que as três atividades mais frequentes entre os mais novos são assistir a televisão (56%), ir à casa de amigos ou parentes (53%) e praticar esportes (50%). Entre os mais velhos, as opções de lazer mais comuns são ir à casa de amigos ou parentes (53%), ouvir música (51%) e assistir televisão (47%). As opções de lazer em que as diferenças entre os grupos etários são mais evidentes são as seguintes: namorar e ir a discotecas, bailes e boates (ambos com 16% de diferença) e frequentar bares (13% de diferença).

// Tabela 90 - Adolescentes, por faixa etária, segundo as opções de lazer (nacional), 2001/2002 (%)

Lazer	Faixa etária	
	12 a 14 anos	15 a 17 anos
Assiste TV	56	47
Vai a bares	9	22
Vai a discotecas, boates e bailes	19	35
Vai à igreja	28	26
Vai a clubes recreativos	24	25
Pratica esportes	50	45
Vai ao cinema	31	32
Lê livros ou revistas	30	28
Namora	21	37
Vai a lanchonetes e pizzarias	29	32
Vai à casa de amigos e parentes	53	53
Passeia ou fica pela rua	49	45
Joga jogos eletrônicos e fliperama	32	27
Diverte-se com o computador	21	20
Ouve música	47	51
Não faz nada para se divertir	10	9
Não se diverte	5	4

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002. Nesta tabela não há uma linha para o total, porque se trata do resultado de uma junção das respostas afirmativas para as opções de lazer.

Na análise das várias opções de lazer e diversão por raça, os grupos de pretos e pardos foram, no geral, os menos favorecidos quando comparado com brancos, amarelos e indígenas.

A televisão é fonte de diversão para 55,4% dos entrevistados que se definiram como brancos, 54,8% dos amarelos, 52,6% dos pretos, 51,5% dos indígenas e 44,6% dos pardos.

// Tabela 91 - Adolescentes, por raça, que assistem televisão para se divertir (nacional), 2001/2002 (%)

Raça/cor	Você vê televisão para se divertir?			Total
	Sim	Não	Sem resposta	
Branca	55,4	44,3	0,3	100 (2.035)
Preta	52,6	47,1	0,3	100 (709)
Parda	44,6	55,2	0,2	100 (2.033)
Amarela	54,8	45,2	0	100 (177)
Indígena	51,5	48,5	0	100 (68)
Sem resposta	55,3	42,6	2,1	100 (47)
Outros	67,3	32,7	0	100 (211)
Total	51,3 (2.707)	48,5 (2.561)	0,2 (12)	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Os bares são a opção de diversão mais freqüentada pelos adolescentes que se identificaram como amarelos (20,9%), e para 18,7% dos brancos, 17,6% dos pretos, 13,2% dos indígenas e 11,4% dos pardos.

// Tabela 92 - Adolescentes, por raça, que vão a bares para se divertir (nacional), 2001/2002 (%)

Raça/cor	Você vai a bares para se divertir?			Total
	Sim	Não	Sem Resposta	
Branca	18,7	81	0,3	100 (2.035)
Preta	17,6	82,1	0,3	100 (709)
Parda	11,4	88,5	0,1	100 (2.033)
Amarela	20,9	79,1	0	100 (177)
Indígena	13,2	86,8	0	100 (68)
Outros	13,7	86,3	0	100 (211)
Sem resposta	17	80,9	2,1	100 (47)
Total	15,5 (820)	84,2 (4.448)	0,2 (12)	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Entre os adolescentes indígenas está a maior proporção dos que freqüentam discotecas, boates e bailes em busca de diversão (36,8%). Logo abaixo aparecem os brancos (33,4%), seguidos dos amarelos (28,8%), pretos (26,7%) e pardos (21,1%), como demonstra a tabela a seguir.

// Tabela 93 - Adolescentes, por raça, que vão a discotecas, boates e bailes para se divertir (nacional), 2001/2002 (%)

Raça/cor	Você vai a discotecas, boates, bailes para se divertir?			Total
	Sim	Não	Sem resposta	
Branca	33,4	66,3	0,3	100 (2.035)
Preta	26,7	73,1	0,2	100 (709)
Parda	21,1	78,8	0,1	100 (2.033)
Amarela	28,8	71,2	0	100 (177)
Indígena	36,8	63,2	0	100 (68)
Outros	19,4	80,6	0	100 (211)
Sem resposta	27,7	70,2	2,1	100 (47)
Total	27 (1.428)	72,7 (3.840)	0,3 (12)	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

A igreja como local de diversão é mais comum entre os adolescentes entrevistados que se definiram como amarelos (36%). A mesma resposta apareceu para 32% dos pretos, 27% dos indígenas, 26% dos brancos e 23% dos pardos.

// Tabela 94 - Adolescentes, por raça, que vão à igreja para se divertir (nacional), 2001/2002 (%)

Raça/cor	Você vai à igreja para se divertir?			Total
	Sim	Não	Sem resposta	
Branca	25,4	74,3	0,3	100 (2.035)
Preta	32,3	67,4	0,3	100 (709)
Parda	23,3	76,5	0,2	100 (2.033)
Amarela	35,6	64,4	0	100 (177)
Indígena	26,5	73,5	0	100 (68)
Outros	45,5	54,5	0	100 (211)
Sem respostas	31,9	66	2,1	100 (47)
Total	26,7 (1.412)	73 (3.856)	0,3 (12)	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

A diversão em clubes é mais comum entre os adolescentes que se definiram como brancos (29%), seguidos dos pretos (25,1%). Entre os indígenas, a frequência foi de 22,1%, entre os amarelos, 21,5% e, entre os pardos, 19,5%.

// Tabela 95 - Adolescentes, por raça, que vão a clubes recreativos para se divertir (nacional), 2001/2002 (%)

Raça / Cor	Você vai a clubes recreativos para se divertir?			Total
	Sim	Não	Sem resposta	
Branca	29	70,7	0,3	100 (2.035)
Preta	25,1	74,6	0,3	100 (709)
Parda	19,5	80,3	0,2	100 (2.033)
Amarela	21,5	78,5	0	100 (177)
Indígena	22,1	77,9	0	100 (68)
Outros	30,3	69,7	0	100 (211)
Sem resposta	14,9	83	2,1	100 (47)
Total				N= 5.280

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

A prática de esportes como opção de lazer e diversão é mais comum entre os indígenas (57,4%). Foi citada ainda por 50,2% dos adolescentes que se definiram como pretos (50%). Entre os brancos e amarelos, a porcentagem do esporte como diversão é quase a mesma (47,4% e 47,5%, respectivamente). No grupo dos pardos, o esporte é prática comum para 45,1% dos entrevistados.

// Tabela 96 - Adolescentes, por raça, que praticam esportes para se divertir (nacional), 2001/2002 (%)

Raça/cor	Você pratica esportes para se divertir?			Total
	Sim	Não	Sem resposta	
Branca	47,4	52,3	0,3	100 (2.035)
Preta	50,2	49,5	0,3	100 (709)
Parda	45,1	54,8	0,1	100 (2.033)
Amarela	47,5	52,5	0	100 (177)
Indígena	57,4	42,6	0	100 (68)
Outros	55	45	0	100 (211)
Sem resposta	38,3	59,6	2,1	100 (47)
Total				N=5.280

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Ir ao cinema é uma opção muito mais comum entre os entrevistados que se identificaram como brancos (40%) do que entre os demais. O cinema é citado ainda por 35,6% dos adolescentes descritos como amarelos, seguidos dos indígenas (32,4%). Por último, com acesso menos freqüente, estão pretos (28,5%) e pardos (24,2%).

// Tabela 97 - Adolescentes, por raça, que vão ao cinema para se divertir (nacional), 2001/2002 (%)

Raça/cor	Você vai ao cinema para se divertir?			Total
	Sim	Não	Sem resposta	
Branca	40	59,7	0,3	100 (2.035)
Preta	28,5	71,2	0,3	100 (709)
Parda	24,2	75,7	0,1	100 (2.033)
Amarela	35,6	64,4	0	100 (177)
Indígena	32,4	67,6	0	100 (68)
Outros	29,4	70,6	0	100 (211)
Sem resposta	23,4	74,5	2,1	100 (47)
Total				N=5.280

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

É entre os pardos que percebemos a menor freqüência ao cinema em comparação aos demais grupos raciais de entrevistados. Entre os que nunca foram, é nesse grupo que o percentual é maior (26,6% contra 23,2% entre os amarelos, 21,4% entre os pretos, 16,2% entre os indígenas e 14,3% entre os brancos).

Quando observamos os que vão entre uma e três vezes por mês ao cinema, também são os pardos os mais desfavorecidos. Enquanto a periodicidade é comum a 53,3% dos brancos, 44,1% dos indígenas, 43% dos pretos e 42,4% dos amarelos, o mesmo ocorre com 39,1% dos pardos.

O acesso freqüente, uma vez por semana ou mais, foi maior entre os entrevistados que se caracterizaram como indígenas (20,6%). Em seguida, apareceram os pretos (14,7%), brancos (13%), amarelos (11,3%) e pardos (9,2%).

// Tabela 98 - Adolescentes, por raça, segundo freqüência ao cinema (nacional), 2001/2002, (%)

Freqüência ao cinema	Raça/cor						
	Branca	Preta	Parda	Amarela	Indígena	Outros	Sem resposta
Uma vez por semana ou mais	13	14,7	9,2	11,3	20,6	10,4	14,9
De uma a três vezes por mês	53,3	43	39,1	42,4	44,1	31,3	44,7
Uma vez por ano	10,6	14,1	14,9	13	8,8	16,1	14,9
Só fui uma vez	4	4,1	7,7	6,8	4,4	10,9	10,6
Nunca fui	14,3	21,4	26,6	23,2	16,2	30,3	10,6
Sem resposta	4,8	2,7	2,5	3,3	5,9	1	4,3
Total	100 (2.035)	100 (709)	100 (2.033)	100 (177)	100 (68)	100 (211)	100 (47)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Síntese das respostas dos adolescentes nos grupos focais. As frases destacadas em itálico são palavras dos próprios adolescentes

“Uma pessoa sem cultura é uma pessoa “burra” pra vida.”

Longas distâncias, preços altos de ingressos e transporte, falta de segurança. Esses são os maiores impedimentos para os adolescentes de acesso pleno a eventos culturais, especialmente o teatro, que os adolescentes conhecem principalmente por meio das peças apresentadas na escola, e o cinema.

“O filme é mais fácil de assistir do que o livro, de ler.”

Nenhuma menção espontânea foi feita sobre outras formas de manifestações culturais, como festas folclóricas regionais, atividades artístico-culturais dos bairros ou comunidades.

Poucos foram os adolescentes que se colocaram na função de agente criador artístico-cultural, a não ser quando participando de projetos da escola ou de governos (teatro, grafiteagem, desenho, dança). A maioria espera apenas receber/consumir produtos culturais.

Para alguns adolescentes, o teatro é pouco divulgado ou desinteressante. Para outros, a TV é de mais fácil acesso e compreensão do que o cinema.

Sobre a leitura, os adolescentes compreendem-na como um hábito que pode ser incentivado; uma questão de prazer em que não pode haver obrigação; ou apenas um meio de se obter informação, sendo eventualmente necessária.

Os adolescentes mais jovens dizem gostar mais de ler do que os mais velhos. Para alguns deles, a escola desestimula a leitura quando a obriga: *“Vai, Emília, lê senão você vai tirar zero”*, diz, ironicamente, um participante da oficina. Muitos deles relatam suas dificuldades de ler livros clássicos obrigatórios nas escolas.

Para os adolescentes, a possibilidade de escolher os livros incentivaria a leitura, e o professor deveria ser mais um orientador que um “bedel”. Alguns adolescentes acreditam que poderia haver estratégias de estímulo à leitura, com divulgação de títulos disponíveis.

Assim como no acesso ao cinema, os pardos são os que menos freqüentam os espetáculos teatrais. Os que nunca foram são 50,1% entre os pardos, 49,2% entre os amarelos, 45,7% entre os pretos, 39,7% entre os indígenas e 36,6% entre os brancos. Entre os que vão de uma a três vezes por mês, a porcentagem chega a 27,5% entre os brancos, cai para 23,5% entre os indígenas e fica em 18,3% para pretos, 16,9% para amarelos e 15,8% para pardos. Por fim, 14,7% dos indígenas vão uma vez por semana ou mais ao teatro, enquanto o mesmo ocorre com 13% dos brancos, 11% dos pretos, 8,2% dos pardos e 6,2% dos amarelos.

Assim como no acesso ao cinema, os pardos são os que menos frequentam os espetáculos teatrais. Os que nunca foram são 50,1% entre os pardos, 49,2% entre os amarelos, 45,7% entre os pretos, 39,7% entre os indígenas e 36,6% entre os brancos. Entre os que vão de uma a três vezes por mês, a porcentagem chega a 27,5% entre os brancos, cai para 23,5% entre os indígenas e fica em 18,3% para pretos, 16,9% para amarelos e 15,8% para pardos. Por fim, 14,7% dos indígenas vão uma vez por semana ou mais ao teatro, enquanto o mesmo ocorre com 13% dos brancos, 11% dos pretos, 8,2% dos pardos e 6,2% dos amarelos.

// Tabela 99 - Adolescentes, por raça, segundo frequência ao teatro (nacional), 2001/2002 (%)

Frequência ao teatro	Raça/cor						
	Branca	Preta	Parda	Amarela	Indígena	Outros	Sem resposta
Uma vez por semana ou mais	13	11	8,2	6,2	14,7	4,7	12,8
De uma a três vezes por mês	27,5	18,3	15,8	16,9	23,5	17,1	23,4
Uma vez por ano	11,3	12,4	12,4	12,4	10,3	14,2	12,8
Só fui uma vez	8,9	9,6	11,8	11,9	7,4	11,4	17
Nunca fui	36,6	45,7	50,1	49,2	39,7	52,1	29,8
Sem resposta	2,7	3	1,7	3,4	4,4	0,5	4,2
Total - N=5.280	100 (2.035)	100 (709)	100 (2.033)	100 (177)	100 (68)	100 (211)	100 (47)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Na análise, levando em conta as diferentes raças, os indígenas são os que menos têm oportunidade de acompanhar atividades artísticas e culturais (19,1%). O grupo em que mais integrantes frequentam essas atividades é o de amarelos (26%), seguido de pretos (25,4%), pardos (23,3%) e brancos (22,9%).

// Tabela 100 - Adolescentes, por raça, que frequentam atividades artísticas e culturais (nacional), 2001/2002 (%)

Atividades artísticas e culturais	Raça/cor						
	Branca	Preta	Parda	Amarela	Indígena	Outros	Sem resposta
Sim	22,9	25,4	23,3	26	19,1	24,2	19,1
Não	65	67,1	69,9	65,5	67,6	71,6	70,2
Sem resposta	12,1	7,5	6,8	8,5	13,3	4,2	10,7
Total N=5.280	100 (2.035)	100 (709)	100 (2.033)	100 (177)	100 (68)	100 (211)	100 (47)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

O acesso aos espetáculos de dança com frequência (de uma a três vezes por mês) é mais comum entre os entrevistados que se auto-identificaram como brancos (24,2%). Entre os demais, a porcentagem fica em 19,1% entre os indígenas, 18,9% entre os pretos, 17% entre os pardos e 16,4% entre os amarelos. O grupo que menos frequenta espetáculos de dança é o de amarelos. Entre eles, 50,3% nunca estiveram em um espetáculo do tipo, enquanto o mesmo ocorreu com 49,2% dos pardos, 44,1% dos indígenas, 43,6% dos pretos e 42,7% dos brancos.

// Tabela 101 - Adolescentes, por raça, segundo frequência a espetáculos de dança (nacional), 2001/2002 (%)

Frequência a espetáculos de dança	Raça/cor						
	Branca	Preta	Parda	Amarela	Indígena	Outros	Sem resposta
Uma vez por semana ou mais	15,4	16,4	10,5	12,4	14,7	9,5	17
De uma a três vezes por mês	24,2	18,9	17	16,4	19,1	20,4	17
Uma vez por ano	6,8	8	11,1	11,3	11,8	13,7	14,9
Só fui uma vez	6,4	9,2	10	6,2	5,9	8,5	4,3
Nunca fui	42,7	43,6	49,2	50,3	44,1	46	40,4
Sem resposta	4,5	3,9	2,2	3,4	4,4	1,9	6,4
Total – N=5.280	100 (2.035)	100 (709)	100 (2.033)	100 (177)	100 (68)	100 (211)	100 (47)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

São os indígenas o grupo social que mais ouve música como diversão (61,8%). Nas demais raças, uma porcentagem semelhante é registrada entre pretos (52,8%), brancos (52,6%) e amarelos (52,5%). Ouvir música é menos comum entre os pardos (42,6%).

// Tabela 102 - Adolescentes, por raça, que ouvem música para se divertir (nacional), 2001/2002 (%)

Raça/cor	Você ouve música para se divertir?			Total
	Sim	Não	Sem resposta	
Branca	52,6	47,1	0,3	100 (2.035)
Preta	52,8	47	0,2	100 (709)
Parda	42,6	57,2	0,2	100 (2.033)
Amarela	52,5	47,5	0	100 (177)
Indígena	61,8	38,2	0	100 (68)
Outros	55,9	44,1	0	100 (211)
Sem resposta	44,7	53,2	2,1	100 (47)
Total				N=5.280

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Ir a shows de música é uma atividade mais comum entre os adolescentes entrevistados que se definiram como brancos e amarelos. Entre os brancos, 34,3% vão a shows entre uma e três vezes por mês, contra 32,2% dos pretos, 30,5% dos pardos, 28,2% dos amarelos e 25% de indígenas.

No grupo que vai a shows uma vez por semana ou mais, os pretos são os que aparecem com maior incidência. Entre eles, 24,1% são assíduos, enquanto o mesmo ocorre com 21,5% dos amarelos, 20,6% dos indígenas, 18,7% dos brancos e 15,4% dos pardos. Entre os que nunca foram, a maior porcentagem é de indígenas (38,2%), seguido dos pardos (30,2%), amarelos (28,2%), brancos (28%) e pretos (23,6%).

// Tabela 103- Adolescentes, por raça, segundo frequência a apresentações de música (nacional), 2001/2002 (%)

Frequência a apresentações de música	Raça/cor						
	Branca	Preta	Parda	Amarela	Indígena	Outros	Sem resposta
Uma vez por semana ou mais	18,7	24,1	15,4	21,5	20,6	13,3	25,5
De uma a três vezes por mês	34,3	32,2	30,5	28,2	25	24,6	21,3
Uma vez por ano	10,9	11,6	14,8	15,3	8,8	18	17
Só fui uma vez	4,6	5,6	7,5	4,5	4,4	9	6,4
Nunca fui	28	23,6	30,2	28,2	38,2	33,2	23,4
Sem resposta	3,5	2,9	1,6	2,3	3	1,9	6,4
Total – N=5.280	100 (2.035)	100 (709)	100 (2.033)	100 (177)	100 (68)	100 (211)	100 (47)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Já a leitura, uma opção de lazer, é mais comum entre os entrevistados indígenas. Nesse grupo, 38,2% responderam que lêem livros ou revistas como diversão. O mesmo ocorre com 33,7% dos brancos, 31,6% dos amarelos, 27,1% dos pretos e 23,1% dos pardos.

// Tabela 104 - Adolescentes, por raça, que lêem para se divertir (nacional), 2001/2002 (%)

Raça/cor	Você lê livros ou revistas para se divertir?			Total
	Sim	Não	Sem resposta	
Branca	33,7	66	0,3	100 (2.035)
Preta	27,1	72,6	0,3	100 (709)
Parda	23,1	76,7	0,2	100 (2.033)
Amarela	31,6	68,4	0	100 (177)
Indígena	38,2	61,8	0	100 (68)
Outros	38,4	61,6	0	100 (211)
Sem resposta	29,8	68,1	2,1	100 (47)
Total				N=5.280

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Ir à casa de parentes e/ou amigos como diversão é mais comum entre os amarelos (63,3%), seguidos dos indígenas (60,3%), brancos (56,3%), pretos (50,8%) e pardos (48,4%).

// Tabela 105 - Adolescentes, por raça, que vão à casa de amigos e parentes para se divertir (nacional), 2001/2002 (%)

Raça/cor	Você vai à casa de amigos e parentes para se divertir?			Total
	Sim	Não	Sem resposta	
Branca	56,3	43,4	0,3	100 (2.035)
Preta	50,8	48,9	0,3	100 (709)
Parda	48,4	51,5	0,1	100 (2.033)
Amarela	63,3	36,7	0	100 (177)
Indígena	60,3	39,7	0	100 (68)
Outros	64	36	0	100 (211)
Sem resposta	46,8	51,1	2,1	100 (47)
Total				N=5.280

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Passear ou ficar na rua como opção de diversão é mais comum entre os adolescentes entrevistados que se definiram como amarelos (52%). O mesmo ocorreu com 50,1% dos pretos, 50% dos indígenas, 48% dos brancos e 43,7% dos pardos.

// Tabela 106 - Adolescentes, por raça, que passeiam ou ficam pela rua para se divertir (nacional), 2001/2002 (%)

Raça/cor	Você passeia ou fica pela rua para se divertir?			Total
	Sim	Não	Sem resposta	
Branca	48	51,7	0,3	100 (2.035)
Preta	50,1	49,6	0,3	100 (709)
Parda	43,7	56,2	0,1	100 (2.033)
Amarela	52	48	0	100 (177)
Indígena	50	50	0	100 (68)
Outros	57,3	42,7	0	100 (211)
Sem resposta	42,6	55,3	2,1	100 (47)
Total				N=5.280

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

EXCLUSÃO DIGITAL

Os brancos compõem o grupo de entrevistados que mais se divertem com jogos eletrônicos e fliperamas (34,5%). Entre os amarelos, a frequência dos que têm acesso a jogos eletrônicos/fliperamas é de 31,6%; entre os indígenas, 29,4%; entre os pretos, 28,9% e, por último, entre os pardos, 24%.

// Tabela 107- Adolescentes, por raça, que brincam com jogos eletrônicos e fliperama para se divertir (nacional), 2001/2002 (%)

Raça/cor	Você brinca com jogos eletrônicos e fliperama para se divertir?			Total
	Sim	Não	Sem resposta	
Branca	34,5	65,2	0,3	100 (2.035)
Preta	28,9	70,8	0,3	100 (709)
Parda	24	75,9	0,1	100 (2.033)
Amarela	31,6	68,4	0	100 (177)
Indígena	29,4	70,6	0	100 (68)
Outros	28,9	71,1	0	100 (211)
Sem resposta	21,3	76,6	2,1	100 (47)
Total				N=5.280

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

O computador é uma diversão comum a 28,2% dos entrevistados que se caracterizaram como brancos. Entre os demais grupos, a porcentagem é mais baixa. Fica em 18,1% entre os pretos, 16,4% entre os amarelos, 16,2% entre os indígenas e 15,5% entre os pardos.

// Tabela 108 - Adolescentes, por raça, que usam o computador para se divertir (nacional), 2001/2002 (%)

Raça/cor	Você se diverte com o computador?			Total
	Sim	Não	Sem resposta	
Branca	28,2	71,5	0,3	100 (2.035)
Preta	18,1	81,7	0,2	100 (709)
Parda	15,5	84,4	0,1	100 (2.033)
Amarela	16,4	83,6	0	100 (177)
Indígena	16,2	83,8	0	100 (68)
Outros	17,5	82,5	0	100 (211)
Sem resposta	17	80,9	2,1	100 (47)
Total				N=5.280

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Entre os adolescentes entrevistados na pesquisa, 27% têm acesso à Internet. Se avaliarmos o acesso à rede mundial de computadores segundo as classes sociais, verificamos que, enquanto na classe A, 72,4% dos entrevistados utilizam a Internet, o mesmo ocorre com 52,3% dos adolescentes na classe B, 20,8% na classe C e 12,9% na classe D.

// Tabela 109 - Adolescentes que têm acesso à Internet, segundo classe social (nacional), 2001/2002 (%)

Classe Social	Têm acesso à Internet					
	Classe A	Classe B	Classe C	Classe D	Sem resposta	Total
Sim	72,4	52,3	20,8	12,9	35,5	26,8 (1.414)
Não	23,1	39,5	72,1	75,8	59,7	65,4 (3.451)
Sem resposta	4,5	8,2	7,1	11,3	4,8	7,9 (415)
Total (N)	100 (134)	100 (963)	100 (3.278)	100 (843)	100 (62)	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Entre os adolescentes com acesso à Internet, 56% fazem-no em computador próprio, 20% em computadores da casa de algum familiar, 10% na escola, 9% em computadores de amigos e 2% no trabalho, como pode ser observado na tabela abaixo.

// Tabela 110 - Adolescentes que têm acesso à Internet, segundo o local em que acessam (nacional), 2001/2002 (%)

Local de acesso à Internet	
Em seu próprio computador	56
No computador de alguém da sua família	20
Na escola	10
No computador de amigos	9
No trabalho	2
Outro	3
Total	100 (1.414)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002. Tabela construída levando em consideração somente os entrevistados que afirmaram ter acesso à Internet.

O acesso à Internet é bem mais comum entre os entrevistados que se definiram como brancos (33,7%). Entre os amarelos, 26% têm acesso. Entre os pardos, 22,8%, entre os pretos, 21,9% e entre os indígenas, 16,2%.

// Tabela 111 - Adolescentes, por raça, segundo acesso à Internet (nacional), 2001/2002(%)

Acesso à Internet	Raça/cor						
	Branca	Preta	Parda	Amarela	Indígena	Outros	Sem resposta
Sim	33,7	21,9	22,8	26	16,2	19	27,7
Não	57,8	70,1	70,2	66,1	73,5	74,4	57,4
Sem resposta	8,5	8	7	7,9	10,3	6,6	14,9
Total – N=5.280	100 (2.035)	100 (709)	100 (2.033)	100 (177)	100 (68)	100 (211)	100 (47)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

A diferença de acesso entre meninos e meninas à Internet é pequena. Entre os meninos, 27,6% têm acesso à rede. Entre as meninas, 26,8%.

// Tabela 112 - Adolescentes, por sexo, segundo acesso à Internet (nacional), 2001/2002(%)

Acesso à Internet	Sexo	
	Masculino	Feminino
Sim	27,6	26,8
Não	63,6	65,4
Sem resposta	8,8	7,8
Total – N=5.280	100 (2.699)	100 (2.581)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Na divisão por faixa etária, os adolescentes incluídos no grupo de 15 a 17 anos têm mais acesso à Internet (29,8%) do que os entrevistados do grupo entre 12 e 14 anos (23,7%).

// Tabela 113 - Adolescentes, por faixa etária, segundo acesso à Internet (nacional), 2001/2002 (%)

Acesso à Internet	Faixa etária		
	12 a 14 anos	15 a 17 anos	Sem resposta
Sim	23,7	29,8	31,3
Não	67,6	63,2	56,3
Sem resposta	8,7	7	12,4
Total - N=5.280	100 (2.616)	100 (2.648)	100 (16)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

ARTE, ASSISTIR & FAZER

Entre os adolescentes, 24% têm a possibilidade de exercer, fora do ambiente escolar, algum tipo de atividade artística e cultural. Entre os adolescentes das classes A e B, é maior o número dos que participam (atuando, não como espectadores) de atividades culturais, como música, cinema, teatro, dança, etc. Em âmbito nacional, 30% dos adolescentes na classe A e 25% dos adolescentes na classe B já tiveram acesso a algum tipo de atividade artística e cultural fora do ambiente escolar. Na classe C, 23% dos entrevistados responderam o mesmo. Na classe D, 18%.

Na divisão por regiões, o Sul mostra a maior diferença de participação entre as classes. Nessa região, 69% dos entrevistados na classe A participam de atividades artísticas. Para essa mesma questão, nenhum dos adolescentes na classe D respondeu afirmativamente. O Sudeste é a região que apresenta menor porcentagem de adolescentes que participam de atividades.

// Tabela 114 - Adolescentes, por região, que já participaram de atividades artísticas e culturais, segundo classe social, 2001/2002 (%)

Classe social	Participação em atividades artísticas e culturais					
	Sul	Centro-Oeste	Norte	Sudeste	Nordeste	Brasil
Classe A	69	36	25	23	26	30
Classe B	40	30	33	17	29	25
Classe C	32	24	24	20	21	23
Classe D	0	22	27	20	6	18
Total (N)	(256)	(102)	(106)	(404)	(359)	(1.227)*

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002. *O N desta tabela é de 1227, porque foram analisadas apenas as respostas dos adolescentes que responderam 'sim' à pergunta: "Além das atividades escolares, você tem a oportunidade de participar de atividades artísticas e culturais?".

Quando analisado segundo o sexo, há um equilíbrio na participação de meninos e meninas. Entre os que participam de atividades culturais, 49,6% são meninos e 50,4% são meninas.

// Tabela 115 - Adolescentes, por sexo, segundo a participação em atividades culturais extracurriculares (nacional), 2001/2002 (%)

Sexo	Atividades artísticas e culturais		
	Sim	Não	Sem resposta
Masculino	49,6	50,8	57,7
Feminino	50,4	49,2	42,3
Total – N=5.280	100 (1.239)	100 (3.566)	100 (475)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Nos diferentes grupos etários, verifica-se que 25% dos entrevistados entre 12 e 14 anos participam dessas atividades, enquanto, no grupo entre 15 e 17 anos, o número de participantes corresponde a 23% dos entrevistados.

Entre os adolescentes entrevistados que não praticavam atividades artísticas, 57% disseram que não o fazem porque não gostam. O dado é maior entre os meninos: 65% deles responderam que não gostavam, enquanto 50% das meninas afirmaram o mesmo.

Em relação aos incentivos governamentais para atividades artísticas, 59% dos entrevistados disseram que o poder público não incentivaria tais iniciativas como poderia, mas dá condições mínimas aos adolescentes que as querem praticar. Outros 21% dizem que o governo nem incentiva nem dá condições aos adolescentes.

SONHOS E EXPECTATIVAS

Os adolescentes entrevistados demonstram forte esperança quanto ao seu futuro: 59% acreditam que sua vida será melhor em relação à de seus pais e 4% acham que será pior.

// Tabela 116 - Adolescentes, por região, segundo expectativa com relação à sua vida futura, 2001/2002 (%)

Sua vida em relação à de seus pais vai ser:	Sul	Centro-Oeste	Norte	Sudeste	Nordeste	Brasil
Melhor	59	61	53	61	58	59
Pior	3	2	1	7	2	4
Igual	19	15	7	15	15	15
Não sabe	18	19	36	12	19	18
Sem resposta	1	3	3	5	6	4
Total (N)	100 (720)	100 (399)	100 (400)	100 (2.060)	100 (1.701)	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Quando perguntados sobre o que falta para a sua vida melhorar, o item com maior frequência é "nada", com 21%; seguido dos bens materiais, com 15%; emprego, com 10% e estudo, com 8%. Além do alto número de adolescentes que disseram não faltar nada para a sua vida melhorar, 12% deixaram de responder esta questão.

// Tabela 117 - Adolescentes, por região, segundo percepção do que falta para sua vida melhorar, 2001/2002 (%)

O que falta para a sua vida melhorar?	Sul	Centro-Oeste	Norte	Sudeste	Nordeste	Nacional
Casa própria	3	3	3	9	2	5
Emprego	13	14	11	8	11	10
Dinheiro/bens materiais	16	12	13	18	15	15
Valores afetivos	4	3	6	3	2	3
Arrumar um parceiro/casar	3	2	0	2	1	2
Questões familiares	3	5	6	3	6	5
Conhecer artistas	0	1	0	0	0	0
Benefícios ligados ao estudo	5	10	11	8	9	8
Liberdade/independência	3	3	3	2	2	2
Realizações pessoais	5	4	2	2	3	3
Saúde própria e da família	2	0	1	1	1	1
Sucesso no esporte	1	0	0	0	0	0
Crescer/atingir a maioridade	0	0	1	1	1	1
Realizar sonhos	0	0	1	1	1	1
Tudo	1	0	1	1	1	1
Nada	15	24	24	18	26	21
Não sabe	5	2	6	4	6	5
Outros	2	5	3	5	6	5
Sem resposta	19	12	8	14	7	12
Total	100 (720)	100 (399)	100 (400)	100 (2.060)	100 (1.701)	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Além de dizer o que faltava para a sua vida melhorar, os adolescentes também foram perguntados se tinham um sonho a ser realizado: 78,5% responderam que sim, 18,9% disseram que não e 2,6% não responderam.

A capacidade e vontade de sonhar transcende as classes sociais. Na classe A, 79,9% dos entrevistados disseram que têm sonhos. Na classe D, 79,7% disseram o mesmo, enquanto, na classe C, a porcentagem foi de 79,2%. O dado foi um pouco menor na classe B, com 75,5% das respostas afirmativas.

// Tabela 118 - Adolescentes, por classe, segundo possibilidade de ter sonhos (nacional), 2001/2002 (%)

Sonho	Classe social					Total
	Classe A	Classe B	Classe C	Classe D	Sem resposta	
Sim	79,9	75,5	79,2	79,7	72,6	78,5
Não	19,4	20,5	18,4	18,5	25,8	18,9
Sem resposta	0,7	4	2,4	1,8	1,6	2,6
Total	100 (134)	100 (963)	100 (3.278)	100 (843)	100 (62)	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Ao avaliarmos sob o ponto de vista racial, observamos que 79,3% dos pardos afirmam ter um sonho, enquanto 78% dos brancos e 77,2% dos pretos respondem afirmativamente a essa questão. Entre os indígenas, o dado equivale a 76,5% das respostas, enquanto, entre os amarelos, a porcentagem chega a 76,3%.

// Tabela 119 - Adolescentes, por raça, segundo possibilidade de ter sonhos (nacional), 2001/2002 (%)

Sonhos	Raça/cor							Total
	Branca	Preta	Parda	Amarela	Indígena	Outros	Sem resposta	
Sim	78,0	77,2	79,3	76,3	76,5	81,5	85,1	78,5
Não	19,6	19,2	18,1	20,9	23,5	18,0	10,6	18,9
Sem resposta	2,4	3,6	2,6	2,8	0	0,5	4,3	2,6
Total	100 (2.035)	100 (709)	100 (2.033)	100 (177)	100 (68)	100 (211)	100 (47)	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Entre os que responderam que têm um sonho, o tipo de aspiração mais citada foi ter uma profissão (19%), seguido de dinheiro e bens materiais (7%). A frequência de sonhos ligados à coletividade, ao bem-estar da população foi de 5%. Essa foi também a porcentagem do sonho de atingir o estrelato por meio do esporte (5%).

// Tabela 120 - Adolescentes, segundo os sonhos mais citados (nacional), 2001/2002 (%)

Sonhos mais citados	
Ter uma profissão	19
Ter dinheiro/comprar bens materiais	7
Estudar	7
Sucesso nos esportes	5
Um mundo/país melhor	5
Ter uma carreira artística	4
Ter casa própria	3
Questões familiares (ter família, amor, etc.)	3
Ser modelo	2
Ter mais segurança	2
Ter sucesso/ser famoso	2
Viajar	2
Ajudar a família e/ou os filhos	2
Melhorar a situação do País	2
Conhecer artistas	2

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002. As porcentagens não somam 100%, pois se referem apenas aos adolescentes que responderam afirmativamente à questão "Você tem um sonho?".

O estudo é apontado por 21,1% dos adolescentes entrevistados como a principal ferramenta para atingir seus sonhos. Abaixo dos estudos aparecem recursos financeiros (13,1%), tempo (5,8%), emprego (3,3%), atitudes próprias (3,1%) e oportunidades (3%). Vale registrar também que 28,8% não responderam à pergunta e 6,6% não souberam o que responder.

// Tabela 121- Adolescentes, segundo o que falta para seus sonhos acontecerem (nacional), 2001/2002 (%)

Sonhos	O que falta para esse sonho acontecer?
Sem resposta	28,8
Estudo	21,1
Recurso e dinheiro	13,1
Não sabe	6,6
Tempo	5,8
Outro	3,9
Emprego	3,3
Atitude própria	3,1
Oportunidade	3,0
Fé, sorte etc.	1,8
Atitude dos outros	1,7
Tudo	1,6
Treino	1,5
Arrumar um parceiro	1,5
Aprovação	1,1
Atitude da coletividade	1,0
Atitude do governo	0,7
Resolver problemas com a família	0,4
Total	100,0 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Quanto às expectativas em relação ao Brasil, o número de adolescentes que acredita que o País está tornando-se um lugar melhor para se viver (27,6%) está muito próximo da porcentagem que acha que o País está tornando-se um lugar pior para se viver (27,1%). O número de pessoas que acredita que o País vai ficar igual também não é tão diferente (25,8%).

É maior a porcentagem de adolescentes que afirmaram que o Brasil está-se tornando um país melhor para se viver na classe C (29%). Os adolescentes da classe A foram os que mais assumiram que o Brasil está ficando pior (34,3%). Na classe D, 30,5% dos adolescentes entrevistados acham que o Brasil vai ficar igual.

// Tabela 122 - Adolescentes, por classe social, segundo suas expectativas sobre o Brasil (nacional), 2001/2002 (%)

Expectativa sobre o Brasil	Classe social					Total
	Classe A	Classe B	Classe C	Classe D	Sem resposta	
Um lugar melhor para se viver	23,9	26,7	29,0	25,5	4,8	27,6
Um lugar pior para se viver	34,3	27,7	26,2	25,6	72,6	27,1
Vai ficar igual	22,4	24,0	25,6	30,5	8,1	25,8
Não sabe	12,7	13,6	14,9	14,7	11,3	14,5
Sem resposta	6,7	8,0	4,3	3,7	3,2	5,0
Total	100 (134)	100 (963)	100 (3.278)	100 (843)	100 (62)	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Na divisão por raça, os grupos com opinião mais otimista em relação ao Brasil são os indígenas – 33,8% acreditam que o Brasil vai melhorar – e os amarelos – 33,3% disseram que o Brasil vai tornar-se melhor. Entre os outros grupos, 28,2% dos pardos, 26,8% dos brancos e 26,4% dos pretos responderam o mesmo.

As respostas mais pessimistas vieram do grupo que se descreveu como brancos: 29,8% deles acham que o País está-se tornando um lugar pior, o que foi dito por 28,1% dos pretos, 24,8% dos pardos, 23,7% dos amarelos e 23,5% dos indígenas.

// Tabela 123 - Adolescentes, por raça, segundo suas expectativas sobre o Brasil (nacional), 2001/2002 (%)

Expectativa sobre o Brasil	Raça/cor							Total
	Branca	Preta	Parda	Amarela	Indígena	Outros	Sem resposta	
Um lugar melhor para se viver	26,8	26,4	28,2	33,3	33,8	25,1	34,0	27,6
Um lugar pior para se viver	29,8	28,1	24,8	23,7	23,5	25,6	23,4	27,1
Vai ficar igual	24,4	28,3	26,4	23,2	29,4	26,5	21,3	25,8
Não sabe	12,8	10,9	17,0	16,4	11,8	21,3	6,4	14,5
Sem resposta	6,2	6,3	3,6	3,4	1,5	1,5	14,9	5,0
Total	100 (2.035)	100 (709)	100 (2.033)	100 (177)	100 (68)	100 (211)	100 (47)	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

SEXUALIDADE

Falar sobre sexualidade não é uma atitude comum para a maioria dos adolescentes entrevistados. Enquanto 32% dos entrevistados revelaram ter conversado sobre sua sexualidade no último mês, 64% nada comentaram sobre o assunto.

Ao analisar a partir dos estratos sociais, 51% dos adolescentes da classe A discutem sua sexualidade e somente 27% dos pertencentes à classe D fazem-no também. Na região Nordeste, essa diferença fica mais evidente: a porcentagem de adolescentes na classe A que debatem o tema chega a 63%. Na classe D, bem menos: 15%. Já no Norte a discussão na classe A é mais tímida do que em outras regiões (25%), ainda assim mais intensa do que nas classes C (9%) e D (15%).

// Tabela 124 - Adolescentes, por região e por frequência com que discutem sua sexualidade, segundo classe social, 2001/2002 (%)

Classe social	Frequência com que discutem sexualidade					
	Sul	Centro-Oeste	Norte	Sudeste	Nordeste	Brasil
Classe A	52	61	25	45	63	51
Classe B	30	42	20	41	30	37
Classe C	20	30	9	39	31	30
Classe D	0	29	15	37	15	27
Total (N)	720	399	400	2.060	1.701	5.280

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002. As porcentagens não somam 100%, pois se referem apenas às respostas afirmativas dos adolescentes quanto à discussão sobre sua sexualidade.

Entre os entrevistados que afirmaram ter discutido a sua sexualidade recentemente, os interlocutores são, preferencialmente, os amigos (56%). Em seguida, aparecem os familiares, com 10% das citações, namorados(as), com 6%, e professores, também com 6%. Entre os que não discutiram, a justificativa maior é não ter tido vontade (38%) e não ter com quem discutir (16%).

Em busca de orientação sexual, é na família que os adolescentes encontram informações mais esclarecedoras (54%). Em segundo lugar fica a escola (48%). Em terceiro, os amigos (46%) e a mídia (46%). Em quarto lugar os postos de saúde (29%).

Quando a fonte é a família, 54% dos entrevistados consideram esclarecedoras as informações que obtêm. Outros 29% disseram que não recebem qualquer informação e 13% consideram confusas as informações que recebem.

// Tabela 125 - Adolescentes, segundo avaliação da orientação sexual recebida pela família (nacional), 2001/2002 (%)

Orientação sexual recebida pela família	
Não recebe	29
Confusa	13
Esclarecedora	54
Sem resposta	4
Total	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Quando a fonte é a escola, 48% dos entrevistados consideram esclarecedoras as informações sobre sexualidade que recebem dos professores, enquanto 28% dizem que não recebem qualquer informação sobre o assunto. Dos que recebem informações sobre sexualidade, 18% consideram-nas confusas.

Com relação aos adolescentes que têm entre 12 e 14 anos, 18% consideram confusas as informações que obtêm na escola. Entre os meninos e meninas de 15 a 17 anos, esse dado corresponde a 19%.

// Tabela 126 - Adolescentes, segundo avaliação da orientação sexual recebida pela escola (nacional), 2001/2002 (%)

Orientação sexual recebida pela escola	
Não recebe	28
Confusa	18
Esclarecedora	48
Sem resposta	6
Total	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Os postos de saúde não são fonte de informação para 57% dos entrevistados. Entre os que responderam que procuram orientação nesse local, 11% classificaram a informação como confusa e 29% disseram que são esclarecedoras. Outros 3% não responderam à pergunta.

// Tabela 127 - Adolescentes segundo avaliação da orientação sexual recebida pelo posto de saúde (nacional), 2001/2002 (%)

Orientação sexual recebida pelo posto de saúde	
Não recebe	57
Confusa	11
Esclarecedora	29
Sem resposta	3
Total	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Dos amigos, 23% dos adolescentes entrevistados disseram que não recebem qualquer tipo de orientação sexual. Ao mesmo tempo, 46% qualificaram as informações como esclarecedoras e 28% como confusas.

// Tabela 128 - Adolescentes segundo avaliação da orientação sexual recebida pelos amigos (nacional), 2001/2002 (%)

Orientação sexual recebida pelos amigos	
Não recebe	23
Confusa	28
Esclarecedora	46
Sem resposta	3
Total	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Enquanto 46% dos entrevistados dizem que obtêm informações qualificadas e esclarecedoras nos meios de comunicação, 26% consideram as informações confusas e outros 24% disseram que não recebem dos meios de comunicação qualquer tipo de esclarecimento.

// Tabela 129 - Adolescentes, por região, segundo avaliação da orientação sexual que recebem por meio da mídia, 2001/2002 (%)

Orientação sexual recebida pela mídia	Região					
	Sul	Centro-Oeste	Norte	Sudeste	Nordeste	Brasil
Não recebe	22	13	26	28	23	24
Confusa	29	41	25	26	21	26
Esclarecedora	48	46	47	40	52	46
Sem resposta	1	0	2	6	4	4
Total (N)	100 (720)	100 (399)	100 (400)	100 (2.060)	100 (1.701)	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Na divisão por classe social, 33% dos entrevistados da classe A consideraram confusas as informações sobre sexualidade veiculadas pelos meios de comunicação. A porcentagem decresce nas classes seguintes: 27% na classe B, 26% na classe C e 16% na classe D.

Quando observamos as respostas dos adolescentes que dizem não receber qualquer esclarecimento da mídia em relação à sexualidade, podemos perceber que a porcentagem aumenta nas classes menos favorecidas. Enquanto 39% na classe D e 25% na classe C têm essa avaliação em relação à mídia, o mesmo ocorre com 23% na classe B e 21% na classe A.

PROGRAMAS COMPLEMENTARES

Perguntou-se os tipos de programas de orientação sexual de que os adolescentes gostariam de participar. Entre os que sugeriram algum programa, 19% gostariam de ver mais campanhas e informações na mídia, 12% pedem providências na escola, 7% sentem falta de orientações mais claras e detalhadas sem especificar a fonte de informações e 6% cobram providências e informações mais acessíveis nos postos de saúde, enquanto 25% não sabem definir o programa que gostariam e 20% não responderam.

CAMISINHA E GRAVIDEZ

Quando perguntados se já tiveram relação sexual, 32,8% dos entrevistados disseram que sim e 61,2% disseram que não.

// Tabela 130 – Frequência dos adolescentes que já tiveram relação sexual (nacional), 2001/2002 (%)

Você mantém ou já manteve algum tipo de relação sexual? Total (%)	
Sim	32,8
Não	61,2
Sem resposta	6,0
Total	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Entre os adolescentes que responderam que já fizeram sexo, 61% eram meninos e 39% eram meninas. Entre os que não mantiveram relações sexuais, 45,9% eram do sexo masculino e 54,1%, do feminino.

// Tabela 131 - Adolescentes, por sexo, segundo atividade sexual (nacional), 2001/2002 (%)

Sexo	Mantém ou já manteve relação sexual			Total
	Sim	Não	Sem resposta	
Masculino	61,0	45,9	50,9	51,1
Feminino	39,0	54,1	49,1	48,9
Total	100 (1.730)	100 (3.230)	100 (320)	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

As três análises a seguir levam em consideração apenas os entrevistados que responderam "sim" quando perguntados se já tiveram relação sexual, ou seja, 1.730 dos 5.280 entrevistados na pesquisa *A Voz dos Adolescentes*:

1. Entre os que disseram que usam o preservativo em todas as suas relações sexuais, 35,1% eram do sexo feminino e 64,9%, do masculino;

2. Entre os que declararam ter relações prevenidas "às vezes", 53,3% são meninos e 46,7% são meninas;

3. Entre os que disseram nunca ter usado preservativo em suas relações sexuais, 64,5% são do sexo masculino e 35,5% do feminino.

// Tabela 132 - Adolescentes, por sexo, segundo o uso de camisinha (nacional), 2001/2002 (%)

Sexo	Uso da camisinha entre adolescentes que já tiveram relação sexual				
	Usa/usou todas as vezes	Nunca usou	Usa às vezes	Sem resposta	Total
Masculino	64,9	64,5	53,3	57,1	61,0
Feminino	35,1	35,5	46,7	42,9	39,0
Total	100 (892)	100 (251)	100 (559)	100 (28)	100 (1.730)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002. O número total não chega a 5.280, pois foram considerados apenas os adolescentes que responderam "sim" quando perguntados se já tiveram relação sexual.

Analisando o uso da camisinha a partir da variável grau de escolaridade, percebe-se que a consciência com relação ao sexo seguro cresce proporcionalmente ao nível de instrução dos adolescentes entrevistados (o que inclui o uso esporádico e o não-uso da camisinha), como pode ser verificado na tabela. Entre os que nunca usaram, 36,3% estão entre a pré-escola e 4ª série, 33,1% estão entre a 5ª e 8ª série do Ensino Fundamental e 11,2% estão no Ensino Médio. Inversamente, entre os que usam o preservativo todas as vezes, 40,1% estão no Ensino Médio, 32,1% entre a 5ª e a oitava série e 14,3% entre a pré-escola e a 4ª série do Ensino Fundamental.

// Tabela 133 - Adolescentes, por grau de escolaridade declarado, segundo o uso de camisinha (nacional), 2001/2002 (%)

Grau de escolaridade declarado	Uso da camisinha entre os adolescentes que já tiveram relação sexual				
	Usa/usou todas as vezes	Nunca usou	Usa às vezes	Sem resposta	Total
Da pré-escola a 4ª série	14,3	36,3	35,2	25,0	24,5
De 5ª a 8ª série	32,1	33,1	22,9	35,7	29,3
Ensino Médio	40,1	11,2	20,9	28,6	29,5
Superior	0,1	0	0,9	0	0,3
Sem resposta	13,4	19,4	20,1	10,7	16,4
Total	100 (892)	100 (251)	100 (559)	100 (28)	100 (1730)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002. O número total não chega a 5.280, pois foram considerados apenas os adolescentes que responderam "sim" quando perguntados se já tiveram relação sexual.

Tendo em vista os adolescentes que já iniciaram a sua vida sexual, 61,5% dos indígenas disseram usar camisinha em todas as relações sexuais; o mesmo ocorre entre 61,4% do total de amarelos, 53,4% do total de pretos, 50,8% do total de pardos e 50,5% do total de brancos.

// Tabela 134 - Adolescentes, por uso da camisinha, segundo raça (nacional), 2001/2002 (%)

Uso da camisinha entre adolescentes que já tiveram relação sexual	Raça/cor							Total
	Branca	Preta	Parda	Amarela	Indígena	Outra	Sem resposta	
Usa/usou todas as vezes	50,5	53,4	50,8	61,4	61,5	54,0	36,8	51,6
Nunca usou	13,5	15,9	15,5	5,3	7,7	14,3	31,6	14,5
Usa às vezes	34,9	28,4	32,1	31,6	30,8	28,6	21,1	32,3
Sem resposta	1,1	2,3	1,6	1,7	0	3,1	10,5	1,6
Total	100 (650)	100 (264)	100 (651)	100 (57)	100 (26)	100 (63)	100 (19)	100 (1.730)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002. O número total não chega a 5.280, pois foram considerados apenas os adolescentes que responderam "sim" quando perguntados se já tiveram relação sexual.

Na avaliação por classe social, constatou-se que entre os que nunca usaram o preservativo, 1,6% estão na classe A, 14,3% estão na classe B, 66,5% na classe C e 16,3% na classe D. Por outro lado, entre os entrevistados que usam ou usaram o preservativo todas as vezes, 60,2% estão na classe C e 17,7% estão na classe B, enquanto 16,4% estão na classe D e 3,5% na classe A.

// Tabela 135 - Adolescentes, por classe social, segundo o uso de camisinha (nacional), 2001/2002 (%)

Classe Social	Uso da camisinha entre os adolescentes que já tiveram relação sexual				Total
	Usa /usou todas as vezes	Nunca usou	Usa às vezes	Sem resposta	
Classe A	3,5	1,6	4,5	3,6	3,5
Classe B	17,7	14,3	23,8	17,9	19,2
Classe C	60,2	66,5	53,5	50,0	58,8
Classe D	16,4	16,3	16,8	28,5	16,7
Sem resposta	2,2	1,3	1,4	0	1,8
Total	100 (892)	100 (251)	100 (559)	100 (28)	100 (1.730)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002. O número total não chega a 5.280, pois foram considerados apenas os adolescentes que responderam "sim" quando perguntados se já tiveram relação sexual.

O não-uso da camisinha refletiu-se em outro indicador entre os adolescentes: a gravidez. Entre os adolescentes pesquisados com vida sexual ativa, 16,6% já engravidaram a companheira ou já engravidaram.

// Tabela 136 - Adolescentes que mantêm/mantiveram relações sexuais, segundo gravidez na adolescência (nacional), 2001/2002 (%)

Já engravidou alguém ou ficou grávida?	Adolescentes que tiveram relação sexual			
	Sim	Não	Sem resposta	Total
Sim	16,6	0	7,8	5,9
Não	78,6	0	20,0	27,0
Sem resposta	4,8	100	72,2	67,1
Total	100 (1.730)	100 (3.230)	100 (320)	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Quando é feita a análise por sexo, identifica-se que, entre os casos de gravidez, foram mais comuns aqueles em que os meninos engravidaram as parceiras (51,6%) do que os casos em que as meninas revelaram ter engravidado (48,4%).

// Tabela 137 - Adolescentes que mantêm/mantiveram relações sexuais, por sexo, segundo gravidez na adolescência (nacional), 2001/2002 (%)

Sexo	Já engravidou o parceiro ou ficou grávida			
	Sim	Não	Sem resposta	Total
Masculino	51,6	62,5	68,7	61,0
Feminino	48,4	37,5	31,3	39,0
Total	100 (287)	100 (1.360)	100 (83)	100 (1.730)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002. O número total não chega a 5.280, pois foram considerados apenas os adolescentes que responderam "sim" quando perguntados se já tiveram relação sexual.

Na di vi são por fai xa etári a, veri fi cou-se que a gravi dez é mai s i nci dente entre os entrevi stados entre 15 e 17 anos (78,7%). Os outros 21,3% estavam na faixa entre 12 e 14 anos.

// Tabela 138 - Adolescentes que mantêm/mantiveram relações sexuais, por faixa etária, segundo gravidez na adolescência (nacional), 2001/2002 (%)

Faixa etária	Já engravidou a parceira ou ficou grávida			Total
	Sim	Não	Sem resposta	
12 a 14 anos	21,3	28,2	42,2	27,7
15 a 17 anos	78,7	71,5	57,8	72,1
Sem resposta	0	0,3	0	0,2
Total	100 (287)	100 (1.360)	100 (83)	100 (1.730)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002. O número total não chega a 5.280 pois foram considerados apenas os adolescentes que responderam "sim" quando perguntados se já tiveram relação sexual.

Na anál i se que l eva em conta as di ferentes raças, i denti fi ca-se que, entre os i ndí genas, 26,9% já engravi daram. Entre os pardos, a gravi dez chegou para 17,4% dos adol escentes. Entre os pretos, a si tuação é de 16,7% e entre os brancos, 15,5%.

// Tabela 139 - Adolescentes que mantêm/mantiveram relações sexuais, por raça, segundo gravidez na adolescência (nacional), 2001/2002 (%)

Já engravidou a parceira ou ficou grávida	Raça/cor							Total
	Branca	Preta	Parda	Amarela	Indígena	Outra	Sem resposta	
Sim	15,5	16,7	17,4	8,8	26,9	17,5	31,6	16,6
Não	79,4	79,2	77,4	89,5	73,1	76,2	68,4	78,6
Sem resposta	5,1	4,1	5,2	1,7	0	6,3	0	4,8
Total	100 (650)	100 (264)	100 (651)	100 (57)	100 (26)	100 (63)	100 (19)	100 (1.730)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002. O número total não chega a 5.280, pois foram considerados apenas os adolescentes que responderam "sim" quando perguntados se já tiveram relação sexual.

Consi derando os entrevi stados que já ti veram relação sexual, veri ficamos que a gravi dez é mai s freqüente na cl asse D (20,1%) do que na cl asse A (13,1%). Na cl asse B, 16,3% dos entrevi stados com vi da sexual ati va já engravi daram, fenômeno i dênti co ao vi venci ado por 15,6% dos adol escentes da cl asse C.

// Tabela 140 - Adolescentes que mantêm/mantiveram relações sexuais, por classe social, segundo gravidez na adolescência (nacional), 2001/2002 (%)

Gravidez	Classe A	Classe B	Classe C	Classe D	Sem resposta	Total
Sim	13,1	16,3	15,6	20,1	25,8	16,6
Não	78,7	79,2	79,5	75,4	71,0	78,6
Sem resposta	8,2	4,5	4,8	4,5	3,2	4,8
Total (N)	100 (183)	100 (119)	100 (116)	100 (834)	100 (478)	100 (1.730)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Na Região Sudeste, 20,1% dos adolescentes que já tiveram relações sexuais passaram por uma situação de gravidez. O Nordeste é a segunda região com maior porcentagem de gravidez (15,7%), seguido do Norte (14,7%), do Centro-Oeste (12,6%) e do Sul (6,6%).

// Tabela 141 – Adolescentes que mantêm/mantiveram relações sexuais, por região, segundo gravidez ou da parceira, 2001/2002 (%)

Gravidez	Sul	Centro-Oeste	Norte	Sudeste	Nordeste	Brasil
Sim	6,6	12,6	14,7	20,1	15,7	16,6
Não	91,3	84	75,9	74,6	80,1	78,6
Sem resposta	2,1	3,4	9,4	5,3	4,2	4,8
Total (N)	100 (183)	100 (119)	100 (116)	100 (834)	100 (478)	100 (1.730)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002. O número total não chega a 5.280, pois foram considerados apenas os adolescentes que responderam "sim" quando perguntados se já tiveram relação sexual.

Nacionalmente, a porcentagem de adolescentes entrevistados que engravidaram ou engravidaram suas parceiras e não tiveram o filho chega a 28,8%.

// Tabela 142 – Adolescentes que engravidaram (ou suas parceiras), por interrupção da gravidez, 2001/2002 (%)

Interrupção da gravidez	Adolescentes que engravidaram (ou suas parceiras)			
	Sim	Não	Sem resposta	Total
Teve o filho	65,1	0,1	0,8	4,4
Não teve	28,8	5,5	0,3	3,4
Sem resposta	6,1	94,4	98,9	92,2
Total (N)	100 (312)	100 (1.424)	100 (3.544)	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Na análise regional, a porcentagem de adolescentes que não tiveram o filho depois de engravidar atinge patamares mais elevados no Centro-Oeste (40%), no Sudeste (31,8%) e no Sul (30,8%). O menor índice de interrupção da gravidez foi registrado no Norte do País, com 11,8%. No Nordeste, o índice é de 22,7%.

// Tabela 143 - Adolescentes, por região, segundo interrupção da própria gravidez ou da parceira, 2001/2002 (%)

Interrupção da gravidez	Sul	Centro-Oeste	Norte	Sudeste	Nordeste	Brasil
Teve o filho	61,5	53,3	76,5	62,0	73,3	65,1
Não teve	30,8	40,0	11,8	31,8	22,7	28,8
Sem resposta	7,7	6,7	11,7	6,2	4,0	6,1
Total (N)	100 (13)	100 (15)	100 (17)	100 (192)	100 (75)	100 (312)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002. O número total não chega a 5.280, pois foram considerados apenas os adolescentes que responderam "sim" quando perguntados se já engravidaram (ou suas parceiras).

Na classe A, entre os adolescentes que engravidaram (ou suas parceiras) 37,5% não tiveram o filho. O percentual é menor nos outros estratos. Na classe B, 28,6% não deram prosseguimento à gravidez; na classe C, 25,6% e na classe D, 34,4%. O questionário não permite afirmar se os adolescentes que tiveram a gravidez interrompida passaram por experiências de abortos espontâneos ou provocados.

// Tabela 144 - Adolescentes, por classe social, segundo interrupção da gravidez (nacional), 2001/2002 (%)

Interrupção da gravidez	Classe A	Classe B	Classe C	Classe D	Sem resposta	Total
Sim	50	66,7	70,3	52,5	50,0	65,1
Não	37,5	28,6	25,6	34,4	50,0	28,8
Sem resposta	12,5	4,7	4,1	13,1	0	6,1
Total (N)	100 (8)	100 (63)	100 (172)	100 (61)	100 (8)	100 (312)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002. O número total não chega a 5.280, pois foram considerados apenas os adolescentes que responderam "sim" quando perguntados se já engravidaram (ou suas parceiras).

Entre os adolescentes que não tiveram o filho, 76,7% estavam na faixa etária entre 15 e 17 anos e 23,3% tinham de 12 a 14 anos.

// Tabela 145 - Adolescentes, por faixa etária, segundo interrupção da gravidez (nacional), 2001/2002 (%)

Faixa etária	Se já engravidou, teve o filho?			
	Sim	Não	Sem resposta	Total
12 a 14 anos	21,2	23,3	26,3	22,1
15 a 17 anos	78,8	76,7	73,7	77,9
Total	100 (203)	100 (90)	100 (19)	100 (312)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002. O número total não chega a 5.280, pois foram considerados apenas os adolescentes que responderam "sim" quando perguntados se já engravidaram (ou suas parceiras).

Entre os adolescentes que afirmam não ter tido o filho depois de constatada a gravidez, 63,3% eram do sexo masculino e 36,7% eram do sexo feminino.

// Tabela 146 - Adolescentes, por sexo, segundo interrupção da gravidez (nacional), 2001/2002 (%)

Sexo	Se já engravidou, teve o filho?			
	Sim	Não	Sem resposta	Total
Masculino	49,8	63,3	47,4	53,5
Feminino	50,2	36,7	52,6	46,5
Total	100 (203)	100 (90)	100 (19)	100 (312)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002. O número total não chega a 5.280, pois foram considerados apenas os adolescentes que responderam "sim" quando perguntados se já engravidaram (ou suas parceiras).

Entre os indígenas é maior a porcentagem dos adolescentes que não têm o filho quando engravidam (ou suas parceiras) (57,1%), seguido dos pardos (31,3%), dos pretos (29,2%) e dos brancos (26,1%). Não houve registro de interrupção da gravidez entre os entrevistados categorizados como amarelos.

// Tabela 147 - Adolescentes que engravidaram (ou suas parceiras), por raça, segundo interrupção da gravidez (nacional), 2001/2002 (%)

Teve o filho?	Raça/cor							Total
	Branca	Preta	Parda	Amarela	Indígena	Outra	Sem resposta	
Sim	68,1	68,8	61,7	100,0	28,6	54,5	66,7	65,1
Não	26,1	29,2	31,3	0	57,1	27,3	33,3	28,8
Sem resposta	5,8	2,0	7,0	0	14,3	18,2	0	6,1
Total	100 (119)	100 (48)	100 (115)	100 (6)	100 (7)	100 (11)	100 (6)	100 (312)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002. O número total não chega a 5.280, pois foram considerados apenas os adolescentes que responderam "sim" quando perguntados se já engravidaram (ou suas parceiras).

DROGAS

No questionário, a pergunta referente ao uso de drogas listou nove tipos de drogas, além da opção "outros", perguntando a frequência do uso de cada uma delas. Para efeito de análise dos dados, as questões foram agregadas de forma a se chegar à quantidade de adolescentes que experimentaram um ou mais tipos de drogas pelo menos uma vez.

No total, 14,2% dos entrevistados afirmaram que utilizam ou já utilizaram algum tipo de droga, enquanto 84,4% dos entrevistados disseram que nunca usaram qualquer das drogas citadas, conforme indica a tabela a seguir.

// Tabela 148 - Adolescentes, por uso de drogas (nacional), 2001/2002 (%)

Uso de drogas	
Usa ou já usou	14,2
Nunca usou	84,4
Sem resposta	1,4
Total	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Consideradas as classes sociais, verificou-se que o consumo é maior nas classes A (21,6%) e B (20,5%). O valor diminui nas classes D (16,5%) e na C (11,4%).

// Tabela 149 - Adolescentes, por classe social, segundo uso de drogas (nacional), 2001/2002 (%)

Uso de drogas	Classe social				
	Classe A	Classe B	Classe C	Classe D	Sem resposta
Usa ou já usou	21,6	20,5	11,4	16,5	17,7
Nunca usou	78,4	78	86,9	83,3	80,6
Sem resposta	0	1,6	1,7	0,2	1,6
Total 5.280	100 (134)	100 (963)	100 (3.278)	100 (843)	100 (62)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Entre os adolescentes que têm entre 12 e 14 anos, 8,2% já experimentaram alguma droga. Entre os que têm entre 15 e 17 anos, a porcentagem sobe para 20,2%.

// Tabela 150 - Adolescentes, por faixa etária, segundo uso de drogas (nacional), 2001/2002 (%)

Usa ou já usou algum tipo de droga	Faixa etária		
	12 a 14 anos	15 a 17 anos	Sem resposta
Usa ou já usou	8,2	20,2	12,5
Nunca usou	90,4	78,4	87,5
Sem resposta	1,4	1,4	0
Total 5.280	100 (2.616)	100 (2.648)	100 (16)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Quando analisamos o uso de drogas por sexo, é possível verificar que, entre as meninas, 12,6% já experimentaram drogas, enquanto, entre os meninos, esse número chega a 15,7%.

// Tabela 151 - Adolescentes, por sexo, segundo uso de drogas (nacional), 2001/2002 (%)

Usa ou já usou algum tipo de droga	Sexo	
	Feminino	Masculino
Usa ou já usou	12,6	15,7
Nunca usou	85,8	83
Sem resposta	1,5	1,3
Total 5.280	100 (2.581)	100 (2.699)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Segundo a pergunta presente no questionário, que listou nove tipos de drogas, é possível observar que 9% já fizeram uso da maconha, 5% afirmaram ter usado cocaína, 2% merla, 1% crack, 3% inalantes, 1% LSD ou *ecstasy*, 1% anfetaminas, 1% injetáveis e 2% de outras

// Tabela 152 - Adolescentes, segundo consumo de drogas (nacional), 2001/2002 (%)

Tipo de droga	Brasil			Total (N)
	Sim	Não	Não respondeu	
Maconha	9	81	11	100 (5.280)
Cocaína	5	91	4	100 (5.280)
Merla	2	95	4	100 (5.280)
Crack	1	95	4	100 (5.280)
Inalantes	3	93	4	100 (5.280)
LSD/ecstasy	1	95	4	100 (5.280)
Anfetaminas	1	94	5	100 (5.280)
Injetáveis	1	95	4	100 (5.280)
Outros	2	87	11	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Em relação ao tabaco, 88% dos entrevistados dizem não fumar, enquanto 12% fumam diariamente ou ocasionalmente. A idade média de início do uso do tabaco é 15 anos.

O principal motivo que leva os adolescentes a experimentar o cigarro é a curiosidade (43%), seguido do fato de seus amigos fumarem (19%) e dos pais fumarem (17%). Mesmo sendo proibida por lei a venda de cigarros a crianças e adolescentes, 65% dizem comprar os seus próprios cigarros.

Em relação ao álcool, 69% dos adolescentes dizem não beber, enquanto 31% afirmam beber ocasionalmente ou diariamente.

// Drogas

Síntese das respostas dos adolescentes nos grupos focais. As frases destacadas em itálico são palavras dos próprios adolescentes

“O dependente químico é uma pessoa doente; fundamental no tratamento é não sofrer preconceito.”

Drogas não são um tema polêmico entre adolescentes. O discurso comum é de que drogas não devem ser consumidas, mas precisam ser objeto de políticas coerentes por parte dos governos: ou todas são proibidas ou todas são liberadas. Para a maioria dos adolescentes, todas deveriam ser proibidas, porque causam danos ao organismo das pessoas.

Os participantes dos grupos sugerem algumas das razões pelas quais adolescentes consomem drogas: falta de estrutura, violência. Para eles, a família tem papel fundamental no combate ao uso de drogas.

Os adolescentes acreditam que as drogas lícitas – álcool e tabaco – causam problemas principalmente nas comunidades mais carentes economicamente. Alguns participantes defendem a ideia de que a maconha seja considerada lícita, porque consideram leve seus efeitos.

“Eu acho hipócrita o governo proibir maconha e outras drogas e deixar liberados o álcool e cigarro.”

Poucos adolescentes declararam espontaneamente usar algum tipo de droga ilícita ou lícita, porém, todos relatam ter contato constante com o consumo de drogas. Assim, o consumo é encarado como natural e os adolescentes dizem conviver tranquilamente com amigos ou conhecidos usuários, sem discriminação ou sem se afastarem. Apenas evitam aproximações no momento do consumo da droga.

“Ele lá, eu cá, não tem problema.”

Poucos adolescentes desconhecem o preceito do Estatuto da Criança e do Adolescente que prevê tratamento gratuito para crianças e adolescentes usuários de drogas, embora concordem com a importância desse direito.

Para os adolescentes brasileiros, a pobreza tem uma causa, o desemprego, e uma solução, criar empregos. Segundo 56% dos adolescentes, a causa para a pobreza são os problemas

POBREZA

sociais, principalmente focados no desemprego, e problemas como falta de dinheiro, falta de moradia, falta de oportunidades, baixos salários e má distribuição de renda. Para eles, a omissão do governo (16%) e carências na educação (5%) são outras possíveis causas da pobreza. As respostas “não sei” e em branco somaram 15%.

Na divisão por estrato social, a diferença mais relevante em relação ao tema “pobreza” refere-se à alta percepção nas classes A, B e C da omissão governamental, que ficou em torno de 20%. Na classe D, no entanto, essa porcentagem não passa de 14%. Quando perguntados sobre a atuação do Estado, 63% disseram que o governo ajuda as camadas mais necessitadas, ainda que de forma insuficiente, e 30% responderam que o governo “não faz nada pelos mais pobres”.

O questionário instigava os adolescentes a propor soluções ou ações que os governos poderiam implementar para reduzir o problema da pobreza. Na resposta, o efeito apontado na causa. Ou seja, se o problema maior era a falta de emprego, o que falta é gerar emprego. Essa opção foi citada por 42% dos entrevistados.

Outros 23% citaram o que se caracterizou como “ações na área de assistência social” nas possíveis soluções para a pobreza. Aí foram incluídas respostas como “doar alimentos”, “tirar famílias das ruas”, “doar cestas básicas”, “ajudar os pobres”, “criar programas sociais”, etc. As ações na área educacional foram citadas por 5% dos entrevistados. A porcentagem de respostas em branco foi de 8% e as de quem não soube responder, 11%.

Na divisão por classe social, percebe-se que 40% dos entrevistados na classe D optaram por não responder a questão ou por dizer que não sabiam. Na classe A, 13% dos adolescentes citaram ações na área da educação como resposta, o que se manifestou com frequência menor nas outras classes (B, 7%; C, 5% e D, 3%).

// Tabela 153 - Adolescentes, por região, segundo sugestões de ações governamentais para solucionar o problema da pobreza no Brasil, 2001/2002 (%)

O que o governo deveria fazer para combater a pobreza?	Sul	Centro-Oeste	Norte	Nordeste	Sudeste	Brasil
Ações para promoção de emprego	43	45	34	41	43	42
Ações na área de assistência social	27	24	37	22	19	23
Não sabe	9	3	14	11	13	11
Não respondeu	2	8	5	13	6	8
Ações na área da educação	6	6	3	5	6	5
Ações de redistribuição de renda	9	9	4	2	5	5
Outros	1	3	2	4	5	4
Valores	3	1	0	1	2	1
Reforma agrária	0	1	1	1	0	1
Ações de promoção de lazer/cultura	0	0	0	0	1	0
Esporte	0	0	0	0	1	0
Ações na área de saúde	0	0	0	0	0	0
Total	100 (720)	100 (399)	100 (400)	100 (1.701)	100 (2.060)	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa “A Voz dos Adolescentes”, UNICEF/Fator OM/2002. Questão aberta que permitia qualquer resposta do adolescente. As respostas foram agrupadas nas categorias acima.

VIOÊNCIA

O mito de um país tranquilo está distante do imaginário dos adolescentes. Perguntados se consideravam o Brasil um país violento, 86% responderam "sim". Houve pouca variação regional. No Centro-Oeste foi registrado o índice mais alto de resposta afirmativas para essa questão: 87% dos entrevistados acreditam que o País é violento. O índice mais baixo foi registrado no Norte e no Sudeste, ambas com 85% de respostas afirmativas.

// Tabela 154 - Adolescentes, por região, segundo opinião sobre a violência no Brasil, 2001/2002 (%)

Você acha o Brasil um país violento?						
	Sul	Centro-Oeste	Norte	Sudeste	Nordeste	Brasil
Sim	86	87	85	85	86	86
Não	14	12	14	12	11	12
Não respondeu	0	1	1	3	3	2
Total (N)	100 (720)	100 (399)	100 (400)	100 (2.060)	100 (1.701)	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Entre as meninas entrevistadas é maior a sensação de que o País é violento em relação aos meninos. 84,4% das meninas responderam afirmativamente, contra 78,6% dos meninos, conforme a tabela a seguir.

// Tabela 155 - Adolescentes, por sexo, segundo a avaliação do Brasil como um país violento (nacional), 2001/2002 (%)

Sexo	Brasil como um país violento			
	Sim	Não	Sem resposta	Total
Masculino	78,6	18,5	2,9	100 (2.699)
Feminino	84,4	13,4	2,2	100 (2.581)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Nas camadas mais baixas a sensação de que o País é violento é mais intensa (82,3% na classes C e 83,6% na classe D) do que nos estratos mais ricos (79,1% dos entrevistados na classe A e 76,9% dos da classe B).

// Tabela 156 - Adolescentes, por classe social, segundo avaliação do Brasil como um país violento (nacional), 2001/2002 (%)

Classe social	Brasil violento			
	Sim	Não	Sem resposta	Total
Classe A	79,1	17,9	3	100 (134)
Classe B	76,9	20,4	2,7	100 (963)
Classe C	82,3	15,3	2,4	100 (3.278)
Classe D	83,6	13,3	3,1	100 (843)
Sem resposta	6,5	6,5	87,1	100 (62)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Os indígenas são o grupo que mais consideram o Brasil um país violento. Entre eles, essa resposta foi comum em 85,3% das entrevistas. Em seguida aparecem os pardos (83,8%) e os amarelos (83,1%). A mesma resposta foi dada por 81,2% dos pretos e 79,8% dos brancos.

// Tabela 157 - Adolescentes, por raça, segundo a avaliação de que o Brasil é um país violento (nacional), 2001/2002 (%)

O Brasil é um país violento?	Raça/cor						
	Branca	Preta	Parda	Amarela	Indígena	Outros	Sem resposta
Sim	79,8	81,2	83,8	83,1	85,3	74,9	74,5
Não	18	15,8	14	14,1	14,7	19,4	14,9
Sem resposta	2,2	3	2,2	2,8	0	5,7	10,6
Total	100 (2.035)	100 (709)	100 (2.033)	100 (177)	100 (68)	100 (211)	100 (47)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Seqüestros, assassinatos, índice de criminalidade, assaltos, brigas, vandalismo e estupros (reunidos na tabela 158 como "Evidências") são temas lembrados pelos adolescentes para explicar os porquês de o Brasil ser um país violento. Essas evidências, manifestações visíveis da violência, aparecem em 38% das respostas dos adolescentes.

Ainda assim, questões ligadas a causas econômicas, como desemprego, desigualdade social e fome também foram lembradas (12%). Destaque ainda para os entrevistados que não sabiam o que dizer (8%) e os que preferiram não responder a pergunta (16%). Segue abaixo tabela completa, incluindo as opções que não chegaram a ter 1% de resposta (por isso, aparecem em porcentagens fracionadas).

// Tabela 158 - Adolescentes, segundo as explicações para a caracterização do Brasil como um país violento (nacional), 2001/2002 (%)

Razões da violência no Brasil	
Evidências (seqüestros, assassinatos, assaltos, etc.)	38
Sem resposta	16
Causas econômicas, sociais, políticas	12
Não sabe	8
Faltam policiais	4
Governo não faz a sua parte	4
Drogas (uso/tráfico)	4
Falta de solidariedade	3
Brasil não tem terrorismo/guerras	2
Facilidade de comprar armas	2
Falta de Educação/Cultura	2
Outros	2
Terrorismo (EUA/Afganistão)	1
Descumprimento da lei	1
Má remuneração de policiais	1
Governo (corrupção)	1
Egoístas	0,5
Questões raciais	0,3
Atuação do crime organizado	0,3
Família (falta de diálogo/desestruturada)	0,2
Falta de lazer/cultura	0,1
Total	100,0 (5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Na divisão por sexo, como se pode observar na tabela a seguir, há poucas disparidades nas respostas de meninos e meninas entrevistados.

// Tabela 159 - Adolescentes, por sexo, segundo problemas com relação à segurança (nacional), 2001/2002 (%)

Problemas	Sexo	
	Masculino	Feminino
Frequência de assaltos e roubos	33,2	32,9
A violência da própria polícia	24,3	26
Falta de policiamento das ruas	22,5	22
Existência de gangues/galeras	15,5	13,9
Sem resposta	3,2	3,6
Outro problema	1,3	1,6
Total – N=5.280	100 (2.699)	100 (2.581)

Fonte: Pesquisa “A Voz dos Adolescentes”, UNICEF/Fator OM/2002.

Para além das causas, a frequência de assaltos e roubos (33% da porcentagem nacional) é a preocupação mais imediata dos adolescentes em relação à segurança, principalmente para as classes mais ricas (44,8% da classe A e 43,8% da classe B).

A violência protagonizada pela própria polícia (25% das respostas) vem em segundo e é mais sentida pelas classes mais populares (25,4% e 29,5% nas classes C e D respectivamente). A terceira preocupação mais frequente é a falta de policiamento (22%), mais citada pela classe C (23,2%), e a quarta é a existência de gangues/galeras (15%), que foi mais citada pela classe C (16%).

// Tabela 160 - Adolescentes, por tipo de problema com relação à segurança, segundo classe social (nacional), 2001/2002 (%)

Classe social	Frequência de assaltos e roubos	Gangues/galeras	Falta de policiamento	Violência da polícia	Outro	Sem resposta	Total (N)
Classe A	44,8	14,2	14,2	17,2	3	6,6	100 (134)
Classe B	43,8	11,4	18,9	21	1,2	3,7	100 (963)
Classe C	31	16	23,2	25,4	1,4	3	100 (3.278)
Classe D	28,8	13,8	22,9	29,5	1,5	3,5	100 (843)
Sem resposta	8,1	11,3	38,7	35,5	0	6,4	100 (62)

Fonte: Pesquisa “A Voz dos Adolescentes”, UNICEF/Fator OM/2002.

A preocupação com gangues e galeras justificou-se para 24% dos pesquisados, que afirmaram terem sido vítimas de violência ou conduta agressiva nas ruas. Nas classes A e B, 26% dos adolescentes afirmam já ter sido vítimas da violência, número que cai para 16,5% na classe D.

A agressividade e a violência não têm poupado nem mesmo os estabelecimentos de ensino: 20% dos entrevistados disseram ter sido vítimas de algum tipo de violência dentro da escola. Os casos mais comuns são as agressões físicas (64%), desrespeito aos direitos (38%) e agressões policiais (13%).

Por tudo isso, segurança é palavra de ordem entre os adolescentes entrevistados. Questionados sobre o que governo e a sociedade deveriam fazer para reduzir a violência, os adolescentes pediram mais segurança (47% das respostas). Foram incluídas nessa demanda respostas como “mais polícia”,

“mais del egaci as”, “mel horar ilumi nação”, “prender os bandi dos”, “aumentar a segurança nas ruas”, “acabar com as galeras” e “instalar câmeras de vídeo”. Em segundo lugar vieram as questões sem resposta (12%) e a opção “não sei” (10%).

O pedi do por segurança é mais intenso entre os menos favoreci dos: 63% dos entrevi stados da classe D sol ici taram mais segurança, número que cai para 39% dos adol escentes na classe A, que pulverizaram suas respostas em temas como “ações educaci onais”, “ações na área soci al” (6%), “qual i fi cação da pol íci a” (5%), “promoção de emprego” (3%).

Na aná lise por raças, o apel o por segurança também repeti u-se entre os adol escentes entrevi stados em todas as raças, com 54,8% das opções dos adol escentes de raça amarel a, 49,8% dos pardos, 47,7% dos pretos, 44,5% dos brancos e 32,4% dos índi genas. Outras medi das l embradas com alguma freqüênci a foram ações na área de assi stênci a soci al e qual i fi cação da pol íci a, como pode ser percebi do na tabel a a segui r (foram usados números fraci onados para uma mai or abrangênci a das respostas).

// Tabela 161 - Adolescentes, por ações para diminuir a violência, segundo raça (nacional), 2001/2002 (%)

Medidas para diminuir a violência	Raça/cor						
	Branca	Preta	Parda	Amarela	Índígena	Outros	Sem resposta
Mais segurança	44,5	47,7	49,8	54,8	32,4	44,1	42,6
Sem resposta	13,5	13	10,4	11,2	19	7,6	14,7
Não sabe	8,8	10,9	11,3	6,2	11,8	12,8	12,8
Qualificação da polícia	5,6	4,1	6	7,3	4,4	5,6	0
Ações na área de assistência social	6,7	4,5	3,9	3,4	5,9	5	4,3
Ações de redistribuição de renda	0,9	0,8	0,6	0,6	0	0,7	2,1
Ações ligadas à juventude	1,3	1,3	2,2	2,8	1,5	2,4	0
Ações educacionais	4,6	4,4	2,5	1,1	2,9	3,8	4,3
Ações na área de saúde	0,2	0,4	0,3	0	0	0	0
Ações de promoção de emprego	3,4	3,8	3	1,7	4,4	5,7	6,4
Campanhas de conscientização	0,7	1,7	1,7	0,6	2,9	1,9	0
Cultura e lazer	0,9	1,3	0,8	1,7	0	1,9	4,3
Conscientização	0,8	0,7	1,2	0	1,5	0,5	0
Valores	0,7	0,3	0,8	1,1	2,9	0,5	2,1
Educação familiar	0,1	0	0	0	0	0	0
Rigor jurídico	1,2	1,1	0,7	1,7	0	0,5	0
Rigor jurídico para adolescentes	0,1	0	0,2	0,6	0	0	0
Pena de morte/prisão perpétua	0,3	0,3	0,3	0,6	0	0	0
Acabar com a venda de armas	0,4	0,3	0,4	0,6	0	1,4	0
Honestidade na política	0,9	0,8	0,6	1,7	1,5	0,5	0
Denunciar criminosos	0,5	0	0,2	0	0	0	0
Diálogo do governo com a sociedade	0	0	0,2	0	1,5	0,9	0
Combater o tráfico de drogas	0,6	0	0,4	0,6	1,5	0,9	0
Organização da sociedade	0,5	0,3	0,4	0	1,5	0	0
Outros	1,9	2,3	1,8	1,1	1,5	3,3	6,4
Governo não pode fazer nada	0,9	0	0,3	0,6	2,9	0	0
Total N=5.280	100 (2.035)	100 (709)	100 (2.033)	100 (177)	100 (68)	100 (211)	100 (47)

Fonte: Pesquisa “A Voz dos Adolescentes”, UNICEF/Fator OM/2002.

A percepção não apresenta di ferenças mui to si gni fi cati vas nas respostas dos adol escentes na fai xa de 12 a 14 anos e na de 15 a 17 anos. A medi da mai s l embrada pel os doi s grupos é “mais segurança”, com 49,2% das respostas dos adol escentes

entre 12 e 14 anos e 45,2% entre os de 15 a 17. O percentual de questionários não respondidos foi de 12,5% entre o grupo mais jovem e 10,8% entre os mais velhos, como pode ser observado na tabela a seguir:

// Tabela 162 - Adolescentes, por ações para diminuir a violência, segundo faixa etária (nacional), 2001/2002 (%)

Medidas para diminuir a violência	Faixa etária		
	12 a 14 anos	15 a 17 anos	Sem resposta
Ações na área de assistência social	4,5	5,6	0
Ações de redistribuição de renda	0,6	0,8	0
Ações ligadas à juventude	1,8	1,7	0
Ações na área educacional	2,9	4,3	6,3
Ações na área de saúde	0,1	0,4	0
Ações de promoção de emprego	2,9	3,8	12,5
Campanhas de conscientização	1,1	1,5	0
Mais segurança	49,2	45,2	25
Qualificação da polícia	4,7	6,4	6,3
Cultura e lazer	0,9	1,1	0
Conscientização	0,8	1	0
Valores	0,9	0,6	6,3
Educação familiar	0	0,1	0
Rigor jurídico	0,9	1,1	0
Rigor jurídico para adolescentes	0,2	0,1	0
Pena de morte/prisão perpétua	0,3	0,3	0
Acabar com a venda de armas	0,5	0,4	0
Honestidade na política	0,6	0,9	0
Privação pessoal	0,1	0	0
Denunciar criminosos	0	0,5	0
Diálogo do governo com a sociedade	0,2	0,2	0
Combater o tráfico de drogas	0,6	0,4	0
Organização da sociedade	0,3	0,5	0
Outros	2,1	1,8	12,5
Governo não pode fazer nada	0,7	0,7	0
Sem resposta	12,5	10,8	18,60
Não sabe	10,6	9,7	12,5
Total – N=5.280	100 (2.616)	100 (2.648)	100 (16)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

A resposta também apresenta semelhança na análise por sexo. Entre os homens, 47,9% responderam "mais segurança". Entre as mulheres, a taxa cai pouco mais de um ponto percentual, para 46,3%. A proporção também é semelhante nas segunda e terceira respostas mais lembradas: 5,5% dos adolescentes e 5,7% das adolescentes entrevistados pedem mais qualificação da polícia, enquanto 5,2% dos meninos e 4,9% das meninas citaram ações na área de assistência social.

// Tabela 163 - Adolescentes, por ações para diminuir a violência, segundo sexo (nacional), 2001/2002 (%)

Medidas para diminuir a violência	Sexo	
	Masculino	Feminino
Ações na área de assistência social	5,2	4,9
Ações de redistribuição de renda	0,6	0,9
Ações ligadas à juventude	1,5	2
Ações na área educacional	3,3	3,9
Ações na área de saúde	0,2	0,3
Ações de promoção de emprego	3,1	3,7
Campanhas de conscientização	1,3	1,3
Mais segurança	47,9	46,3
Qualificação da polícia	5,5	5,7
Cultura e lazer	1,1	0,9
Conscientização	1,1	0,7
Valores	0,6	1
Educação familiar	0	0,1
Rigor jurídico	0,6	1,3
Rigor jurídico para adolescentes	0,1	0,2
Pena de morte/prisão perpétua	0,4	0,2
Acabar com a venda de armas	0,4	0,5
Censurar mídia	0	0
Honestidade na política	0,6	1
Privação pessoal	0,1	0
Denunciar criminosos	0,3	0,2
Diálogo do governo com a sociedade	0,2	0,2
Combater o tráfico de drogas	0,5	0,5
Organização da sociedade	0,4	0,4
Outros	2,1	1,8
Governo não pode fazer nada	0,6	0,8
Sem resposta	12	11,1
Não sabe	10,3	10,1
Total N=5.280	100 (2.699)	100 (2.581)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

// Violência

Síntese das respostas dos adolescentes nos grupos focais. As frases destacadas em itálico são palavras dos próprios adolescentes

"Violência é tudo que machuca por dentro e por fora."

No início dos debates, para os adolescentes, violência são os crimes comuns das realidades urbanas, como roubos e assaltos, e ainda a violência física. Ao longo das conversas, outras formas de violência são citadas: verbal, psíquica, moral, sexual e familiar. Muitas vezes os adolescentes não são capazes de explicar o que significam essas formas de violência.

Porém, para eles, há uma relação íntima e direta entre violência e mídia. Para alguns adolescentes, os meios de comunicação determinam comportamentos violentos. Para outros, a mídia não determina, mas incentiva pessoas que já possuem condutas violentas.

Para os adolescentes, a violência pode ser definida como desrespeito aos limites do outro, de qualquer natureza: física ou verbal, moral, sexual. Ao mesmo tempo que desperta medo e angústia, possui um caráter de fascinação (as descrições de violência são minuciosas e despertam risos entre os participantes dos grupos).

O debate sobre violência trouxe discussões difíceis. A maioria delas quando os próprios adolescentes foram provocados a falar de situações nas quais tinham sido agentes de violência, como em brigas com colegas e pequenas discussões. A maioria, porém, diz nunca ter sofrido violência, embora,

contraditoriamente, citem episódios em que sofreram xingamentos, preconceito, ameaças, assaltos, assédios.

O tema da violência sexual foi trazido espontaneamente por adolescentes do sexo feminino, ao relatarem episódios freqüentes de assédio e violências cotidianas. Os meninos não entravam no debate. Em um grupo quando perguntados sobre assédio, os meninos disseram tratar-se de uma “brincadeira natural”, aceita pelas meninas. “Elas gostam”, disse um dos participantes.

“A omissão é uma violência.”

“Meu pai me abandonou quando eu tinha 5 anos. Eu sei onde ele mora e eu ainda vou matar ele.”

Entre os adolescentes da região Sudeste, são muito comuns o relato da experiência da violência no cotidiano. Adolescentes em todas as regiões – em especial com grupos provenientes de escolas públicas de periferia – relatam episódios de violência com freqüência (também dentro da escola), mas meninos e meninas mostravam-se como vítimas impotentes de uma violência dirigida à comunidade (tiroteios durante a noite, balas perdidas). O que chama a atenção na região Sudeste é a grande freqüência desses relatos e a espontaneidade com que são reportados os casos. No discurso dos adolescentes é violência é banal e parece justificável.

Participante: “Eu assalto quando vejo um playboy numa moto ou com carro caro, dá vontade de eu ter um e dessa maneira é bem mais fácil”.

Mediadora: “Você não acha que o dono do carro pode ter lutado muito para consegui-lo?”.

Participante: “Não... Você reagiria a um assalto?”.

Mediadora: “Não.”.

Participante: “Então tá. Era só isso o que eu queria saber.”

De forma geral, adolescentes concordam que o Brasil é um país violento. Algumas das razões para isso: desigualdade social, uso de drogas, a polícia “mais perigosa que os bandidos”, a banalização dos episódios de violência no cotidiano.

Para os participantes dos grupos focais, adolescentes infratores são tratados injustamente tanto no momento de julgamento (deveriam ser tratados com mais severidade) quanto na determinação da pena (críticas constantes ao sistema penitenciário). Embora acreditem que jovens devam ser punidos como adultos, consideram positiva a idéia de medidas socioeducativas para adolescentes, desde que bem aplicadas e com eficiência no Brasil. Alguns adolescentes quando debatem o tema, sugerem que a meninos e meninas em conflito com a lei “sem recuperação” poderia ser aplicada a pena de morte. Para alguns participantes, a punição de crimes não deve ser estipulada por faixa etária e sim pela gravidade do crime cometido. Acreditam, contudo, que atualmente a punição aplicada depende muito da classe social, relações de influência e cor da pele do adolescentes infrator.

A polícia é alvo constante de críticas por parte dos adolescentes. Para eles, os mais jovens são as maiores vítimas dos abusos policiais. Os episódios citados pelos adolescentes contam de policiais não apenas omissos mas coniventes com crimes que ocorrem 'na frente deles' ou policiais que usam violência física ou ameaçam com armas adolescentes desarmados, mesmo em situações em que não há infração da lei por parte dos adolescentes.

"Eles (policiais) vão dar uns tabefes na gente."

Outra forma de violência comum entre os relatos dos adolescentes, principalmente entre as meninas, é o abuso sexual. Em praticamente todas as discussões, meninas relatam casos de provocações ou abusos sexuais vividos por ela ou por amigas/conhecidas.

Durante a realização de um grupo focal, uma adolescente relatou caso de abuso sexual sofrido por ela. O abuso seguiu o roteiro mais comum nesses casos: foi cometido por pessoa de confiança da família, na casa da adolescente. O abusador, mais tarde, chegou a oferecer dinheiro à menina para que ela se calasse. Meses depois, ela reuniu coragem e contou o caso à mãe.

DIÁLOGO EM CASA

Em casa, a conversa é a forma mais comum de correção dos pais em relação a seus filhos adolescentes, com 73% das citações, seguida das proibições de sair (26%), gritos e xingamentos (18%), castigos (19%) ou cortes na mesada (5%).

Porém, o diálogo não aparece com a mesma frequência nas diferentes classes sociais. Entre os adolescentes entrevistados pertencentes à classe A, 81% são corrigidos com conversas dos pais. Na classe D, a porcentagem cai para 66%. Enquanto 11% dos adolescentes entrevistados pertencentes à classe A são punidos com agressões físicas, a porcentagem sobe para 18% na classe D. A distorção continua quando a agressão é realizada com objetos. Na classe A, 2,2% dos entrevistados recebem punições dessa forma. Na classe D, 9,3%, como pode ser observado na tabela a seguir.

// Tabela 164 - Adolescentes, por classe social, segundo correção em que os pais batem com objetos (nacional), 2001/2002 (%)

Classe social	Pais que corrigem filhos batendo com objetos			Total
	Sim	Não	Sem resposta	
Classe A	2,2	97	0,8	100 (134)
Classe B	4,5	94,2	1,3	100 (963)
Classe C	6,1	92	1,9	100 (3.278)
Classe D	9,3	88,6	2,1	100 (843)
Sem resposta	11,3	85,5	3,2	100 (62)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

No entanto, os adolescentes das classes menos abastadas também consideraram justa a punição que recebem (74% na classe D, 78% na classe C, 72% na classe A e 69% na classe B). A média nacional nesse item é de 75%.

Além disso, nacionalmente, 72% dos adolescentes entrevistados afirmaram que têm a oportunidade de falar no momento em que são corrigidos. Na divisão por classes sociais, a classe D, com 68,1% das respostas, é a que apresenta menor porcentagem de entrevistados que podem falar e ser ouvidos quando estão sendo corrigidos. A porcentagem é maior na classe A, com 78,4% das respostas. A estatística não apresenta variações significativas por sexo (71% dos meninos e 72% das meninas disseram que podem falar e ser ouvidos).

// Tabela 165 - Adolescentes, por classe social, segundo a oportunidade de falar e ser ouvido quando estão sendo corrigidos (nacional), 2001/2002 (%)

Classe social	Oportunidade de falar e ser ouvido quando está sendo corrigido			
	Sim	Não	Sem resposta	Total
Classe A	78,4	19,4	2,2	100 (134)
Classe B	69,3	27,6	3,1	100 (963)
Classe C	72,9	24	3,1	100 (3.278)
Classe D	68,1	28,9	3	100 (843)
Sem respostas	72,6	24,2	3,2	100 (62)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Ter a oportunidade de falar e ser ouvido enquanto estão sendo corrigidos é mais comum entre os adolescentes entrevistados que se definiram como amarelos (74% das respostas do grupo) e menos entre os indígenas (69,1%). A mesma resposta foi citada por 72,7% dos pardos, 71,3% dos brancos e 69,5% dos pretos.

// Tabela 166 - Adolescentes, por oportunidade de falar e ser ouvido quando estão sendo corrigidos, segundo raça (nacional), 2001/2002 (%)

Oportunidade de ser ouvido quando está sendo corrigido	Raça/cor						Sem resposta
	Branca	Preta	Parda	Amarela	Indígena	Outros	
Sim	71,3	69,5	72,7	74	69,1	71,1	25,5
Não	26	25,7	24,5	23,2	29,4	27	66
Sem resposta	2,7	4,8	2,8	2,8	1,5	1,9	8,5
Total	100 (2.035)	100 (709)	100 (2.033)	100 (177)	100 (68)	100 (211)	100 (47)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Para que relatassem por quais instituições sentem-se mais respeitados, o questionário de entrevista apresentou aos adolescentes uma lista com as seguintes opções: família, professores, colegas da escola, vizinhança, amigos e como consumidores. Os adolescentes foram convidados também a dizer por quais instituições não se sentem respeitado (as respostas não eram excludentes).

A família é a grande referência de respeito dos adolescentes. Para 90% dos adolescentes, é na família que eles têm a sensação de que são respeitados. Os amigos, com 86% das citações, aparecem em segundo lugar, seguidos dos professores (81%), colegas de escola (76%) e a vizinhança (75%). Quando estão na posição de consumidores, 69% sentem-se respeitados.

Dentro da família, a sensação de respeito é semelhante entre os adolescentes de todas as raças trabalhadas na pesquisa: 91,5% entre os amarelos, seguidos de 90,6% dos brancos, 89,3% dos pardos, 88,2% dos indígenas e 87% dos pretos.

// Tabela 167 - Adolescentes, por raça, segundo a sensação de ter os seus direitos respeitados na família, 2001/2002 (%)

Você se sente respeitado em seus direitos na família?	Raça/cor						
	Branca	Preta	Parda	Amarela	Indígena	Outros	Sem resposta
Sim	90,6	87	89,3	91,5	88,2	91,5	83
Não	8,4	10,3	8,5	7,3	8,8	8,1	14,9
Sem resposta	1	2,7	2,2	1,1	3	0,5	2,1
Total - N=5.280	100 (2.035)	100 (709)	100 (2.033)	100 (177)	100 (68)	100 (211)	100 (47)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Dentro da escola e consideradas as classes sociais, observa-se que, enquanto 85% dos adolescentes da classe A sentem-se respeitados pelos professores, o mesmo ocorre com 75% dos entrevistados da classe D. Ainda no ambiente escolar, 89% dos adolescentes da classe A e 84% da classe B sentem o respeito dos colegas de escola. Nas classes C e D, no entanto, o número decresce para 75% e 68%, respectivamente.

O respeito que os entrevistados sentem dos professores na escola é menor entre os pretos (75,2%) e entre os indígenas (80,9%). Entre os pardos, fica em 81,7%, entre os brancos, a sensação é comum a 83,1% dos adolescentes entrevistados e, entre os amarelos, 82,5%.

// Tabela 168 - Adolescentes, por raça, segundo sensação de ter os seus direitos respeitados pelos professores na escola, 2001/2002 (%)

Você se sente respeitado em seus direitos pelos professores na escola?	Raça/cor						
	Branca	Preta	Parda	Amarela	Indígena	Outros	Sem resposta
Sim	83,1	75,2	81,7	82,5	80,9	82,9	78,7
Não	5,3	21,3	15,2	15,3	16,2	15,6	21,3
Sem resposta	1,6	3,5	3,1	2,3	2,9	1,4	0
Total – N=5.280	100 (2.035)	100 (709)	100 (2.033)	100 (177)	100 (68)	100 (211)	100 (47)

Fonte: Pesquisa “A Voz dos Adolescentes”, UNICEF/Fator OM/2002.

O respeito vindo dos colegas de sala é mais sentido entre os amarelos: 80,2% deles disseram que se sentem respeitados nesse contexto. Entre os brancos, a porcentagem fica em 78,9%. Entre os pardos, em 75,5%; entre os indígenas, em 72,1% e, por fim, entre os pretos, em 71,7%.

// Tabela 169 - Adolescentes, por raça, segundo sensação de ter os seus direitos respeitados pelos colegas na escola, 2001/2002 (%)

Você se sente respeitado em seus direitos por seus colegas na escola?	Raça/cor						
	Branca	Preta	Parda	Amarela	Indígena	Outros	Sem resposta
Sim	78,9	71,7	75,5	80,2	72,1	72,5	70,2
Não	19,6	25,7	21,6	16,4	26,5	24,6	29,8
Sem resposta	1,5	2,6	2,9	3,4	1,4	2,8	0
Total – N=5.280	100 (2.035)	100 (709)	100 (2.033)	100 (177)	100 (68)	100 (211)	100 (47)

Fonte: Pesquisa “A Voz dos Adolescentes”, UNICEF/Fator OM/2002.

Na relação com a vizinhança, são os pretos o grupo que mais manifesta a sensação de ausência de respeito. Entre eles, 67,4% sentem respeito dos vizinhos. A taxa é maior entre os brancos (78,6%). Fica em 75% entre os indígenas e 75,2% entre os pardos, e cai para 68,9% entre os amarelos.

// Tabela 170 - Adolescentes, por raça, segundo sensação de ter os seus direitos respeitados pela vizinhança, 2001/2002 (%)

Você se sente respeitado em seus direitos pela sua vizinhança?	Raça/cor						
	Branca	Preta	Parda	Amarela	Indígena	Outros	Sem resposta
Sim	78,6	67,4	75,2	68,9	75	75,4	70,2
Não	19,8	30,6	22	29,9	22,1	23,7	29,8
Sem resposta	1,6	2	2,8	1,2	2,9	0,9	0
Total – N=5.280	100 (2.035)	100 (709)	100 (2.033)	100 (177)	100 (68)	100 (211)	100 (47)

Fonte: Pesquisa “A Voz dos Adolescentes”, UNICEF/Fator OM/2002.

Na relação com os amigos, pretos e indígenas aparecem como o grupo em que a sensação de respeito é menor. Entre os pretos, a sensação de respeito fica em 83,6%. Entre os indígenas, em 85,3%. O mesmo ocorre com 86,3% dos pardos, 86,9% dos brancos e 88,7% dos amarelos.

// Tabela 171 - Adolescentes, por raça, segundo sensação de ter os seus direitos respeitados por seus amigos, 2001/2002 (%)

Você se sente respeitado em seus direitos por seus amigos?	Raça/cor						
	Branca	Preta	Parda	Amarela	Indígena	Outros	Sem resposta
Sim	86,9	83,6	86,3	88,7	85,3	86,3	91,5
Não	11,9	14,1	11,3	10,7	13,2	12,8	8,5
Sem resposta	1,2	2,3	2,4	0,6	1,5	0,9	0
Total – N=5.280	100 (2.035)	100 (709)	100 (2.033)	100 (177)	100 (68)	100 (211)	100 (47)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Como consumidores, 60,1% dos pretos sentem-se respeitados. É o menor índice, uma vez que a sensação de respeito como consumidores é maior entre os brancos (69,1%), os pardos (71,7%), os indígenas (73,5%) e os amarelos (75,1%).

// Tabela 172 - Adolescentes, por raça, segundo sensação de ter os seus direitos respeitados como consumidor, 2001/2002 (%)

Você se sente respeitado em seus direitos como consumidor?	Raça/cor						
	Branca	Preta	Parda	Amarela	Indígena	Outros	Sem resposta
Sim	69,1	60,1	71,7	75,1	73,5	73,5	53,2
Não	28,8	38,1	25,2	23,2	22,1	24,6	42,6
Sem resposta	2,1	1,8	3,1	1,7	4,4	1,9	4,3
Total (5.280)	100 (2.035)	100 (709)	100 (2.033)	100 (177)	100 (68)	100 (211)	100 (47)

// Preconceito

Síntese das respostas dos adolescentes nos grupos focais. As frases destacadas em itálico são palavras dos próprios adolescentes

"O Brasil só deixará de ser racista quando reconhecer que aqui há preconceito."

Uma garota de 12 anos reproduz a fala de um de seus professores de escola pública: *"Pobre não tem nem que pensar em ter filho"*.

Para os adolescentes, o preconceito é um fator comum, cotidiano na sociedade. Eles identificam-no em histórias do dia-a-dia, nas piadas, nos meios de comunicação (nas novelas, por exemplo, segundo eles, atores negros sempre fazem papel de empregados).

As formas de preconceito mais citadas (ou vivenciadas) pelos adolescentes são: racial, econômica, contra portadores de deficiências, contra idosos, obesos, por causa da opção sexual, contra mulheres.

Alguns adolescentes identificam-se como praticamente eventuais de práticas racistas. Chama a atenção no discurso a dificuldade com a linguagem ou mesmo de se reconhecer como grupo.

Outro grupo bastante discriminado são ex-detentos ou adolescentes que cometeram infração – presentes principalmente no grupo da região Sudeste. Segundo os adolescentes, que conhecem pessoas nessa situação na família ou no bairro onde vivem, é grande o preconceito sofrido por elas, que têm dificuldades em conseguir emprego.

Família e escola, nessa ordem, são as instituições que os adolescentes consideram mais importantes na sociedade. A família é citada por 95% dos adolescentes como uma instituição importante para a sociedade. A escola, por sua vez, é lembrada por 93% dos adolescentes. Na graduação de valor dos entrevistados, seguem a Igreja (citada por 80% em âmbito nacional), a polícia (79%) e a vizinhança/comunidade (67%).

// Tabela 173 - Adolescentes, por região, segundo instituições que consideram importantes para a sociedade, 2001/2002 (%)

Instituições importantes	Sul	Centro-Oeste	Norte	Sudeste	Nordeste	Brasil
Família	96	98	96	95	94	95
Escola	96	96	96	92	92	93
Igreja	71	85	90	77	83	80
Polícia	81	78	79	76	80	79
Vizinhança	67	66	64	67	68	67
Governo	67	65	76	67	64	66
Partidos políticos	41	36	50	48	38	43
Outra	2	3	6	7	6	5
Total (N)	(720)	(399)	(400)	(2.060)	(1.701)	(5.280)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002. As respostas não somam 100%, porque a questão permitia múltipla marcação.

A família é a instituição que desponta, em toda a pesquisa *A Voz dos Adolescentes*, como estratégica e decisiva na formação de conceitos e na proteção de direitos de meninos e meninas.

A percepção de que a família é importante para a sociedade não varia muito para meninos e meninas: para 94,5% dos meninos e 95,4% das meninas, a família é importante para a sociedade.

// Tabela 174 - Adolescentes, por sexo, segundo importância que atribuem à família para a sociedade, 2001/2002 (%)

Você acha que a família é importante para a sociedade?	Sexo	
	Masculino	Feminino
Sim	94,5	95,4
Não	2	2
Não sabe	0,6	0,5
Indiferente	0,4	0,4
Sem resposta	2,5	1,7
Total - N=5.280	100 (2.699)	100 (2.581)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

A importância dada à família é significativa entre os adolescentes de todas as raças. Entre brancos e pardos, 95% e 95,3% dos entrevistados disseram que a família é importante para a sociedade. Entre os amarelos, a taxa é de 94,4%; entre os caracterizados como pretos, 93,1%, e, entre os indígenas, 91,2%. É entre os indígenas que aparece a maior porcentagem de entrevistados que dizem que a família não é importante para a sociedade (5,9%), contra 3,4% entre pretos, 2,8% entre amarelos e 1,8% e 1,7% entre brancos e pardos, respectivamente.

// Tabela 175 - Adolescentes, por raça, segundo importância que atribuem à família para a sociedade, 2001/2002 (%)

Você acha que a família é importante para a sociedade?	Raça/cor						
	Branca	Preta	Parda	Amarela	Indígena	Outros	Sem resposta
Sim	95	93,1	95,3	94,4	91,2	98,1	93,6
Não	1,8	3,4	1,7	2,8	5,9	0,5	0
Não sabe	0,4	0,6	0,6	0,6	0	0,9	0
Indiferente	0,3	0,1	0,5	1,1	1,5	0	2,1
Sem resposta	2,5	2,8	1,9	1,1	1,4	0,5	4,3
Total – N=5.280	100 (2.035)	100 (709)	100 (2.033)	100 (177)	100 (68)	100 (211)	100 (47)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

A percepção da família como instituição importante é alta em todas as classes sociais, mas ligeiramente maior na classe D (96,9%). Na classe A, a porcentagem é de 95,5%. Na B, 94,3%; na C, 94,6%. As respostas dos que não acham a família importante ficaram entre 3% e 2,5% nas classes A e B, 2% na classe C e 1,1% na classe D.

// Tabela 176 - Adolescentes, por classe social, segundo importância que atribuem à família para a sociedade, 2001/2002 (%)

Você acha que a família é importante para a sociedade?	Classe social				
	Classe D	Classe C	Classe B	Classe A	Sem resposta
Sim	96,9	94,6	94,3	95,5	95,2
Não	1,1	2	2,5	3	3,2
Não sabe	0,5	0,6	0,4	0,7	1,6
Indiferente	0,2	0,5	0,2	0	0
Sem resposta	1,3	2,3	2,6	0,8	0
Total – N=5.280	100 (843)	100 (3.278)	100 (963)	100 (134)	100 (62)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Apenas para os adolescentes identificados como indígenas, a escola é mais importante para a sociedade do que a família. Neste grupo, 95,6% dos entrevistados acham a escola importante, enquanto 91,2% delégaram essa importância à família. Nas demais raças, a escola tem destaque, mas sempre abaixo da família. Entre os brancos, 92,8% deram importância à escola, enquanto entre amarelos e pardos fica em 94,4% e 94%. Embora ainda com índice alto, os adolescentes identificados como pretos delegaram menos importância à escola (91,3%).

// Tabela 177 - Adolescentes, por raça, segundo importância que atribuem à escola para a sociedade, 2001/2002 (%)

Você acha que a escola é importante para a sociedade?	Raça/cor						
	Branca	Preta	Parda	Amarela	Indígena	Outros	Sem resposta
Sim	92,8	91,3	94	94,4	95,6	93,4	91,5
Não	3,5	4,7	3	3,4	2,9	2,4	2,1
Não sabe	0,6	0,8	0,4	0,6	0	1,9	4,3
Indiferente	0,8	0,6	0,6	0	0	1,9	0
Sem resposta	2,3	2,6	2	1,6	1,5	0,4	2,1
Total – N=5.280	100 (2.035)	100 (709)	100(2.033)	100 (177)	100 (68)	100 (211)	100 (47)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Tanto meninos quanto meninas consideram a escola como importante para a sociedade. Essa foi a resposta de 93,6% das adolescentes e de 92,7% dos adolescentes entrevistados. Entre os que não consideram a escola importante, a frequência ficou em 3,6% entre os meninos e 3,1% entre as meninas.

// Tabela 178 - Adolescentes, por sexo, segundo importância que atribuem à escola para a sociedade, 2001/2002 (%)

Você acha que a escola é importante para a sociedade?	Sexo	
	Masculino	Feminino
Sim	92,7	93,6
Não	3,6	3,1
Não sabe	0,6	0,6
Indiferente	0,7	0,7
Sem resposta	2,4	1,9
Total – N=5.280	100 (2.699)	100 (2.581)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

A escola também aparece como instituição importante em todas as classes sociais. Nas classes C e D (93,6% e 94,2%, respectivamente) é um pouco maior do que na classe B (91,3%) e na classe A (89,6%). Entre os que não consideram a escola importante, a frequência é maior na classe A (8,2%), seguida da classe B (5,3%), classe C (2,9%) e classe D (2,1%).

// Tabela 179 - Adolescentes, por classe social, segundo importância que atribuem à escola para a sociedade, 2001/2002 (%)

Você acha que a escola é importante para a sociedade?	Classe social				
	Classe D	Classe C	Classe B	Classe A	Sem resposta
Sim	94,2	93,6	91,3	89,6	90,3
Não	2,1	2,9	5,3	8,2	3,2
Não sabe	0,6	0,7	0,3	0,7	4,8
Indiferente	0,9	0,7	0,7	0	1,6
Sem resposta	2,2	2,1	2,4	1,5	0,1
Total – N=5.280	100 (843)	100 (3.278)	100 (963)	100 (134)	100 (62)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Entre as instituições citadas está também a Igreja. Nessa questão, chama a atenção as marcantes diferenças regionais da importância que os adolescentes delimitam à Igreja. Enquanto no Norte do País, 90% dos entrevistados consideram a Igreja uma instituição importante, a mesma percepção é comum a 85% dos adolescentes no Centro-Oeste, 83% no Nordeste, 77% no Sudeste, 71% no Sul.

Entre os adolescentes pardos a Igreja aparece com maior grau de importância na sociedade: 83% manifestaram essa opinião, seguidos por 81,4% dos amarelos, 77,4% dos identificados como pretos, 76,4% dos brancos e 75% dos indígenas. Os indígenas compõem o grupo em que mais entrevistados não consideram a Igreja importante (17,6%). Sentimento semelhante foi expresso por 12% dos pretos, 10,6% dos brancos, 8,1% dos pardos e 7,9% dos amarelos.

// Tabela 180 - Adolescentes, por raça, segundo importância que atribuem à Igreja para a sociedade, 2001/2002 (%)

Você acha que a Igreja é importante para a sociedade?	Raça/cor						
	Branca	Preta	Parda	Amarela	Indígena	Outros	Sem resposta
Sim	76,4	77,4	83	81,4	75	81	85,1
Não	10,6	12	8,1	7,9	17,6	10,4	8,5
Não sabe	3,5	3	2,3	4	4,4	3,8	2,1
Indiferente	6,6	3,5	4,2	5,1	1,5	4,3	2,1
Sem resposta	2,9	4,1	2,4	1,6	1,5	0,5	2,2
Total – N=5.280	100 (2.035)	100 (709)	100 (2.033)	100 (177)	100 (68)	100 (211)	100 (47)

Fonte: Pesquisa “A Voz dos Adolescentes”, Fator OM, 2001/2002

Também não varia muito a relação de importância que meninos e meninas delegam à Igreja. Enquanto 78,1% dos entrevistados do sexo masculino disseram que era importante, 80,9% das meninas disseram o mesmo. A percepção de que a Igreja não é importante é comum a 10,1% dos meninos e 9,5% das meninas. Além disso, 3,1% dos meninos e 2,9% das meninas mostraram-se indiferentes à Igreja como instituição.

// Tabela 181 - Adolescentes, por sexo, segundo importância que atribuem à Igreja para a sociedade, 2001/2002 (%)

Você acha que a Igreja é importante para a sociedade?	Sexo	
	Masculino	Feminino
Sim	78,1	80,9
Não	10,1	9,5
Não sabe	3,1	2,9
Indiferente	5,8	4,2
Sem resposta	2,9	2,5
Total – N=5.280	100 (2.699)	100 (2.581)

Fonte: Pesquisa “A Voz dos Adolescentes”, Fator OM, 2001/2002.

A Igreja aparece como instituição importante com mais intensidade na classe C (82,5% dos entrevistados). Na classe D, o percentual fica em 78,2%, enquanto na classe B chega a 71,9%. Os entrevistados da classe A deram menos importância à Igreja que os demais (67,9%). A rejeição à Igreja é maior na classe B (14,7%), quase o mesmo manifestado na classe A (14,2%). Na classe D, 9,1% disseram que a Igreja não é importante como instituição, enquanto o mesmo foi dito por 8,3% dos incluídos na classe C. É na classe A que aparecem mais adolescentes indiferentes à Igreja (12,7%). Nas demais, 6,6% na classe B, 4,3% na classe C e 5% na classe D.

// Tabela 182 - Adolescentes, por classe social, segundo importância que atribuem à Igreja para a sociedade, 2001/2002 (%)

Você acha que a Igreja é importante para a sociedade?	Classe social				
	Classe D	Classe C	Classe B	Classe A	Sem respostas
Sim	78,2	82,5	71,9	67,9	80,6
Não	9,1	8,3	14,7	14,2	11,3
Não sabe	3,8	2,5	3,7	4,5	4,8
Indiferente	5	4,3	6,6	12,7	3,2
Sem resposta	3,9	2,4	3,1	0,7	0,1
Total - N=5.280	100 (843)	100 (3.278)	100 (963)	100 (134)	100 (62)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Entre as outras instituições listadas, o governo é uma instituição importante para 66% dos adolescentes. Na região Norte está a maior porcentagem dos que consideram o governo uma instituição importante para a sociedade: 76%, contra 67% no Sul e Sudeste, 65% no Centro-Oeste e 64% no Nordeste.

É entre os amarelos que o governo aparece como mais importante para a sociedade (68,4% das respostas). Entre os brancos, fica em 68%, seguido dos pardos (67,1%). A importância do governo é um pouco menor entre pretos (59,5%) e indígenas (58,8%). São exatamente esses dois grupos que mais manifestam a opinião de que o governo não é importante (26,7% entre os pretos e 26,5% entre os indígenas), seguidos por pardos (19,9%), amarelos (19,2%) e brancos (17,9%). Os mais indiferentes ao assunto são os brancos e os indígenas (7,4%). Em seguida aparecem pardos e pretos (6,5%) e, por último, amarelos (6,2%).

// Tabela 183 - Adolescentes, por raça, segundo importância que atribuem ao governo para a sociedade, 2001/2002 (%)

Você acha que o governo é importante para a sociedade?	Raça/cor						
	Branca	Preta	Parda	Amarela	Indígena	Outros	Sem resposta
Sim	68	59,5	67,1	68,4	58,8	64,5	61,7
Não	17,9	26,7	19,9	19,2	26,5	19,4	21,3
Não sabe	3,2	3	3,5	4,5	5,9	4,7	4,3
Indiferente	7,4	6,5	6,5	6,2	7,4	9	8,5
Sem resposta	3,5	4,3	3	1,7	1,4	2,4	4,2
Total- N=5.280	100 (2.035)	100 (709)	100 (2.033)	100 (177)	100 (68)	100 (211)	100 (47)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

A percepção da importância do governo para a sociedade é quase a mesma entre os adolescentes (66,6%) e os adolescentes entrevistados (65,8%). O percentual dos que não consideram o governo importante é maior entre os meninos – 21,3% – contra 18,8% das meninas. A indiferença é comum a 7,4% das entrevistadas e a 6,6% dos entrevistados. Entre os que não souberam opinar, foram 4,1% entre as meninas e 2,8% entre os meninos.

// Tabela 184 - Adolescentes, por sexo, segundo importância que atribuem ao governo para a sociedade, 2001/2002 (%)

Você acha que o governo é importante para a sociedade?	Sexo	
	Masculino	Feminino
Sim	65,8	66,6
Não	21,3	18,8
Não sabe	2,8	4,1
Indiferente	6,6	7,4
Sem resposta	3,5	3,1
Total - N=5.280	100 (2.699)	100 (2.581)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Na classe A é maior o percentual de adolescentes que consideram o governo importante para a sociedade (75,4%) em relação às demais. Na classe B, o índice fica em 72,3%; na classe C, 65% e, na classe D, 63,6%. Nas classes C e D chega perto de 21% o percentual dos que não consideram o governo importante (veja Tabela 185). O mesmo foi dito por 15,2% dos entrevistados na classe B e 14,2% na classe A. A indiferença ao governo esteve presente nas respostas de cerca de 6% dos entrevistados nas diversas classes, como é possível observar na tabela abaixo.

// Tabela 185 - Adolescentes, por classe social, segundo importância que atribuem governo para a sociedade, 2001/2002 (%)

Você acha que o governo é importante para a sociedade?	Classe social				
	Classe D	Classe C	Classe B	Classe A	Sem resposta
Sim	63,6	65	72,3	75,4	51,6
Não	20,8	21,4	15,2	14,2	35,5
Não sabe	4,2	3,5	2,3	2,2	9,7
Indiferente	5,9	7,3	7,2	6,7	3,2
Sem resposta	5,5	2,8	3	1,5	0
Total - N=5.280	100 (843)	100 (3.278)	100 (963)	100 (134)	100 (62)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Com relação aos partidos políticos, 45% dos adolescentes consideram-nos importantes. Outros 36% argumentam que eles não têm a menor relevância. E um terceiro grupo (14%) declarou-se indiferente.

Não chega a 50% em nenhum dos grupos estudados, mas a importância dos partidos na sociedade é maior entre os brancos (44,3%) do que entre os pardos (43,5%), pretos (41,3%), amarelos (41,2%) e indígenas (38,2%). Entre os que não consideram os partidos importantes, a porcentagem é maior entre os indígenas (42,6%), seguidos dos pretos (41,2%), pardos (35,6%), amarelos (34,5%) e brancos (30,9%). Ao mesmo tempo, 15,3% dos brancos e amarelos responderam que são indiferentes aos partidos.

// Tabela 186 - Adolescentes, por raça, segundo importância que atribuem aos partidos políticos para a sociedade, 2001/2002 (%)

Você acha que os partidos políticos são importantes para a sociedade?	Raça/cor						
	Branca	Preta	Parda	Amarela	Indígena	Outros	Sem resposta
Sim	44,3	41,3	43,5	41,2	38,2	35,5	44,7
Não	30,9	41,2	35,6	34,5	42,6	33,2	34
Não sabe	5,4	2,3	5,8	7,3	5,9	7,6	4,3
Indiferente	15,3	11	12,2	15,3	11,8	21,8	14,9
Sem resposta	4,1	4,2	2,9	1,7	1,5	1,9	2,1
Total - N=5.280	100 (2.035)	100 (709)	100 (2.033)	100 (177)	100 (68)	100 (211)	100 (47)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Mais meninas consideraram os partidos políticos importantes para a sociedade (44,3% contra 41,8% dos meninos). Mas, ao mesmo tempo, é maior entre as meninas a porcentagem de indiferença em relação aos partidos (15% contra 12,5% dos meninos). A rejeição é maior entre os homens: 37% deles disseram que não acham os partidos políticos importantes para a sociedade, contra 31,8% das meninas. Completam a análise os 5,7% de meninas e os 4,8% de meninos que não souberam se posicionar sobre o tema.

// Tabela 187 - Adolescentes, por sexo, segundo importância que atribuem aos partidos políticos para a sociedade, 2001/2002 (%)

Você acha que os partidos políticos são importantes para a sociedade?	Sexo	
	Masculino	Feminino
Sim	41,8	44,3
Não	37	31,8
Não sabe	4,8	5,7
Indiferente	12,5	15
Sem resposta	3,9	3,2
Total - N=5.280	100 (2.699)	100 (2.581)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

É na classe A que os adolescentes manifestam maior importância aos partidos políticos (47,8%). Nas demais, a mesma resposta foi dada por cerca de 44% dos adolescentes da classe B e D. A classe C é aquela em que o índice de importância é menor (42,4%). É também na classe C o maior índice de rejeição aos partidos: 35,5% disseram que eles não são importantes para a sociedade. Nas demais, 34% na classe D, e 31,9% na classe B. A classe A aparece com um índice menor: 22,4% dos adolescentes nesse estrato não consideraram os partidos políticos importantes. Mas, se a aparente rejeição é menor na classe A, o percentual de indiferença aos partidos chega a 20,9% entre os adolescentes desse estrato, o maior na divisão por classes. Nas outras, 15,2% na classe B, 13,9% na classe C e 10,9% na classe D.

// Tabela 188 - Adolescentes, por classe social, segundo importância que atribuem aos partidos políticos para a sociedade, 2001/2002 (%)

Você acha que os partidos políticos são importantes para a sociedade?	Classe social				
	Classe D	Classe C	Classe B	Classe A	Sem resposta
Sim	44	42,4	44,1	47,8	7,1
Não	34	35,5	31,9	22,4	50
Não sabe	5,6	5	5,2	7,5	8,1
Indiferente	10,9	13,9	15,2	20,9	4,8
Sem resposta	5,5	3,2	3,6	1,4	0
Total - N=5.280	100 (843)	100 (3.278)	100 (963)	100 (134)	100 (62)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Com relação à importância da polícia para a sociedade, varia pouco o índice de citação, se levadas em conta as diferentes raças. Chega a 79,9% entre os brancos, 79,8% entre os pardos, 79,1% entre os amarelos, 77,9% entre os indígenas e 72,8% entre os identificados como pretos. A rejeição à polícia como instituição foi expressa nas respostas de 16,9% dos adolescentes identificados como pretos, 13% dos amarelos e dos pardos, 11,5% dos brancos e 10,3% dos indígenas. Entre os indígenas, 10,3% são indiferentes à polícia como instituição importante para a sociedade, porcentagem que cai para 4,5% entre os amarelos, 4,4% entre

// Tabela 189 - Adolescentes, por raça, segundo importância que atribuem à polícia para a sociedade, 2001/2002 (%)

Você acha que a polícia é importante para a sociedade?	Raça/cor						Sem resposta
	Branca	Preta	Parda	Amarela	Indígena	Outros	
Sim	79,9	72,8	79,8	79,1	77,9	73,5	78,7
Não	11,5	16,9	13	13	10,3	15,2	10,6
Não sabe	2,1	2,5	2,4	1,7	0	2,8	6,4
Indiferente	3,9	4,4	3,1	4,5	10,3	8,1	4,3
Sem resposta	2,6	3,4	1,7	1,7	1,5	0,4	0
Total - N=5.280	100 (2.035)	100 (709)	100 (2.033)	100 (177)	100 (68)	100 (211)	100 (47)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Entre os entrevistados, 79,4% das garotas e 77,7% dos garotos consideraram a polícia uma instituição importante para a sociedade. Os índices de rejeição e indiferença são semelhantes entre os dois sexos. O de rejeição (não-importância da instituição) fica em 13,2% entre os meninos e 12,7% entre as meninas, enquanto a indiferença atinge aproximadamente 4% dos entrevistados em ambos os sexos.

DIREITOS E PARTICIPAÇÃO

// Tabela 190 - Adolescentes, por sexo, segundo importância que atribuem à polícia para a sociedade, 2001/2002 (%)

Você acha que a polícia é importante para a sociedade?	Sexo	
	Masculino	Feminino
Sim	77,7	79,4
Não	13,2	12,7
Não sabe	2,6	2
Indiferente	4,1	3,8
Sem resposta	2,4	2,1
Total - N=5.280	100 (2.699)	100 (2.581)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Se na classe A a Igreja encontra a menor credibilidade por estrato dos adolescentes entrevistados, ocorre o oposto em relação à polícia. Para 84,3% dos entrevistados pertencentes à classe A esta é uma instituição importante para a sociedade. Na classe B, essa é a opinião de 79,5% dos entrevistados. Na classe C 78,4% disseram o mesmo, contra 77,9% na classe D. É maior na classe D a sensação de que a polícia não é importante (16,9%), comparado com os 12% das classes B, 12,4% da classe C e 6,7% da classe A. A indiferença à polícia é maior entre os entrevistados da classe A (6%), seguida da classe C (4,6%), B (3,5%) e D (1,5%).

// Tabela 191 - Adolescentes, por classe social, segundo importância que atribuem à polícia para a sociedade, 2001/2002 (%)

Você acha que a polícia é importante para a sociedade?	Classe social				
	Classe D	Classe C	Classe B	Classe A	Sem resposta
Sim	77,9	78,4	79,5	84,3	69,4
Não	16,9	12,4	12	6,7	24,2
Não sabe	1,4	2,5	2,3	2,2	3,2
Indiferente	1,5	4,6	3,5	6	3,2
Sem resposta	2,3	2,1	2,7	0,8	0
Total - N=5.280	100 (843)	100 (3.278)	100 (963)	100 (134)	100 (62)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002.

Informações do Tribunal Superior Eleitoral indicam que, na eleição de 2000, 43% dos adolescentes com 16 e 17 anos no Brasil tinham o título eleitoral. Entre os adolescentes entrevistados na pesquisa *A Voz dos Adolescentes*, o resultado chegou a 38,6% dos entrevistados.

O Nordeste é a região com menor número de adolescentes que tiveram o título (24,3%). Esse dado é um pouco maior no Sul (29,5%). O Centro-Oeste e o Sudeste apresentam mais de 50% dos adolescentes em idade eleitoral com interesse em exercer sua cidadania pelo voto, como pode ser observado na tabela abaixo.

// Tabela 192 - Adolescentes em idade eleitoral (= 16 anos), por região, segundo posse de título de eleitor, 2001/2002 (%)

Possui título?	Sul	Centro-Oeste	Norte	Sudeste	Nordeste	Brasil
Sim	29,5	51,6	34,7	52,2	24,3	38,6
Não	70,5	48,4	65,3	47,8	75,7	61,4
Total (N)	100 (166)	100 (161)	100 (118)	100 (624)	100 (604)	100 (1.673)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002. * Tabela construída levando em consideração apenas as respostas dos adolescentes com idade igual ou superior a 16 anos.

Quando verificamos a posse de título de eleitor por raça, verificamos que os pardos representam o grupo que menos têm o título de eleitor (83% não tiraram o documento e 17% tiraram). Os amarelos são os que mais têm o título (49% têm o documento), seguidos dos brancos (42% têm o título), dos indígenas (37% têm o título) e dos identificados como pretos (20%).

Os adolescentes que mais têm o título de eleitor estão nas extremidades dos estratos sociais: classe A (com 53, 3%) e classe D (com 43, 9%). Nas classes intermediárias, o número de adolescentes com títulos chega a 41,2% na classe B e 35,1% na classe C.

// Tabela 193 - Adolescentes, por classe social, segundo a posse do título de eleitor (%)

Possui título?	Classe social					Total
	Classe D	Classe C	Classe B	Classe A	Sem Resposta	
Sim	43,9	35,1	41,2	53,3	62,5	38,6 (646)
Não	56,1	64,9	58,8	46,7	37,5	61,4 (1.027)
Total	100 (230)	100 (1017)	100 (342)	100 (60)	100 (24)	100 (1.673)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002. * Tabela construída levando em consideração apenas as respostas dos adolescentes com idade igual ou superior a 16 anos.

Entre os adolescentes em idade eleitoral, 41,3% disseram que não participam das eleições de governantes, porque acham que ainda não têm idade. Outros 21,9% disseram que têm idade, mas preferem não participar por não gostarem de política. Por outro lado, 20,1% dos entrevistados disseram que participam das eleições votando, enquanto outros 3,4% participam votando e fazendo campanha para o candidato de sua preferência.

// Tabela 194 - Adolescentes em idade eleitoral (= 16 anos), segundo participação nas eleições dos governantes, 2001/2002 (%)

Você participa nas eleições dos governantes?	Brasil
Não participo porque não tenho idade	41,3
Participo votando	20,1
Participo votando e fazendo campanha para o meu candidato	3,4
Tenho idade para participar, mas não participo, porque não gosto de política	21,9
Outros	7,6
Total (N)	100 (1.673)

Fonte: Pesquisa "A Voz dos Adolescentes", UNICEF/Fator OM/2002. * Tabela construída levando em consideração apenas as respostas dos adolescentes com idade igual ou superior a 16 anos.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

As questões sobre seu envolvimento em associações comunitárias, grêmios escolares, discussões sobre problemas no bairro, organização de festas e gincanas, revelam que 65% dos adolescentes entrevistados nunca participaram desse tipo de atividade. Entre os que se envolvem de alguma forma, a frequência é maior nos grêmios escolares e na organização de gincanas (ambas com 13% das citações).

Os adolescentes que disseram não se considerar pessoas voluntárias somam 33%. Entre os demais, 16% já participaram de ações voluntárias e 48% gostariam de participar, mas não sabem como fazer. Como não sabem a quem recorrer, 51% dos entrevistados nunca participaram de qualquer tipo de atividade que envolvesse o voluntariado. Entre os que participaram, 20% envolveram-se em campanhas para o recolhimento de doativos, alimentos ou agasalhos; 16% participaram de campanhas contra a fome e 10% participaram de ações contra as drogas, mesma porcentagem dos que participaram de campanhas pela preservação do meio ambiente.

Porém, mesmo com a aparente tendência de crescimento estatístico do voluntariado, 84% dos adolescentes entrevistados que participaram de atividades voluntárias só o fizeram entre uma e três vezes.

A relação que os adolescentes entrevistados mantêm com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) é muito semelhante àquela já observada em relação a instituições como governo, partidos políticos e eleições. O Estatuto é retratado como uma lei que não está próxima dos adolescentes, teria pouca aplicabilidade e reflexos distantes da realidade do adolescente.

Para mapear a percepção dos adolescentes sobre o Estatuto, o questionário adotou uma estratégia de testá-la em três fases. Na primeira, perguntava-se se o adolescente já tinha ouvido do falar sobre o Estatuto e onde. Na segunda, o adolescente era perguntado sobre o nível de conhecimento que tinha acerca do Estatuto, em uma questão objetiva. Na terceira e última fase, os adolescentes eram convidados a enumerar os direitos previstos na lei que eles conhecessem.

// Tabela 195 - Frequência de adolescentes que já ouviram falar do Estatuto da Criança e do Adolescente (nacional), 2001/2002 (%)

Adolescentes que ouviram falar do Estatuto da Criança e do Adolescente	
Sim	70
Não	27
Sem resposta	3
Total	100 (5.280)

A maioria dos adolescentes entrevistados ouviu falar do Estatuto da Criança e do Adolescente pela televisão (47%). Na escola, 28% dos entrevistados receberam informações sobre o Estatuto.

Mesmo com 70% dos entrevistados tendo ouvido falar do Estatuto, 27% consideram-se pouco informados, enquanto 12% dizem que não são nada informados. Outros 31% disseram conhecer “mais ou menos” o Estatuto. Os que se consideram “muito informados” somam 5%. O número de respostas em branco nessa questão foi de 25%.

// Tabela 196 - Adolescentes, por região, segundo percepção sobre seu nível de informação a respeito do Estatuto da Criança e do Adolescente, 2001/2002 (%)

Percepção em relação ao Estatuto da Criança e do Adolescente	Sul	Centro-Oeste	Norte	Sudeste	Nordeste	Brasil
Muito informado	6	7	3	6	5	5
Mais ou menos informado	35	35	30	35	22	31
Pouco informado	32	34	33	21	29	27
Nada informado	14	8	14	11	14	12
Sem resposta	13	16	20	27	30	25
Total (N)	100 (720)	100 (399)	100(400)	100(2.060)	100 (1.701)	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa “A Voz dos Adolescentes”, UNICEF/Fator OM/2002.

A terceira fase do questionamento sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente visava avaliar quais direitos previstos na Lei são conhecidos pelos adolescentes. As respostas em branco nessa questão chegaram a 35%.

Entre os direitos mencionados, a educação está mais fixada no discurso dos adolescentes entrevistados (33%). Outras citações foram sobre o direito à vida e à saúde (26%), liberdade e respeito, lazer e esporte (cada um com 22%).

Para ampliar a análise do conhecimento dos adolescentes sobre o Estatuto, optou-se por quantificar o número de direitos citados. A maioria (30%) conhece entre um e três direitos previstos na Lei, enquanto 14% não conhecem nenhum. 35% dos entrevistados optaram por não responder a pergunta. Os que conhecem mais de três dos direitos somam 10%.

Na divisão por classes sociais, no entanto, aparecem grandes disparidades no acesso às informações previstas no Estatuto. Em todos os temas, as classes mais ricas manifestaram conhecimento maior sobre os direitos do que os adolescentes entrevistados pertencentes a estratos menos favorecidos. O direito à educação, por exemplo, foi citado por 28% dos adolescentes entrevistados da classe D, 31% da classe C, 40% da classe B e 43% da classe A.

Outro cruzamento que indicou uma variação considerável foi o que dividiu as respostas sobre o ECA por tipo de estabelecimento de ensino (públicos e particulares). Os adolescentes entrevistados que estudam em escolas particulares manifestaram maior conhecimento em relação aos que estudam em colégios públicos. Alguns exemplos: 17% dos alunos de escola pública conhecem o direito à cultura. Nas escolas particulares, o dado chega a 26%. Em escolas públicas, 30% conhecem o direito à educação, o que ocorre com 43% nas particulares. Nos estabelecimentos de ensino governamentais, 23% conhecem o direito à saúde; nos particulares, são 36%.

// O Estatuto da Criança e do Adolescente

Síntese das respostas dos adolescentes nos grupos focais. As frases destacadas em itálico são palavras dos próprios adolescentes

"É a constituição da criança e do adolescente."

De forma geral, os adolescentes já ouviram falar no Estatuto da Criança e do Adolescente. Mesmo os adolescentes que dizem não conhecer o Estatuto, conseguem citar algum assunto em evidência no momento ou os direitos básicos de maior visibilidade, como educação, saúde e lazer. Os adolescentes que disseram conhecer o Estatuto conseguem explicar preceitos da lei sobre tratamento gratuito para adolescentes envolvidos em drogadição, medidas de punição ao adolescente em conflito com a lei, etc.

"É uma maneira que a justiça achou pra nos ajudar ou defender se alguma coisa ocorrer. Nós não somos responsáveis por nós mesmos até os 18 ou 21 anos."

Participantes de 15 a 17 demonstram maior conhecimento do Estatuto, comparados aos adolescentes de 12 a 14 anos. Os adolescentes alunos da rede privada também têm mais conhecimento sobre a lei se comparados aos da rede pública.

Meninas e meninos com histórico de trabalhos escolares sobre o Estatuto ou aqueles envolvidos em grupos formados por ONGs ou grêmios estudantis possuem um conhecimento mais aprofundado da legislação.

Durante o debate sobre o Estatuto e sobre direitos, os temas mais abordados foram: medidas socioeducativas, a importância da família na vida do adolescente, idade mínima para o trabalho, as políticas da escola, classificação etária dos programas televisivos e prioridade no atendimento público.

Quando perguntados sobre o que poderiam fazer para garantir os seus direitos, poucos adolescentes consideraram como melhor opção “informar-se” (5%) ou “lutar para exigir que sejam implementados” (9%). As perguntas abertas sobre o tema revelaram uma tendência de associar a garantia dos seus direitos ao respeito aos direitos dos outros.

Nessa perspectiva, 25% disseram que fazer valer os direitos significa “cumprir leis e normas”, com algumas variações nas respostas, como “andar na linha”, “respeitar o direito dos outros”, “cumprir leis”, “agir corretamente com os outros”, “ser obediente”. A segunda resposta mais frequente à pergunta foi “não sei”, com 24% das citações. Ajudar em casa aparece com 9% das citações, enquanto “estudar” foi citado por 6% dos entrevistados.

// Tabela 197 - Adolescentes segundo a sua responsabilidade na garantia dos próprios direitos (nacional), 2001/2002

Responsabilidade na garantia dos direitos	
Cumprir leis e normas	25
Não sabe	24
Sem resposta	13
Ajudar em casa	9
Correr atrás, ir à luta pelos direitos	9
Estudar	6
Conhecer melhor os direitos, informar-se	5
Outros	3
Impor-se	2
Nenhuma responsabilidade	2
Diálogo	1
Trabalhar	1
Total	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa “A Voz dos Adolescentes”, UNICEF/Fator OM/2002.

Quando perguntados sobre o que era, para eles, ser respeitado, a resposta mais citada foi “não sei” (21%). Em segundo lugar, com 20% das citações, apareceu a opção “ser bem tratado”, ou seja, as pessoas terem consideração pelo adolescente, suas opiniões, seus sentimentos e suas crenças. A terceira resposta mais comum foi ter atitudes de consideração com o outro (16%). Em quarto, com 10% das citações, aparece a opção “poder exercer os próprios direitos”.

// Tabela 198 – Adolescentes, segundo percepção do que é ser respeitado (nacional), 2001/2002

Ações de respeito	
Não sabe	21
Ser bem tratado (pessoas terem consideração)	20
Ter atitudes de consideração com o outro	16
Poder exercer os direitos	10
Não sofrer agressões morais	9
Sem resposta	8
Outros	5
Não ser discriminado	4
Preocupações com a coletividade	3
Não sofrer agressões sexuais	2
Receber educação	1
Não sofrer agressões físicas	1
Total	100 (5.280)

Fonte: Pesquisa “A Voz dos Adolescentes”, UNICEF/Fator OM/2002.

BIBLIOGRAFIA

BOURDIEU, Pierre. & Passeron, Jean-Claude. A Reprodução. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1975.

CARVALHO, José Jorge de & Segato, Rita Laura. Uma proposta de cotas para estudantes negros na Universidade de Brasília. Brasília: Universidade de Brasília, 2002.

CARVALHO, José Murilo de. Cidadania no Brasil: um longo caminho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

COELHO, Maria Francisca Pinheiro. O Gosto pela Leiatura. In: Araújo, Caetano Ernesto Pereira de, Política e Valores. Ed. UnB, 2000.

COSTA, C. A milésima segunda noite. Annablume, 2000.

DEBORD, Guy. A Sociedade do Espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

DEMO, Pedro. Metodologia Científica. São Paulo: Atlas, 1985

DEWEY, J. Human Nature and conduct, New York: Henry Holt, 1992.

DUARTE, N. A ordem privada e a organização política nacional. São Paulo: Nacional, 1939.

EDWARD, C. Banfield. The Moral Basis of a Backward Society. Glencoe The Free Press, 1958

FERRÉS, J. Televisão Subliminar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979, 7ª ed.

FROMM, Erich. Psicanálise de la sociedad contemporánea. Mexico: FCE, 1944.

GOFFMAN, Erving. A Representação do Eu na vida cotidiana. Petrópolis: Vozes, 1999.

KOHLSDORF, Nara. Televisão: a socialização na sociedade de consumo. Brasília: SOL/Universidade de Brasília, 2002.

MARCONI, Mariana de Andrade & Lakatos, Eva Maria. Técnicas de pesquisa. São Paulo: Ed. Atlas, 1996.

MARTINS, Maria Helena. O Enigma da Leitura. In: A Escola Cidadã no Contexto da Globalização. Org. Juana M. Sancho. Porto Alegre: Ed. Artmed, 1998.

MARX, Karl. O Capital. Livro 1, Vol. I. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1975.

MCLUHAN, Marshall. Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem. São Paulo: Editora Cultrix, 1979.

MERTON, R. K. Sociologia, teoria e estrutura. São Paulo: Mestre Jou, 1968.

ROMANO, R & Grill, F. Imaginação Social. In: Enciclopédia Einaudi. Vol. 05. Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984. RUA, Maria das Graças & Abramovay, Miriam. Avaliação das Ações de Prevenção às DST/AIDS e Uso Indevido de Drogas nas Escolas de Ensino Fundamental e Médio em Capitais Brasileiras. Brasília: Unesco, Ministério da Saúde, Grupo Temático Unids, Undcp, 2001.

SCHWARTZMAN, Simon. Cor, raça e origem no Brasil. São Paulo, 1999.

WEBER, M. Economia e Sociedade. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1991.

WEBER, M. Basic Concepts in Sociology. New York: Citadel, 1962.

REFERÊNCIAS

Agência de Notícias dos Direitos da Infância - ANDI

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE: Censo 2000

Revista IstoÉ n.º 1686, de 23 de janeiro de 2002
Pesquisa CPM Research

Pesquisa A Voz dos Adolescentes na América Latina e Caribe, UNICEF, 1999.

Pesquisa Os Jovens e O Consumo Sustentável, Instituto Akatu e Indicador Opinião Pública.

Pesquisa Juventude: Cultura e Cidadania, Núcleo de Opinião Pública (NOP) da Fundação Perseu Abramo.

Desigualdade e Solidariedade: uma releitura do familismo amoral de Banfield. Revista Brasileira de Ciências Sociais n.º 29, 1995

